

Escolaridade, Autoconceito e Resiliência em Situação de Reclusão

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Célia Alexandra Baptista Andrade

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

maio | 2015

Ma

Esc

T/M UMa
159,9
AND Esc

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
BIBLIOTECA

75745
KOH A

Escolaridade, Autoconceito e Resiliência em Situação de Reclusão

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Célia Alexandra Baptista Andrade

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

ORIENTADOR

Maria Regina Teixeira Ferreira Capelo

CO-ORIENTADOR

Renato Gil Gomes Carvalho

Aos meus pais e irmãos.

Agradecimentos

A presente dissertação revela um importante exercício de investigação e uma experiência pessoal no meu percurso de vida. Assim, expresso o meu eterno agradecimento aos que partilharam esta experiência e que, de certo modo, contribuíram para a sua realização.

Aos meus orientadores, Professora Doutora Regina Capelo e Professor Doutor Renato Carvalho, pela partilha de conhecimentos, pelo estímulo constante, pela forma rigorosa com que orientaram esta tese e pelos desafios propostos.

Aos autores dos questionários aplicados, Professor Doutor Vaz Serra e Professor Doutor Marco Pereira, pelo consentimento na utilização do Inventário Clínico do Autoconceito e da Escala de Resiliência para Adultos, respetivamente.

Ao Sr. Diretor do estabelecimento onde foi realizado o estudo, pela amabilidade em ter permitido a concretização desta investigação.

Aos reclusos que, amavelmente, aceitaram participar no estudo.

Ao Dr. Óscar Correia, pela gentileza, apoio e cooperação demonstrada ao longo da realização deste estudo.

À Vera Duarte e à Diana Nuñez pelo companheirismo, amizade, apoio e motivação. Ao Frederico Teixeira, pelos momentos partilhados ao longo de todo o percurso académico.

Ao Roberto Jesus, por me ter acompanhado ao longo do meu percurso académico, pelo apoio, paciência, compreensão e motivação incansáveis.

À minha família, por tudo!

Resumo

A população de reclusos em Portugal tem aumentado gradualmente nas últimas décadas e encontra-se com uma taxa superior comparativamente a vários países europeus. Neste contexto, importa analisar as dimensões psicológicas que contribuem para a compreensão da realidade e da vivência da reclusão. Assim, o presente estudo tem como principal objetivo analisar a relação entre a escolaridade, o autoconceito e a resiliência em situação de reclusão. A amostra foi constituída por 56 reclusos, do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 16 e os 57 anos ($M = 33$, $DP = 9$). Recorreu-se a técnicas quantitativas e qualitativas, respetivamente o *Inventário Clínico do Autoconceito (ICAC)* e a *Escala de Resiliência para Adultos (ERA)*, e como meio de explorar as representações dos inquiridos no contexto de reclusão, foi utilizado um questionário com questões de resposta aberta. Os resultados obtidos indicam a não existência de relações estatisticamente significativas entre a escolaridade o autoconceito e entre a escolaridade e a resiliência; a existência de relações positivas entre as dimensões do autoconceito e da resiliência, designadamente o estilo estruturado (*ERA*) com o autoconceito global, a autoeficácia e a impulsividade-atividade (*ICAC*). Os resultados mostram que os participantes mais velhos e os reincidentes planeiam melhor o futuro; os que têm menos tempo de prisão apresentam competências sociais mais elevadas; e os reclusos que trabalham apresentam maior aceitação social; que a maioria dos reclusos tem uma má representação de si após ter cometido um crime; que as variáveis que contribuem para um bom autoconceito assinaladas são ter trabalho, não cometer o mesmo erro, ter apoio da família e ter responsabilidades. Conclui-se que a escolaridade não influencia o autoconceito nem a resiliência dos participantes.

Palavras-chave: escolaridade, autoconceito, resiliência, reclusão.

Abstract

The population of prisoners in Portugal has gradually increased in recent decades and is at a higher rate compared to several European countries. In this context, the psychological dimensions that contribute to the understanding of reality and the prison experience should be examined. Thus, this study aims to analyze the relationship between education, self-concept and resilience in confinement. The sample consisted of 56 prisoners, male, aged 16 to 57 years ($M = 33$, $SD = 9$). Quantitative and qualitative techniques were adopted, the Clinical Inventory Self (ICAC) and the Resilience Scale for Adults (ERA) respectively, and as a means to explore the representations of those surveyed in prison context, a questionnaire of open response was utilized. The results indicate that there is no statistically significant relationship between education and self-concept between education and resilience; the existence of positive relationships between the dimensions of self-concept and resilience, particularly the structured style (ERA) with the overall self-concept, self-efficacy and impulsivity-activity (ICAC). The results show that older participants and repeat offenders better plan the future; those with less jail time have higher social skills; and prisoners who work have greater social acceptance; most prisoners have a bad representation of themselves after having committed a crime; the variables that contribute to good self-concept are having a job, not making the same mistake, having family support and having responsibilities. We conclude that schooling does not influence the self or the resilience of the participants.

Keywords: education, self-concept, resilience, seclusion.

Índice

Introdução.....	1
Autoconceito.....	3
Autoconceito e reclusão.....	7
Resiliência.....	8
Resiliência e reclusão.....	12
Escolaridade.....	14
Escolaridade e reclusão.....	16
Escolaridade, autoconceito e resiliência.....	19
Metodologia.....	20
Questão de investigação e objetivos.....	21
Esquema conceptual da investigação.....	22
Participantes.....	23
Instrumentos.....	23
Procedimentos de recolha e análise de dados.....	26
Resultados.....	31
Discussão.....	41
Conclusão.....	46
Referências Bibliográficas.....	49
Anexos.....	62
Anexo 1. Carta de pedido de autorização ao Diretor do E.P.F.....	63
Anexo 2. Carta de pedido de autorização para a utilização do ICAC.....	64
Anexo 3. Carta de pedido de autorização para aplicação da ERA.....	65
Anexo 4. Questionário aplicado aos reclusos.....	66
Anexo 5. Tabelas referentes às diferenças intergrupais em função da idade.....	72

Anexo 6. Tabelas referentes às diferenças intergrupais em função do estado civil.....	77
Anexo 7. Tabelas referentes às diferenças intergrupais em função do nível de ensino.....	79
Anexo 8. Tabelas referentes às diferenças intergrupais em função dos antecedentes criminais.....	82
Anexo 9. Tabelas referentes às diferenças intergrupais em função da prisão atual.....	85
Anexo 10. Tabelas referentes às diferenças intergrupais em função da permanência no estabelecimento.....	87
Anexo 11. Tabelas referentes às diferenças intergrupais em função da situação no estabelecimento.....	91
Anexo 12. Tabelas referentes às diferenças intergrupais em função do apoio familiar.....	96
Anexo 13. Tabela da grelha de codificação.....	101
Anexo 14. Tabela dos testes de normalidade.....	111

Índice de tabelas

Tabela 1. Frequências e percentagens referentes às características pessoais.....	32
Tabela 2. Frequências e percentagens referentes aos fatores do autoconceito.....	33
Tabela 3. Frequências e percentagens referentes ao autoconceito em situação de reclusão.....	33
Tabela 4. Frequências e percentagens referentes à situação de reclusão.....	34

Tabela 5. Frequências e percentagens referentes à adaptação à reclusão.....	34
Tabela 6. Frequências e percentagens referentes às estratégias.....	35
Tabela 7. Frequências e percentagens referentes aos sentimentos.....	35
Tabela 8. Estatísticas descritivas dos resultados do <i>ICAC</i>	36
Tabela 9. Estatísticas descritivas dos resultados da Escala de Resiliência para Adultos.....	36
Tabela 10. ANOVA da <i>ERA</i> em função da idade.....	37
Tabela 11. Teste de amostras independentes da <i>ERA</i> em função da prisão atual.....	38
Tabela 12. ANOVA da <i>ERA</i> em função da permanência no estabelecimento.....	39
Tabela 13. ANOVA do <i>ICAC</i> em função da situação laboral e de ensino no estabelecimento.....	40
Tabela 14. Correlações de Pearson.....	40

Índice de figuras

Figura 1. Esquema concetual da investigação.....	22
--	----

Lista de abreviaturas

ICAC. Inventário Clínico do Autoconceito

ERA. Escala de Resiliência para Adulto

Introdução

Existe um elevado número de investigações realizadas no contexto prisional que aborda as questões de adaptação e ajustamento, focando o *locus* de controlo, a autoestima e a motivação para a mudança neste contexto específico (Tongeren & Klebe, 2010). Paralelamente, o domínio dos processos de *stress* e *coping* é considerado uma área emergente de investigação na área do comportamento criminal (Afonso, 2012; Philips & Lindsay, 2011). No entanto, existe uma lacuna na integração de outros constructos como o autoconceito, a resiliência e a escolaridade, que têm sido pouco estudados em conjunto num contexto tão particular como é o prisional. Devido à escassez de estudos nesta área, torna-se necessário contribuir, de uma forma exploratória, para um aprofundamento do conhecimento sobre a relação destas variáveis no contexto prisional.

O autoconceito pode ser definido como a representação que o indivíduo tem de si próprio, sendo construído com base nos acontecimentos pessoais. Este constructo é fundamental para explicar, predizer e descrever o comportamento. Baseia-se na relação com os outros, nas emoções, nas perceções e na autoanálise sobre experiências passadas do indivíduo. Um autoconceito avaliado como pouco definido pode constituir um fator de risco e contribuir para o surgimento de comportamentos desviantes que, frequentemente estão associados à delinquência e a graus elevados do comportamento criminoso (Donnellan, Trzesniewski, Robins, Moffitt, & Caspi, 2005).

Por outro lado, a resiliência traduz-se na capacidade que o indivíduo possui para reagir, responder e enfrentar as adversidades de forma adaptativa. A resiliência tem vindo a ser reconhecida como um processo comum, presente no desenvolvimento e resulta da combinação entre as características individuais, o ambiente social, familiar, cultural e a qualidade e quantidade dos acontecimentos vitais (Peltz, Moraes & Carlotto, 2010). Os comportamentos considerados delinquentes podem ser influenciados pela estabilidade da

resiliência, qualidade de vida, relações familiares e pelas características comportamentais. Numa fase de reclusão, a boa adaptação ao contexto prisional só será complementada se o apoio exterior tiver uma influência positiva na adoção de novos estilos de comportamento, a qual passa pela capacidade de resiliência que o indivíduo adquire ao longo do cumprimento da pena.

Face aos aspetos teóricos expostos e, tendo em conta os objetivos delineados, apresenta-se na primeira parte deste estudo o enquadramento teórico, abordando o estudo da arte da investigação sobre o autoconceito, incluindo a sua relação com os comportamentos desviantes, a resiliência, a resiliência associada aos comportamentos desviantes e a escolaridade em situação de reclusão e também associada ao autoconceito e à resiliência. Num segundo momento, será explanado o estudo empírico, onde será exposto a metodologia utilizado, a definição dos objetivos do estudo, a caracterização da amostra, a apresentação dos instrumentos utilizados e será esclarecido o procedimento realizado. A segunda parte desta investigação termina com a apresentação dos resultados e a sua posterior análise e discussão.

No que se refere à população de reclusos, Portugal encontra-se com uma taxa superior a vários países europeus como Inglaterra, Espanha, Alemanha, França ou Itália, com 145 reclusos por 100 mil habitantes (Wacquant, 2000). Do ano 2009 para o ano 2010, compreendeu-se um aumento da população prisional, havendo uma taxa de ocupação de 96% (Direção Geral dos Serviços Prisionais, 2010). Segundo os dados estatísticos disponíveis em Junho de 2012, o total de população portuguesa em situação de reclusão era de 12 579 indivíduos, o que representa um aumento de 20% em relação ao ano de 2009. A população masculina é maioritária, representando 95% da população que vive em estabelecimentos prisionais, sendo que este aspeto é semelhante noutros países. Em relação à faixa etária, existe uma predominância dos reclusos entre os 26 e os 35 anos com uma percentagem total

de 38%, seguidos da faixa etária entre os 16 e os 25 anos com 23% (Direção Geral dos Estabelecimentos Prisionais, 2012).

Autoconceito

O estudo do autoconceito tem vindo a receber interesse científico, sendo que William James foi pioneiro a estudar este constructo através de uma perspetiva psicológica (Sousa, 2012; Henriques, 2009), com a publicação do livro “*The Principles of Psychology*”, em 1890. Nesta obra, James identificou os quatro componentes do autoconceito – *self spiritual*, *self material*, *self social*, e *self corporal* – os quais têm importância decrescente na autoestima do indivíduo (Henriques, 2009).

O autoconceito é encarado como um constructo de grande utilidade para analisar como o indivíduo se vê e para explicar a adequação dos seus comportamentos a nível social e ambiental (Santos, 2009), já que constructo influencia a maneira como o indivíduo encara determinados acontecimentos, objetos e pessoas, afetando o próprio comportamento e as suas vivências (D’aroz, Begnini, Azevedo, Asinelli-Luz, & Cunha, 2009). Um autoconceito bem definido encontra-se associado a uma maturidade vocacional, sucesso académico, bem-estar psicológico e integração social (Nogueira, 2012).

O autoconceito começou por ser encarado como unidimensional, ou seja, as suas facetas específicas não podiam ser diferenciadas, uma vez que eram dominadas por um fator geral. No entanto, esta perspetiva foi alvo de críticas, dando lugar à perspetiva multidimensional, que considera que o autoconceito está inerente à existência de domínios independentes (Marsh & Craven, 2006; Nunes, 2010; Burgos & Urquijo, 2012; Duguay, 2000), sofrendo alterações e reestruturações ao longo do desenvolvimento (Martins, 2005). Uma vez que o indivíduo se insere em contextos diversificados e desempenha tarefas

distintas, verifica-se uma produção de cognições diferenciadas sobre os seus desempenhos nas mais diversas situações (Martins, 2005).

A criação de uma definição única e universal do termo autoconceito é difícil considerando a sua complexidade. No entanto, vários autores (Gonçalves, 2013; Costa, 2002; Emídio, Santos, Maia, Monteiro e Veríssimo, 2008; Taylor, Davis-Kean & Malanchuk, 2007) apresentam definições convergentes ao defini-lo como a percepção que os indivíduos têm de si próprios. Essa percepção é construída através de fatores como a auto-percepção (que corresponde à informação que o indivíduo recolhe sobre si); a avaliação refletiva (que se traduz na forma como o indivíduo acha que é visto pelos outros); a comparação social (que se refere ao fato de o indivíduo utilizar os outros como fonte de referência e informação); a comparação temporal (visto que os indivíduos fazem uma retrospectiva da sua vida); e a consciência que o indivíduo tem sobre o seu desempenho nos mais variados momentos, esclarecem a construção do autoconceito (Sim-Sim & Lima, 2004; Nunes, 2010).

O autoconceito relaciona-se com as atitudes, competências, sentimentos, aparência, conhecimento das próprias capacidades e aceitação social (Faria, 2005), representando um elemento essencial da consciência e do comportamento (Nogueira, 2012), que integra a personalidade e assume uma certa relevância para a sua formação (González-Pienda, Pérez, Glez-Pumariega, & García, 1997). Este constructo é de índole complexa, pois de acordo com o desenvolvimento do indivíduo, o autoconceito sofre modificações e reestruturações (Cerqueira, Polonia, Pinto, Castro, Montenegro & Zinato, 2004). Embora uma vez formado, o autoconceito dificilmente é alterado, as crenças que o indivíduo tem sobre si que se encontram na periferia da essência do autoconceito, são mais suscetíveis de alteração (Nunes, 2010). Este fato explica a existência de uma propensão a incoerências e inconstâncias nas diferentes vivências do indivíduo pelo indivíduo (Costa, 2002).

A sua construção acarreta uma componente interpessoal, uma vez que o indivíduo procura aprovação para o seu autoconceito no *feedback* social (Martins, 2005). A influência da componente social no autoconceito é decisiva, uma vez que, desde a infância, o indivíduo começa a ver-se através das figuras mais significativas. Considerando a crescente complexidade das interações sociais são adicionados mais pormenores à sua autoimagem (Cigarro, 2011). Assim, através da opinião e expectativas dos outros que o rodeiam, o indivíduo vai produzindo um autoconceito mais rico (Cigarro, 2011). A Teoria do Eu-Refletivo permite-nos, através dos outros, descobrir quem somos. Assim, o autoconhecimento só é possível através da procura da firmeza e instabilidade entre o próprio e o outro (Cigarro, 2011).

Diversos autores (Shavelson, Hubner & Stanton, 1976; Gonçalves, 2013; Nunes, 2010; Mendes, et al., 2012) fazem referência às sete características do autoconceito, afirmando que este é multifacetado, estruturado e organizado, desenvolvimental, hierarquizado, diferenciável, avaliativo e estável. É de salientar que, apesar das diversas experiências que o indivíduo tem ao longo da sua vida, este tem a capacidade de categorizar essas mesmas experiências, atribuindo-lhes um sentido mais simples.

O autoconceito assume componentes avaliativa (autoestima), cognitiva (percepções que o indivíduo tem sobre as suas características e habilidades) e comportamental (estratégias de auto – percepção que o indivíduo adota para ser positivamente reconhecido) (Tamayo, Campos, Matos, Mendes, Santos, & Carvalho, 2001; Cherubini, 2005). Este constructo é constituído pela autoestima, a autoeficácia, as autoimagens, as identidades, o autoconceito ideal e o autoconceito real (Brandão, 2011). Definindo cada um desses componentes, a autoestima, que é considerada um dos constituintes mais relevantes e efetivos, representa o processo avaliativo ou juízo de valor feito pelo indivíduo acerca das suas competências e virtudes, o que permite que este associe sentimentos de “bom” e ”mau” à sua identidade. A

autoeficácia é considerada um constructo cognitivo e motivacional que representa as auto percepções em que o indivíduo confia e acredita para encarar o meio ambiente com sucesso. Por sua vez, as autoimagens dizem respeito ao que o indivíduo julga ser ou às percepções que tem de si. Relativamente às identidades, um indivíduo pode ter diversas identidades, mas a que é alvo de mais atenção é hierarquicamente mais elevada. O autoconceito ideal corresponde à forma como o indivíduo gostaria de ser. Finalmente, o autoconceito real diz respeito à maneira como o indivíduo se considera, descreve e avalia na realidade (Brandão, 2011; Esteves, 2011).

O autoconceito é composto por diversos domínios, nomeadamente o autoconceito académico, social, pessoal e emocional, familiar e global (Guimarães, 2012). O primeiro domínio, o autoconceito académico, representa a percepção que o indivíduo tem de si próprio enquanto estudante com base no resultado do seu trajeto académico. O autoconceito social surge como consequência das relações sociais e da adaptação e aceitação social do indivíduo, onde se inserem os sentimentos de si próprio relativamente à amizade. O autoconceito será positivo caso as necessidades sociais sejam satisfeitas. O autoconceito pessoal e emocional consiste nos sentimentos de satisfação, bem-estar, equilíbrio emocional, confiança nas próprias capacidades e aceitação de si. O autoconceito familiar abrange os sentimentos do indivíduo enquanto membro da família e será positivo caso exista uma identificação positiva com outro membro da família e se este se sentir seguro relativamente ao respeito e amor que recebe dos restantes membros da família. O autoconceito global recai sobre a avaliação geral que o indivíduo faz de si, tendo com base a análise de todas as áreas (Guimarães, 2012; Blong, & Skaalvik, 2003; Carneiro, 2003).

Autoconceito e reclusão

O autoconceito pouco definido pode constituir um fator de risco para o desencadeamento de estilos de vida inadaptativos ou o envolvimento em comportamentos desviantes, em que se incluem problemas de saúde mental e física, índices mais elevados de comportamento criminoso e perspectivas económicas desfavoráveis (Donnellan, Trzesniewski, Robins, Moffitt, & Caspi, 2005; Fergusson & Horwood, 2002; Webster, Kirkpatrick, Nezlek & Paddock, 2007; Guimarães, 2012).

A vida em contexto prisional exige a adoção de um autoconceito global, tanto a nível pessoal como a nível social, definido pela acomodação às regras do estabelecimento. As rotinas nestas instituições são organizadas ao pormenor, onde todas as atividades são planeadas, sem a possibilidade de expressão e, conseqüentemente, de desenvolvimento pessoal (Antunes, 2012).

Desta maneira, os reclusos ficam impedidos de usar as suas competências criativas para desenvolver o seu potencial humano e social. Os reclusos partilham a ideia que, ao cumprir uma pena, é-lhes retirada a subjetividade e o direito de manifestarem a sua personalidade. Como meio de alcançar privilégios na instituição, tendem a aderir às regras, perdendo, assim, a sua identidade (Antunes, 2012).

O problema do autoconceito é apontado como um aspeto negativo da reclusão (Rezende, 2012), uma vez que grande parte dos reclusos ingressa na prisão com crises de identidade e alterações na sua personalidade (Apolinário, 2009). Esse efeito negativo é causado, principalmente, pela improdutividade provocada pela instituição, devido ao desligamento social e à incapacidade de alcançar benefícios que sejam transmissíveis à vida em liberdade (Apolinário, 2009). Quando o autoconceito sofre ameaças em situação de reclusão, através de humilhações e críticas, é esperado que os reclusos expressem a sua raiva (Carvalho, 2012). A agressividade, que é uma dimensão frequente em muitos

comportamentos criminosos, pode ser usada como uma tentativa de melhorar o autoconceito e como meio de compensação de autoconceito porco definido (Taylor, Davis-Kean e Malanchuk, 2007).

Coelho (2008) faz referência à Teoria do Estilo de Vida Criminal de Walters (1990), que defende que o autoconceito, juntamente com os fatores biológicos e a vinculação social, são decisivos para a manutenção de comportamentos de caráter criminal ao longo da vida do sujeito.

A educação e o exercício físico estimulam a qualidade de vida e o bem-estar da população reclusa (Ramos, 2011), assim como a formação profissional que contribui para o desenvolvimento social e pessoal desta população, melhorando as suas capacidades de reinserção social (Marques, 2013). Uma vez que estes fatores contribuem para o bem-estar dos reclusos, são, conseqüentemente, benéficos para o desenvolvimento saudável do autoconceito em situação de reclusão.

Resiliência

O interesse sistemático no campo das Ciências Sociais e Humanas pela resiliência começou a surgir no final da década de 1970 em investigações inglesas e norte-americanas, quando investigadores começaram a perceber que, apesar da exposição ao risco, alguns indivíduos conseguiam manifestar competências para ultrapassar dificuldades e adversidades, desenvolvendo-se de uma forma positiva (Brandão, Mahfoud, & Gianordoli-Nascimento, 2011).

Na Psicologia, o estudo da resiliência é recente e a sua definição não é tao explícita como nas ciências exatas, dada a complexidade e diversidade de variáveis e fatores que envolvem os fenómenos humanos (Brandão et al., 2011; Corrêa, 2013). De entre as várias definições, destaca-se a de Luthar e colaboradores (2000) que definiram a resiliência como

um processo dinâmico que se enquadra numa adaptação positiva num contexto de adversidade significativa. Colocando a tónica na ideia de processo, Cyrulnik (2001) considera que a resiliência traduz um fenómeno articulado entre si, que se desenrola ao longo da vida, em contexto afetivo, social e cultural. Tavares (2001) conceptualizava a resiliência psicológica enquanto capacidade individual ou grupal de resistir a situações adversas sem perder o equilíbrio inicial, ou seja, a capacidade de se acomodar e reequilibrar constantemente.

A resiliência consiste na estratégia e capacidade desenvolvida pelos indivíduos para reagir, responder e enfrentar as situações adversas, traumáticas e violentas de forma positiva, sendo capazes de superá-las, adaptar-se e recuperar (Fajardo, Minayo & Moreira, 2013; Polleto & Koller, 2008; Noronha, Cardoso, Moraes & Centa, 2009; Herrman, Stewart, Diaz-Granados, DPhil, Jackson & Yuen, 2011; Rose, Buckey, Zbozinek, Motivala, Glenn, Carteine & Craske, 2013). É compreendida como um conjunto de processos intrapsíquicos e sociais que viabilizam o desenvolvimento de uma vida sã (Pesce, Assis, Santos, Oliveira, 2004). É um processo psicológico que pode ser desencadeado e desaparecer em determinados momentos, representando uma resposta adicional à vulnerabilidade que leva à adaptação e flexibilidade, o que contraria a ideia de invencibilidade e invulnerabilidade defendida nos primeiros estudos sobre este constructo (Cabral & Levandowski, 2013; Polleto & Koller, 2008; Zimmerman & Arunkumar, 1994).

A resiliência tem vindo a ser reconhecida como um processo comum que resulta da combinação entre as qualidades individuais, o meio, o ambiente social, familiar, cultural e dos acontecimentos vitais (Noronha et al., 2009; Polleto & Koller, 2008; Peltz, Moraes & Carlotto, 2010; Antunes, 2011; Mehrotra & Chaddha, 2013). Mais recentemente o conceito deixou de ser encarado como uma qualidade pessoal, passando a um atributo da personalidade, o qual é desenvolvido no contexto psicossociocultural em que o indivíduo se

insere (Peltz et al., 2010). A resiliência é estabelecida na infância, baseando-se no diálogo reflexivo para que o indivíduo seja visto, confirmado e respeitado tal como é, por alguém significativo (Peltz et al, 2010; Mehrotra & Chaddha, 2013).

As circunstâncias de risco constituem um obstáculo individual ou ambiental que aumenta a vulnerabilidade da criança (Pesce, et al., 2004; Zimmerman & Arunkumar, 1994). Os eventos traumáticos são causados pela ameaça de perda de recursos, pela própria perda de recursos, e pela falha de recursos que foram investidos para fortalecer outros recursos (Chaitin, Sternberg, Arad, Barzili, Deray, & Shinhar, 2013). Tendo em consideração que as experiências são incontornáveis, ressalta a questão dos níveis de exposição e dos limites de cada indivíduo (Pesce, et al., 2004). Assim, os indivíduos resilientes são aptos para ultrapassar as situações prolongadas de *stress* sem mostrar danos definitivos a nível da saúde emocional (Noronha et al., 2009).

Os mecanismos para lidar com as adversidades com êxito passam por procurar apoio social, fazer uso do humor, controlar as emoções, refletir e aprender com o sucedido e motivar-se com as crenças morais (Oriol-Bosh, 2012). Os indivíduos resilientes apresentam características em comum, as quais constituem o pilar da resiliência, nomeadamente a introspeção (competência para questionar e obter uma resposta honesta), a independência (estabelecer limites entre si e o meio problemático, mantendo uma certa distância física e emocional, mas sem se isolar de nenhum ambiente); a capacidade de se relacionar (estabelecer laços significativos e intimidade com outras pessoas, mantendo o equilíbrio entre a atitude de se relacionar e a necessidade de afeto); a iniciativa (desafiar-se perante diversas situações gradualmente mais rigorosas, exigindo sucesso); o humor (retirar aspetos positivos e aprender com todas as situações); a criatividade (criar objetivos e ordem através das situações de desordem); a moralidade (comprometer-se e transmitir valores); e a autoestima (deve ser mantida em qualquer situação, uma vez que origina todas as outras)

(Machado, Kassick, & Gehlen, 2013; Silva, 2009). Por outro lado, a baixa capacidade de resiliência pode gerar problemas psicossociais e físicos, sendo associada a fatores como as condições socioeconômicas desfavoráveis, a carência de redes de apoio, e problemas nas relações parentais e conflitos familiares (Pinheiro, 2004; Murata, 2013).

A resiliência é composta por três dimensões: a resolução de ações e valores (disciplina, persistência, energia e concepção de valores como a realização pessoal e a amizade); a independência e determinação (aptidão do indivíduo resolver situações complicadas sozinho, de lidar com diversas situações em simultâneo, aceitar as adversidades e situações inalteráveis); a capacidade de adaptação a situações e autoconfiança (o indivíduo acredita que é capaz de resolver os seus problemas, realizar ações indesejadas e gerir o seu interesse) (Pesce, et al., 2004; Peltz, Moraes & Carlotto, 2010).

A complexidade deste constructo é ilustrada por aspetos como o facto de a exposição a certos riscos poder ter consequências paradoxalmente positivas, uma vez que a exposição a adversidades pode aumentar a resistência do sujeito a experiências idênticas no futuro; certos componentes tanto podem gerar efeitos protetores em algumas circunstâncias de risco, como podem ser neutros ou negativos na inexistência de riscos; os padrões de adaptação de cada indivíduo podem variar em relação a diversos tipos de situações adversas, no sentido em que a mesma pessoa pode manifestar resiliência apenas em certos tipos de riscos; a resiliência não deve ser considerada constante e estável ao longo do tempo, pois um indivíduo pode manifestar graus de resiliência diferentes em diversos períodos do seu desenvolvimento (Rutter, 2006, 2007).

O modelo ecológico tem sido apontado frequentemente como um excelente contributo para a compreensão dos mecanismos subjacentes às questões de resiliência. Este modelo que tem em Brofenbrenner a sua ideia inicial, entende que o indivíduo se movimenta em diversos sistemas, apontando para a ação de cinco subsistemas: microssistema (família,

grupo de pares, escola), mesossistema (relações estabelecidas entre os microsistemas), exossistema (relações estabelecidas entre os microsistemas e o ambiente com o qual o sujeito não se relaciona diretamente), o macrosistema (contexto sociocultural alargado) e cronossistema (evolução do sistema externo ao longo dos tempos e mudanças do indivíduo e dos conceitos) É dentro destes sistemas que é pensado o desenvolvimento do indivíduo (Molinari, Silva, & Crepaldi, 2005).

Resiliência e reclusão

A prisão tem um papel penalizador, uma vez que é a principal maneira de castigar o indivíduo pelo delito cometido; e ressocializador na medida em que tenta instruir e transmitir novos estilos de comportamento, para que o recluso não reincida (Novais, Ferreira, & Santos, 2010). A adaptação à vida prisional requer que o recluso concilie a sua personalidade com o impacto provocado pela instituição e pela própria reclusão. Uma boa adaptação caracteriza-se pelo equilíbrio das regras do sistema prisional aos esquemas comportamentais, sem que o recluso perca a sua personalidade (Gonçalves, 2008). Aspectos como a personalidade, a qualidade das relações no exterior e a forma como essas relações influenciam a forma como o recluso vê a prisão e a privação da liberdade, são variáveis que influenciam a boa adaptação à prisão (Novais et al, 2010).

Os indivíduos que, em situações adversas, se manifestam capazes de organizar os recursos que têm disponíveis e que lhes permitem lidar de forma eficaz com o risco são tidos como resilientes. Quando esta capacidade não se verifica, manifestam-se atos violentos e comportamentos de indisciplina. No entanto, a execução de atos criminosos pode ser encarada como uma estratégia de adaptação para sobreviver em comunidades com taxas de desemprego elevadas, baixo estatuto socioeconómico e desorganização social. Os comportamentos delinquentes são influenciados pela estabilidade da resiliência, a qualidade

da residência dos indivíduos, a sua situação económica, qualidade de vida e das relações familiares e as características comportamentais (Born, 2003). Alguns fatores de proteção psicossocial passam por ter uma relação estável com alguém significativo, ter uma autoestima e quociente de inteligência elevados, não ter pares delinquentes, estar inserido numa comunidade com baixas taxas de comportamentos desviantes e que seja socialmente organizada, ter motivação e uma atitude positiva perante a escola (Vieira, 2012). A autora verificou ainda eu existe uma influência do nível socioeconómico na perceção de resiliência, sendo que os reclusos de níveis socioeconómicos médios/altos se percecionam como mais resilientes, dispondo de recursos externos de resiliência mais elevados na infância, tais como modelos pró-sociais, fortes relações sociais e afetivas e apoio social. Nesse sentido, e como sugere (Anderson, 1990) a perpetuação de atos criminosos pode ser visto enquanto estratégias de adaptação do género masculino para sobreviver em comunidades de baixo estatuto socioeconómico, elevadas taxas de desemprego e desorganização social.

Constantine, Bernard e Diaz (1999) referem que os recursos internos da resiliência produzem-se através dos recursos externos, o que implica uma certa necessidade e responsabilidade por parte da sociedade em disponibilizar e promover os recursos externos essenciais para o desenvolvimento sadio dos indivíduos.

A boa adaptação à reclusão só será complementada se o apoio exterior tiver uma influência positiva na adoção de novos estilos de comportamento. Dando seguimento a esta ideia, esta adoção passa pela capacidade de resiliência que os indivíduos adquirem ao longo do cumprimento da pena de prisão. No entanto, este conceito é considerado relativo, uma vez que nem todos os indivíduos são resilientes em todas as adversidades com que são confrontados, variando conforme as suas capacidades e as do meio. Os reclusos não são exceção pois, perante adversidades, surge a necessidade de analisar a sua capacidade de superar esses contratemplos (Novais, Ferreira & Santos, 2010).

Num estudo elaborado por Novais, Ferreira e Santos (2010), verificou-se que um número significativo de reclusos (21 em 30) não reunia os requisitos necessários à sua resiliência, pois não foram detetados indícios de alteração dos estilos de comportamento nas suas respostas aquando da entrevista.

Escolaridade

A educação tem sido valorizada como estratégia para diminuir a desigualdade social. De acordo com a investigação de Ferreira (2000) que, tendo como ponto de partida as diferentes correntes económicas explicativas da elevada desigualdade, procura identificar a resposta que melhor responde ao problema, o autor ressalta que o impacto da educação acumulada pelo indivíduo é um fator mais significativo. Assim, as desigualdades educacionais são consideradas as principais responsáveis pelas desigualdades de rendimento e, conseqüentemente, pela desigualdade social, o que reforça a valorização de políticas que visam aumentar o nível educacional da população portuguesa.

No campo da educação, Portugal progrediu muito nas últimas décadas. A proporção da população com ensino superior é de 15% e pela 1ª vez atingiu-se os 50% na proporção da população com pelo menos o 9º ano de escolaridade. Entretanto, o valor médio deste indicador na União Europeia é de cerca de 80%, sendo que na Eslováquia, República Checa, Eslovénia e Polónia atinge os 90%. Além disso, de acordo com os resultados dos Censos 2011 a proporção de jovens entre os 18 e os 24 anos que já abandonou o sistema de ensino e que apenas possui o 9º ano de escolaridade é de cerca de 22%, o que corresponde a 179 881 indivíduos. No entanto, na última década este indicador melhorou de forma significativa, em 2001 representava ainda 33,4% (INE, 2012).

Porém é importante salientar que continuam a evidenciar-se assimetrias regionais na proporção de jovens que já abandonou o sistema de ensino. As regiões de Lisboa e Centro

apresentam uma proporção da ordem dos 19% cada, o Alentejo e o Algarve com 23% cada, e a região Norte com 24%. As Regiões Autónomas surgem com a maior proporção de jovens que abandonou o ensino apenas com o 9º ano, respetivamente 37% para os Açores e 27% para a Madeira (INE, 2012).

A educação de adultos em Portugal ganhou evidência no século XIX, através de iniciativas que pretendiam promover a educação elementar e a formação cívica e moral dos cidadãos. Mais tarde, e como meio de combater o analfabetismo, foi criada a Campanha Nacional de Educação para Adultos (Bergano, 2002). Na aceção da andragogia, como ciência que se ocupa da educação de adultos (Knowles, 1970, citado por Fernandes, 2012), este deve ser considerado um educando com determinadas características, as quais o distinguem dos educandos mais jovens (Bergano, 2002). Tendo em conta que adultos e crianças aprendem de diferentes maneiras (Conti, 2009, citado por Fernandes, 2012), as práticas de educação devem ser igualmente distintas (Knowles, 1970, citado por Fernandes, 2012).

A aprendizagem nos adultos está direcionada para resolver problemas e tarefas da sua vida, pois só iniciam um processo de aprendizagem quando certificam a sua aplicabilidade (Knowles, 1980, citado por Fernandes, 2012). Os adultos ficam mais motivados para a aprendizagem quando reconhecem os benefícios da mesma (Ferreira, 2007, citado por Fernandes, 2012), sendo que fatores como a satisfação, qualidade de vida e autoestima estão na origem dessa motivação (Canário, 1999, citado por Fernandes, 2012). Assim, a aprendizagem do adulto caracteriza-se por ser mais centrada no aluno, na independência e na autogestão da aprendizagem (Knowles, 1980, citado por Fernandes, 2012), uma vez que o adulto assume um papel ativo, pois a capacidade de aprender resulta das suas ações (Cardoso, 2006).

Kolb (1984, citado por Inês, 2009) propõe quatro estilos básicos de aprendizagem, nomeadamente o estilo convergente, que tem como grande potencial a resolução de problemas, aplicação de ideias e a tomada de decisões; o estilo divergente que destaca a observação reflexiva e a experiência concreta, tendo como potencial a percepção do sentido das coisas e dos valores e a capacidade imaginativa; o estilo assimilador tem como potencial a capacidade de criar modelos teóricos e o raciocínio; o estilo acomodador destaca a experimentação ativa e concreta, tendo como potencial a execução de tarefas, o controle de planos e envolvimento em novas experiências. O desenvolvimento e estabilidade de um estilo de aprendizagem resulta de um padrão sólido de transação entre o indivíduo e o seu ambiente.

Filho (2007) propõe que as características do adulto no processo de aprendizagem pautam-se pela presença de um conjunto antecipado de conhecimento, implicando a resistência à aquisição de novos conhecimentos; pela exigência de respeito perante este conjunto de conhecimentos por parte do orador; pela necessidade de motivação do aluno; pela necessidade de partilhar experiências; pela necessidade de aplicar os novos conhecimentos; pela apreensão em cometer lapsos; e pela necessidade de feedback.

Escolaridade e reclusão

De acordo com a Pordata – Base de Dados Portugal Contemporâneo (<http://www.pordata.pt/Portugal/Reclusos+total+e+por+nivel+de+instrucao+completo-273>) em 2013 havia um total de 14.284 reclusos, dos quais 530 não sabiam ler nem escrever, 502 sabiam ler, 11.211 tinham o ensino básico, 1681 tinham o ensino secundário e apenas 160 tinham o ensino superior. Através desta base de dados constata-se que o número de reclusos que não sabe ler nem escrever e de reclusos que sabe ler tem diminuído desde 1960, enquanto o número de reclusos com o ensino básico, secundário e superior tem aumentado.

Por outro lado, de acordo com os dados da Direção Geral dos Estabelecimentos Prisionais (2012) é possível concluir que a maioria dos reclusos possui a frequência do ensino básico, perfazendo um total de 30%, sendo que a taxa de analfabetismo da população reclusa portuguesa está nos 4%, mais baixa do que a percentagem de 5% que se verificava em 2009. Esta tendência parece ser semelhante à de outros países europeus, uma vez que, no Reino Unido, de acordo com as estatísticas de 2002, uma enorme percentagem de reclusos (48%) apresentavam competências de leitura muito reduzidas quando comparadas com a população geral, que apresentava valores na ordem dos 23% (House of Commons, 2005). De facto, esta baixa escolaridade leva a uma limitação na oferta de emprego, reduzindo as oportunidades, permitindo o acesso apenas a empregos de fraca qualificação e, frequentemente, pouco prestigiantes, percebidos como pouco satisfatórios do ponto de vista salarial e da realização pessoal. Por vezes, nestas circunstâncias, surge a tendência para se iniciar ou prosseguir trajetórias desviantes dos mais diversos tipos. Poder-se-á adiantar como origem desta reduzida taxa de escolaridade, o contexto social em que os indivíduos estão inseridos bem como as possíveis pressões para o abandono escolar (Torres & Gomes, 2002).

Os estabelecimentos prisionais permitem aos reclusos a possibilidade de desenvolver atividades laborais, escolares, de formação e/ou passatempos. Segundo a Direção Geral dos Estabelecimentos Prisionais (2012), 65% da população exerce algum tipo de ocupação, sendo maioritariamente a realização de trabalho. Constata-se que existe pouco interesse e/ou oportunidades para atividades no âmbito escolar e formativo, o que poderá ser perspectivado como prejudicial à futura reinserção social (Torres & Gomes, 2012).

A escola em contexto prisional deve promover a interação entre os reclusos, conceber situações de vida com mais qualidade, reconstituir identidades, valorizar as culturas discriminadas, gerar redes afetivas e, acima de tudo, deve possibilitar a (re)conquista da cidadania e do saber viver em sociedade. Deve, também, promover a educação para a saúde,

higiene e para a problemática das dependências, tendo como finalidade a educação e formação global do sujeito (Costa, 2013).

A autora afirma ainda que algumas das problemáticas do ensino em meio prisional se prendem com o facto de a elaboração dos currículos não ter em atenção as características da população prisional, de haver uma taxa elevada de analfabetismo, de haver reclusos com uma grande taxa de insucesso escolar, de haver falta de motivação para frequentar o ensino devido às experiências negativas. Muitos reclusos referem já não ter idade para aprender e evitam atividades que exijam esforço, concentração e atenção. A diversidade de idades, penas, percurso escolar e perfil psicológico, a situação jurídico penas, os problemas familiares, a perda de laços sociais e os problemas de saúde e de toxicodependência são também apontadas como problemas do ensino neste meio.

A mesma autora refere que, para os reclusos, a escola é considerada como um passatempo ou um meio para se distrair mas, no entanto, não deixa de ser um elo de ligação com o exterior e um refúgio para a frustração associada do ambiente prisional. Na escola o recluso tem oportunidade de conversar e conviver com os colegas e com o professor e de desenvolver o seu conhecimento e aprendizagens escolares.

Assim, o percurso escolar do recluso pode ter um impacto relevante na sua (re)construção enquanto indivíduo, aumentando a sua autoestima, elevando as suas competências sociais, desenvolvendo mais autonomia e pro-atividade, as quais são fulcrais para a reinserção social (Costa, 2013). O estudo realizado por Porporino e Robinson (1992), revela que a frequência do ensino e a participação em ações de formação contribuem para a redução da reincidência.

Escolaridade, autoconceito e resiliência

O autoconceito, a resiliência e a escolaridade têm sido pouco estudados em conjunto. Apesar da escassez de investigações que associem estas três variáveis, Araújo (2012) analisou a resiliência e o autoconceito em jovens institucionalizados. A autora concluiu que a resiliência correlaciona-se de forma positiva e significativa com o autoconceito, sendo que a dimensão alusiva à maturidade psicológica se associou a todas as dimensões da resiliência. Verificou, também, que um bom equilíbrio entre o autoconceito e as mudanças de papel adjacentes à maturidade psicológica está relacionado com níveis elevados de serenidade, atenuando as respostas às situações adversas. A autora verificou que quanto mais desenvolvido for o autoconceito dos sujeitos, mais elevados são os seus níveis de resiliência. Identificou, também, níveis significativos de resiliência em função da escolaridade, embora essa diferença só se tenha verificado a nível geral.

Silva (2009, citado por Araújo, 2012), efetuou uma investigação em que um dos seus objetivos era estudar o autoconceito de competência no desenvolvimento dos traços de resiliência, cujos resultados evidenciaram associações positivas entre o desenvolvimento dos traços de resiliência e o autoconceito. O mesmo foi salientado por Rodríguez (2008, citado por Araújo, 2012), cujo estudo demonstrou que os participantes tinham níveis elevados de autoconceito e se sentiam satisfeitos com a sua vida apesar de terem enfrentado adversidades, o que evidencia traços de resiliência.

Assim, é possível verificar que, de facto, existem associações positivas entre o autoconceito e a resiliência e que, quanto maior for o nível de autoconceito dos sujeitos, maiores são os seus níveis de resiliência. Foi também observado que a resiliência está associada aos níveis de escolaridade.

Contudo, existe uma lacuna na integração de constructos como a escolaridade, o autoconceito e a resiliência, que têm sido pouco estudados conjuntamente num contexto tão

particular como é o prisional. Foram encontrados estudos que relacionam a resiliência com a escolaridade e a autoestima, mas não com o autoconceito. Destarte, devido à escassez de estudos nesta área, urge a necessidade de contribuir, de uma forma exploratória, para um aprofundamento do conhecimento sobre a relação destas variáveis no contexto prisional.

Metodologia

Esta parte do trabalho é dedicada às opções metodológicas seguidas na realização deste estudo, ao enquadramento dos objetivos, bem como das questões de investigação. São também apresentados os procedimentos metodológicos utilizados.

Considerando os objetivos desta investigação, optou-se por uma metodologia mista, que se torna útil na compreensão da complexidade das situações ou fenómenos. De acordo com Flick (2005), esta metodologia adapta os seus métodos às questões de investigação, abrangendo várias abordagens, reconhecendo e analisando diferentes perspetivas, envolvendo a perspetiva dos intervenientes na sua pluralidade.

No que se refere à metodologia qualitativa, a fonte direta de dados representa o ambiente natural, sendo o investigador o principal instrumento. Esta metodologia é descritiva, uma vez que, os dados são recolhidos em forma de palavras, sendo que os investigadores têm mais interesse no processo de investigação do que no seu resultado. Os dados são analisados de forma indutiva, pois as generalizações são construídas conforme os dados particulares se vão agrupando. O significado assume uma importância vital na abordagem qualitativa, uma vez que, os investigadores focam o seu interesse na maneira como os indivíduos dão sentido às suas vidas (Bogdan & Biklen, 1994).

Por outro lado, a metodologia quantitativa caracteriza-se por medir e quantificar características de factos sociais, sendo empírica na procura da descrição pormenorizada da realidade (Falcão & Régnier, 2000). Esta metodologia apoia-se na frequência do

aparecimento de determinadas características de conteúdo ou de correlação entre as mesmas (Quivy & Campenhoudt, 2005). A quantificação compreende um conjunto de técnicas e procedimentos que pretendem ajudar o investigador a obter dados que respondam às questões que este determinou como objetivos do seu trabalho (Falcão & Régner, 2000). A utilização desta metodologia requer que se considere dois aspetos importantes, nomeadamente o facto de os números e frequências terem algumas propriedades que restringem o seu uso, e de uma boa análise depender de boas questões feitas pelo investigador e da qualidade teórica que orientam a análise e interpretação dos resultados (Gatti, 2004).

Enquanto a investigação quantitativa utiliza dados numéricos que lhe permitem evidenciar relações entre variáveis, a investigação qualitativa usa principalmente metodologias que possam criar dados explicativos que lhe possibilitará observar o modo de pensar dos participantes numa investigação (Bogdan & Biklen, 1994).

O presente estudo é exploratório, uma vez que pretende analisar a natureza da relação entre o autoconceito, a resiliência e a escolaridade num contexto tão específico como é a reclusão. Além disso, o estudo é descritivo, pois relata o testemunho dos reclusos, especificando as suas características. Também caracteriza-se como correlacional, visto que avalia a relação entre as diversas variáveis em estudo. Por fim, é um estudo transversal porque foi realizado num único momento.

Questão de investigação e objetivos

O presente estudo pretende responder à seguinte questão geral:

Qual a relação entre a escolaridade, o autoconceito e a resiliência em situação de reclusão?

Especificamente, propomos os seguintes objetivos específicos:

- Descrever a representação que os participantes têm de si próprios após cometerem um crime (caraterísticas pessoais, fatores que influenciam o autoconceito e o autoconceito em situação de reclusão);
- Descrever as representações dos participantes sobre a forma como se adaptaram à situação de reclusão (situação de reclusão, adaptação à reclusão, estratégias e sentimentos);
- Verificar a influência das variáveis sociodemográficas no autoconceito e na resiliência dos participantes;
- Analisar a relação entre a escolaridade e o autoconceito dos participantes;
- Analisar a relação entre a escolaridade e a resiliência dos participantes;
- Analisar a relação entre o autoconceito e a resiliência dos participantes.

As relações entre as variáveis serão analisadas tendo em conta os dados sociodemográficos, nomeadamente a idade, o estado civil, a escolaridade, os antecedentes criminais, a prisão atual, a permanência no estabelecimento, a situação laboral e de ensino no estabelecimento e o apoio familiar, de modo a analisar quais as influências que exercem na escolaridade, no autoconceito e na resiliência.

Esquema concetual da investigação

Seguidamente, é apresentado o esquema concetual de investigação, o qual representa as relações entre as variáveis (escolaridade, autoconceito e resiliência) que se pretendem analisar neste estudo.

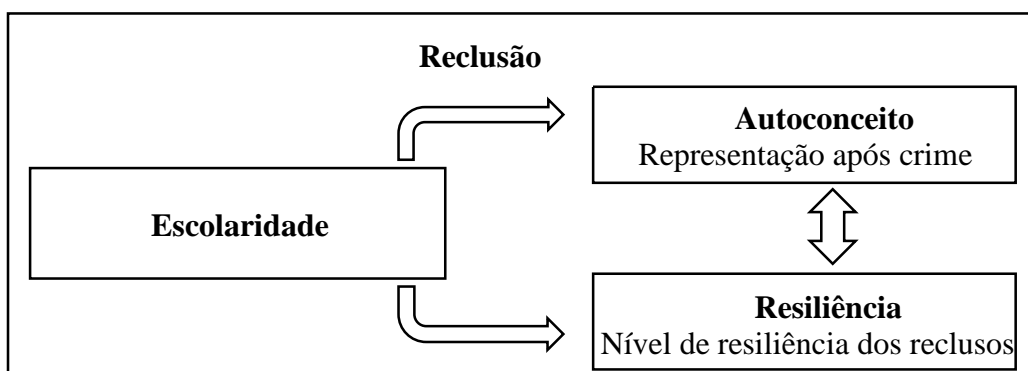


Figura 1. Esquema concetual da investigação.

Participantes

A amostra inclui 56 reclusos de um total de 286, do género masculino, que se encontram em prisão preventiva ou a cumprir penas com diferentes durações (entre 264 dias e 25 anos) e com escolaridade superior ao 6º ano. Os participantes têm idades compreendidas entre os 16 e os 57 anos ($M = 33$; $DP = 9$), verificando-se que a maioria dos elementos tem idades compreendidas entre os 27 e os 37 anos de idade (55.4%), sendo que apenas 7% dos participantes tem mais de 49 anos de idade; 83% são solteiros; 59% tem antecedentes criminais; 67% são primários; 39% tem penas entre 1 e 5 anos; 34% exerce funções laborais; 20% frequenta a escola; 18% exerce as duas funções em simultâneo; 55.4% conta com o apoio financeiro e emocional da família. Verificou-se que os participantes apresentam um nível de escolaridade reduzido, sendo predominante o 2º ciclo com 54%, seguido do 3º ciclo com 39%, o ensino secundário com 11% e o ensino superior com 2%.

Instrumentos

Como meio de recolha de dados foi utilizado um questionário dividido em quatro partes. A primeira parte é dedicada aos dados sociodemográficos, que inclui informação correspondente ao estado civil, idade, crime, pena, antecedentes criminais, apoio familiar. Na segunda parte do questionário são apresentadas questões de resposta aberta, as quais permitem que os participantes se expressem mais facilmente (Flick, 2005). Devido à complexidade dos objetivos deste estudo e à carência de investigações com este tipo de população, elaboraram-se questões de resposta aberta para que os participantes pudessem dar o seu testemunho sobre as suas experiências e vivências individuais no contexto prisional.

Na terceira parte consta o Inventário Clínico do Auto-Conceito (*ICAC*), de Adriano Vaz Serra (1986), que foi desenvolvido com o propósito de avaliar as dimensões sociais e

emocionais do autoconceito. É um instrumento de autoavaliação que pretende avaliar a forma como o indivíduo se sente habitualmente. É composto por 20 questões numa escala de tipo Likert de 1 a 5 pontos, tendo como possibilidade de resposta entre “Não Concordo”, “Concordo pouco”, “Concordo moderadamente”, “Concordo muito” e “Concordo muitíssimo”, de maneira que quanto mais elevada for a média dos itens, maior o nível de desenvolvimento do autoconceito (Vaz Serra, 1986).

Este inventário é constituído por 6 fatores, sendo os 2 primeiros os mais importantes, uma vez que têm características bem definidas e são mais usados em investigação. Assim, o fator 1 diz respeito à aceitação/rejeição social, o fator 2 à autoeficácia, o fator 3 corresponde à maturidade psicológica, o fator 4 à impulsividade-atividade, e os fatores 5 e 6 são fatores mistos (Vaz Serra, 1986).

O coeficiente de Spearman-Brown obtido no estudo original, para uma amostra de 920 elementos, foi de .79, o que revela uma boa consistência interna. A correlação teste-reteste foi de .84, indicando uma boa estabilidade temporal (Vaz Serra, 1986). No presente estudo, a consistência interna da escala, calculada através do coeficiente alpha de Cronbach, revelou um valor de $\alpha = .82$ para a escala total. Relativamente ao alpha de Cronbach se os itens forem excluídos, o fator aceitação/rejeição social revelou um valor de $\alpha = .77$; o fator autoeficácia revelou um valor de $\alpha = .76$; o fator maturidade psicológica demonstrou um valor de $\alpha = .78$; e o fator impulsividade-atividade indicou um valor de $\alpha = .79$. Assim, é possível verificar que a consistência interna da escala total deste estudo tem um bom indicador de precisão ou confiabilidade (Pestana & Gageiro, 2005).

Finalmente, a última parte da investigação é dedicada à Escala de Resiliência para Adultos (ERA), que foi desenvolvida por Friborg, Hjemdal, Rosenvinge e Martinussen (2003), com a intenção de lidar com a carência de medidas de avaliação da resiliência, particularmente na população adulta. Foi adaptada para a versão portuguesa por Pereira,

Canavarro & Narciso (em estudo). É uma escala constituída por 33 itens, os quais têm respostas de diversidade semântica para restringir a propensão para a concordância e possibilita avaliar os recursos protetores que possam promover a resiliência na idade adulta (Pereira, Cardoso, Alves, Narciso, & Canavarro, 2013). Os itens têm uma escala de resposta entre 0 e 7, sendo que os resultados mais elevados apontam melhores níveis de resiliência (Pereira et al., 2013).

A versão original da ERA abrange cinco fatores: competência pessoal, competência social, coerência familiar, apoio social e estrutura pessoal, os quais relacionam a resiliência com três domínios da vida do indivíduo, tais como os atributos individuais, o apoio familiar e os sistemas de apoio externo (Pereira et al., 2013). A versão portuguesa conta com seis fatores: percepção do *self* (consiste na autoeficácia, na confiança que o indivíduo tem nas próprias aptidões e na visão positiva e realista de si), planeamento futuro (consiste na visão otimista que o indivíduo tem do futuro, na certeza de que poderá ser bem-sucedido e na sua capacidade de planear e estabelecer objetivos), competências sociais (consiste na flexibilidade que o indivíduo tem em interações sociais, na sua capacidade em iniciar contactos verbais e criar novas amizades e em sentir-se confortável em diversos ambientes sociais), coesão familiar (baseia-se na qualidade das relações familiares, em termos de partilha de valores, união e lealdade), recursos sociais (constitui no suporte social que o indivíduo recebe de pessoas externas ao núcleo familiar, o que proporciona sentimentos de simpatia, ajuda e união) e estilo estruturado (traduz-se na capacidade que o indivíduo tem em organizar o seu tempo, estabelecer prazos e objetivos e orientar as suas regras e rotinas diárias) (Pereira et al., 2013; Carvalho, Teodoro & Borges, 2014).

Nos estudos originais, esta escala apresentou um alpha de Cronbach de $\alpha = .90$ para o total dos itens. O alpha de Cronbach dos fatores varia entre $\alpha = .61$ e $\alpha = .84$. As correlações teste-reteste variaram entre $\alpha = .79$ e $\alpha = .93$, indicando uma boa estabilidade temporal. Os

estudos psicométricos da versão portuguesa da escala ainda não estão concluídos (Pereira et al., 2013). No presente estudo, a confiabilidade da escala revelou índices psicométricos razoáveis, com um alpha de Cronbach de $\alpha = .80$ para o total dos itens (Pestana & Gageiro, 2005). Relativamente aos alpha de Cronbach se os itens forem excluídos, o fator percepção self revelou um valor de $\alpha = .76$; o fator planeamento futuro demonstrou um valor de $\alpha = .79$; o fator competências sociais manifestou um valor de $\alpha = .78$; o fator coesão familiar revelou um valor de $\alpha = .75$; o fator recursos sociais mostrou um valor de $\alpha = .73$; e o fator estilo estruturado demonstrou um valor de $\alpha = .78$.

Procedimentos de recolha e análise de dados

Primeiramente foram recolhidas as devidas autorizações aos autores dos questionários a aplicar e ao Diretor do estabelecimento (anexo 1, 2 e 3). No âmbito do serviço do local de estágio foi identificada e selecionada a amostra com base nos critérios anteriormente referidos. Foram garantidos o consentimento informado e os aspetos éticos associados à aplicação do questionário (anexo 4).

Aquando da aplicação dos questionários foram garantidos os procedimentos éticos associados à investigação, nomeadamente o consentimento informado, a integridade dos participantes, a confidencialidade e o anonimato, a aprovação antecipada pela instituição onde decorreu a investigação e a utilização de instrumentos adequados ao tipo de população que foi estudada, tanto a nível verbal como a nível de escrita (Almeida & Freire, 2010). Estes procedimentos têm como finalidade proteger os participantes (Feldman, 2001).

Os questionários foram aplicados no mês de abril de 2014, tendo sido distribuídos 80, mas apenas 56 foram devolvidos. Optou-se por chamar os reclusos a um gabinete e explicar, individualmente, os objetivos da investigação e os seus aspetos éticos, assim como a maneira correta de preencher o questionário, ficando combinado que levariam o mesmo

para cela, preenchendo-o e entregando no dia seguinte. Apesar de haver o risco de os reclusos serem influenciados pelos colegas de cela, esta pareceu ser a melhor estratégia para este tipo de população, uma vez que, poderiam preencher o questionário com atenção e ponderar atempadamente no que escrever nas questões de resposta aberta.

O tratamento dos dados foi feito no programa IBM SPSS (versão 20.0) e para as questões de resposta aberta foi feita uma análise de conteúdo, com a atribuição de categorias e subcategorias, sendo depois categorizadas no programa referido.

Os testes estatísticos aplicados tiveram como principal objetivo verificar as diferenças intergrupais e as associações entre as variáveis em estudo. Primeiramente foram executados os testes de confiabilidade para os fatores do *ICAC* e da *ERA*, de modo a analisar a consistência interna dos itens.

Como meio de analisar os fatores do *ICAC* e da *ERA*, realizou-se uma análise descritiva fazendo o cálculo da média, mediana, variância, desvio padrão, máximo, mínimo, intervalos de confiança, intervalos interquartis, assimetria e curtose. Seguidamente, procedeu-se ao teste da normalidade das variáveis para averiguar se deveriam ser usados os testes paramétricos ou não paramétricos. Assim, foi utilizado o teste Kolmogorov-Smirnov com a correlação de significância de Lilliefors e o Shapiro-Wilk (anexo 14).

Posteriormente, foram analisadas as correlações entre os fatores do *ICAC* e da *ERA*. Para isso, foi utilizado o coeficiente de correlação R de Spearman para avaliar a intensidade da relação entre as variáveis em análise, cujos valores variam entre -1 e 1 (Pestana & Gageiro, 2005; Martins, 2011). Foi também usado o coeficiente de correlação r de Pearson, o qual faz associações lineares entre variáveis quantitativas, variando entre -1 e 1 (Pestana & Gageiro, 2005; Martins, 2011). Uma vez que ambos os testes revelaram valores idênticos, optou-se por considerar apenas o coeficiente de correlação r de Pearson.

Como meio de apurar as diferenças intergrupais foram realizados dois tipos de testes. Para variáveis como a idade, profissão, escolaridade, pena, permanência no estabelecimento, situação laboral e de ensino no estabelecimento e apoio familiar foi realizada uma *One-Way ANOVA*, que permite confrontar três ou mais grupos autónomos ao nível de uma variável independente intervalar endógena (Martins, 2011), testando se as médias são ou não iguais entre si (Pestana & Gageiro, 2005). O método utilizado foi o de Bonferroni com estatísticas descritivas, o qual é um teste conservador, utilizado quando o número de comparações é reduzido (Pestana & Gageiro, 2005).

Para as variáveis referentes ao estado civil, antecedentes criminais e prisão atual foi utilizado o teste *t* para amostras independentes, o qual pretende confrontar médias de variáveis quantitativas de dois grupos distintos quando não são conhecidas as variâncias populacionais (Pestana & Gageiro, 2005), avaliando, com base na probabilidade relacionada com o resultado do teste, se a diferença encontrada nas médias se deve ao acaso ou a diferenças que existem na população analisada (Martins, 2005).

Como meio de determinar o grau em que cada fenómeno está presente na população (Cohen, 1988) foi calculada a magnitude do efeito. De acordo com o autor, quanto maior for o resultado, maior será a manifestação do fenómeno na população.

No que se refere à análise dos dados resultantes das questões de resposta aberta, foi necessário construir categorias de codificação, as quais representam um meio de organizar a informação recolhida, reunindo um grupo de elementos, para que os dados que pertencem a um determinado tópico possam ser separados dos restantes dados (Bogdan & Biklen, 1994; Bardin, 2008). Durante o processo de elaboração das questões, já haviam sido consideradas as categorias e subcategorias para a codificação das respostas, pelo que a análise das respostas foi feita do geral para o particular (Bardin, 2008). Tendo como base a revisão teórica, as questões de investigação e a leitura prévia das respostas dos reclusos, foi

elaborada uma grelha para simplificar a análise dos dados, onde constavam as categorias mais importantes e relevantes para o estudo (Schilling, 2006). No entanto, ao longo da análise e leitura das respostas dos participantes, foram surgindo novas categorias e subcategorias, havendo sempre a flexibilidade de introdução e eliminação das mesmas, traduzindo-se num modelo misto, onde as categorias são definidas no início, mas o investigador possibilita a sua alteração em função da análise de conteúdo (Silva, Gobi, & Simão, 2005). Assim, foram formuladas duas grandes categorias e sete subcategorias:

- *Autoconceito*, onde constam os testemunhos dos participantes sobre a representação que têm de si próprios após cometerem um crime. Esta categoria tem como objetivo específico compreender e analisar a representação que os reclusos têm de si após terem cometido um delito. Remete para três subcategorias:
 - *Caraterísticas pessoais*, que consiste nas afirmações que remetem para as caraterísticas que os reclusos apontam sobre si;
 - *Fatores do autoconceito*, que abrange as afirmações que especifiquem os fatores que os reclusos acham que contribuem para uma representação positiva de si próprio;
 - *Autoconceito em situação de reclusão*, onde constam as afirmações que descrevam a forma como o recluso se vê após ter sido preso.
- *Resiliência*, onde constam os testemunhos dos participantes sobre a forma como se adaptaram à situação de reclusão. Esta categoria tem como fim aferir as estratégias utilizadas pelos reclusos para lidar com uma situação adversa como a reclusão. Remete para quatro subcategorias:
 - *Situação de reclusão*, que contém as afirmações que evidenciem de que forma a reclusão afetou a vida do indivíduo;

- *Adaptação à reclusão*, que abarca as afirmações dos reclusos sobre o seu processo de adaptação à reclusão;
- *Estratégias*, que inclui as afirmações que se referem às estratégias usadas pelos reclusos para se adaptarem à situação de reclusão;
- *Sentimentos*, onde se encontram os testemunhos dos reclusos sobre os sentimentos que experienciaram ao longo da reclusão.

O processo de categorização consiste em classificar os elementos constitutivos de uma categoria por diferenciação das restantes e agrupá-los de acordo com os critérios definidos previamente. Neste estudo, o critério de categorização adotado foi o semântico, pois os dados referentes a cada temática foram agrupados na respetiva categoria (Bardin, 2008). Após esta fase de categorização, as respostas foram cuidadosamente analisadas, procedendo-se à análise de conteúdo para estudar os testemunhos dos participantes através do texto extraído das suas respostas. A análise de conteúdo consiste na decomposição do testemunho dos participantes e posterior identificação de unidades de sentido para categorizar os fenómenos, o que permite uma reconstrução de significados que exponham uma compreensão mais pormenorizada da interpretação dos participantes (Silva, Gobi & Simão, 2005).

Posteriormente procedeu-se à etapa de recorte de conteúdos, que consiste na seleção de diversos fragmentos do testemunho dos participantes, que devem alcançar o sentido profundo do conteúdo e extrair as ideias principais (Silva, Gobi & Simão, 2005). Esses fragmentos do testemunho dos participantes formam as unidades de significado, as quais integram uma parte do texto que é compreensível por si só e possui uma ideia ou informação (Schilling, 2006). As unidades de significado podem ser diferenciadas em três tipos, nomeadamente: a unidade de codificação, que representa a parte mais reduzida do texto; a unidade de contexto, que se traduz na parte maior do texto; e a sequência de codificação do

texto, que se divide em *cross-question* (que consiste em analisar cada entrevista na sua totalidade e as respostas podem complementar a formação de outra questão) e *cross-interview* (que consiste em analisar todas as respostas de cada indivíduo a determinada pergunta, possibilitando uma recolha de informação mais variada para cada questão) (Schilling, 2006).

Para a presente investigação foram usadas como unidades de significado palavras, frases ou fragmentos de frases retiradas do testemunho dos participantes, as quais facilitam a sua compreensão quando separadas do restante discurso. Foram também utilizadas as estratégias *cross-interview*, através da análise das respostas a questões concretas de cada participante, o que permitiu um conhecimento mais aprofundado das informações do discurso de cada um, observando a generalidade e complexidade dos dados para cada questão; e *cross-question* pois achou-se pertinente analisar as entrevistas na sua totalidade (Schilling, 2006), para que se pudesse compreender o melhor possível o autoconceito e a resiliência de cada recluso, através da consolidação de toda a informação disponibilizada no questionário.

De seguida, procedeu-se ao preenchimento da grelha de codificação (anexo 13) com as unidades de sentido nas respetivas categorias e subcategorias. Terminada esta etapa, foram inseridos os dados, devidamente categorizados e agrupados, na base de dados do programa IBM SPSS e as unidades de sentido foram contabilizadas para que se pudesse apurar o número de participantes que deram respostas idênticas.

Resultados

De seguida são apresentados os resultados da análise descritiva realizada. Primeiramente, é exposta a análise de conteúdo quantificada. Assim, em relação ao autoconceito, as percentagens obtidas na subcategoria referente às características pessoais e

as unidades de sentido, revelaram que 21% dos reclusos afirma ter uma má imagem de si próprio contra 7% que afirmam possuir uma auto imagem positiva. De destacar que 14% revelou que a sua imagem não foi alterada pela entrada no estabelecimento prisional, mantendo-se igual à que possuía anteriormente.

Tabela 1

Frequências e percentagens referentes às características pessoais

Unidades de sentido	Frequências	Percentagens
Imagem igual/normal	8	14,3
Má imagem	12	21,4
Boa imagem/positiva	4	7,1
Cometeu um crime mas não deixa influenciar a sua vida	5	8,9
Oportunidade e vontade para melhorar	7	12,5
Total	36	64,3
Ausente	20	35,7

No que se refere aos *fatores do autoconceito*, 13% dos reclusos acha importante ter um emprego, e outros 13% acha importante não reincidir para ter uma boa imagem de si. Perante as várias unidades de sentido que surgiram: ser nós próprios (4%), autoestima (2%), confiança (5%), respeito (4%), saber comunicar/estar (5%), honestidade (7%), estar integrado na sociedade (4%), voltar à liberdade (9%), deixar a droga/álcool (7%), humildade (2%), responsabilidade (9%) e paciência/calma (2%), não surgiu nenhuma unidade de sentido que se referisse à importância da escolaridade e da formação para a construção de um autoconceito bem definido.

Tabela 2

Frequências e percentagens referentes aos fatores do autoconceito

Unidades de sentido	Frequências	Percentagens
Ser nós próprios	2	3,6
Autoestima	1	1,8
Confiança	3	5,4
Respeito	2	3,6
Saber comunicar/estar	3	5,4
Honestidade	4	7,1
Estar integrado na sociedade	2	3,6
Voltar à liberdade/pensar no futuro	5	8,9
Ter trabalho	7	12,5
Família	4	7,1
Deixar a droga/álcool	4	7,1
Não cometer o mesmo erro	7	12,5
Humildade	1	1,8
Ser educado	2	3,6
Responsabilidade	5	8,9
Paciência/calma	1	1,8
Total	53	94,6
Ausente	3	5,4

No que concerne ao *autoconceito em situação de reclusão*, a maioria dos reclusos (10.7%) contesta que a reclusão não afetou a representação que tem de si, pelo que são a mesma pessoa, a mesma percentagem refere que já não tem a mesma representação que tinha antes da reclusão, e outros 10.7% consideram ser uma oportunidade para melhorar.

Tabela 3

Frequências e percentagens referentes ao autoconceito em situação de reclusão

Unidades de sentido	Frequências	Percentagens
Não afetou, sou a mesma pessoa	6	10,7
Já não me vejo da mesma maneira	6	10,7
Sou mais inseguro	1	1,8
Afetou de forma positiva	5	8,9
Oportunidade para melhorar	6	10,7
Total	24	42,9
Ausente	32	57,1

No que se refere aos resultados relacionados com a resiliência, foram criadas 4 subcategorias: situação de reclusão, adaptação à reclusão, estratégias e sentimentos. Como pode ser verificado na tabela 3, no que toca à *situação de reclusão*, 29% dos reclusos afirma

que a reclusão afetou todos os aspetos da sua vida, enquanto 14% refere que afetou a nível familiar e a mesma percentagem considera a reclusão uma oportunidade para um novo recomeço.

Tabela 4

Frequências e percentagens referentes à situação de reclusão

Unidades de sentido	Frequência	Percentagens
Afetou a nível familiar	8	14,3
Afetou a nível profissional/financeiro	3	5,4
Afetou a nível social	1	1,8
Afetou a nível amoroso	2	3,6
Afetou a nível psicológico	6	10,7
Afetou em tudo	16	28,6
Não afetou	1	1,8
Afetou de forma positiva	2	3,6
Oportunidade para novo recomeço	8	14,3
Afetou de forma positiva e negativa	2	3,6
Total	49	87,5
Ausente	7	12,5

No que respeita à *adaptação à reclusão*, 34% dos reclusos afirma que no início a sua adaptação foi complicada, enquanto 13% refere ter tido uma adaptação normal. Destaca-se também o fato de 2% dos reclusos revelarem que não se adaptaram ao contexto prisional.

Tabela 5

Frequências e percentagens referentes à adaptação à reclusão

Unidades de sentido	Frequências	Percentagens
Adaptação normal	7	12,5
Início foi complicado mas depois habituei-me	11	19,6
Adaptação complicada	8	14,3
Não me adaptei	1	1,8
Boa adaptação	5	8,9
Total	32	57,1
Ausente	24	42,9

Relativamente às *estratégias* adotadas para ultrapassar os desafios inerentes ao contexto prisional, foram referidos pelos reclusos 16 estratégias diferentes, das quais se destacam: viver um dia de cada vez (13%), ser eu mesmo (11%), trabalhar e manter-se ocupado (9%), manter-se longe dos problemas (6%), manter-se em contacto com a família e

com os amigos (5%), respeitar os outros (4%), manter a calma (4%), pensar no futuro (4%) e participar nas atividades do estabelecimento prisional (4%).

Tabela 6
Frequências e percentagens referentes às estratégias

Unidades de sentido	Frequências	Percentagens
Respeitar os outros	2	3,6
Manter-me longe dos problemas	3	5,4
Aceitar a reclusão	2	3,6
Manter a calma	2	3,6
Participar nas atividades do estabelecimento	2	3,6
Trabalhar e manter-me ocupado	5	8,9
Pensar no futuro	2	3,6
Livrar-me das drogas	1	1,8
Manter contacto com a família e amigos	3	5,4
Manter-me forte	2	3,6
Viver um dia de cada vez	7	12,5
Ter apoio da família	2	3,6
Dar-se bem com todos	5	8,9
Ser eu mesmo	6	10,7
Não dar confiança	2	3,6
Não usei estratégias	3	5,4
Total	49	87,5
Ausente	7	12,5

No que se refere aos *sentimentos* associados, os reclusos referem sentir-se arrependidos dos seus atos (14%), vergonha (13%), tristeza (9%), revolta (7%) e desilusão (7%).

Tabela 7
Frequências e percentagens referentes aos sentimentos

Unidades de sentido	Frequências	Percentagens
Arrependimento	8	14,3
Vergonha	7	12,5
Desilusão	4	7,1
Tristeza	5	8,9
Revolta	4	7,1
Fragilidade	1	1,8
Insegurança	1	1,8
Sufrimento	1	1,8
Total	31	55,4
Ausente	25	44,6

No que se concerne aos dados quantitativos, de seguida, são apresentados os resultados da análise descritiva dos instrumentos nas tabelas 8 e 9:

Tabela 8

Estatísticas descritivas dos resultados do ICAC

Fatores	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
AC global	62.1	11.2		
F1 Aceitação/rejeição social	14.3	3.8	9	22
F2 Autoeficácia	18.4	3.7	11	25
F3 Maturidade psicológica	12.1	3.1	8	19
F4 Impulsividade-atividade	9.0	2.7	4	15

Ao analisar a tabela 8 é possível verificar que a média dos somatórios na escala global é 62.1 ($DP = 11.2$). Quanto ao desvio padrão, o valor mais elevado é o do F1 que diz respeito à aceitação/rejeição social. O F4 é o que apresenta os valores mais baixos ($M = 9$; $DP = 3$).

Tabela 9

Estatísticas descritivas dos resultados da ERA

Fatores	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
ERA global	133.9	22.6		
F1 Perceção self	24.5	4.8	10	34
F2 Planeamento futuro	17.4	2.9	7	25
F3 Competências sociais	24.7	4.4	9	36
F4 Coesão familiar	24.9	5.6	9	41
F5 Recursos sociais	26.3	6.3	11	43
F6 Estilo estruturado	16.0	3.9	5	24

Observando a tabela alusiva às estatísticas descritivas da ERA, constata-se que a ERA global apresenta uma $M = 133.9$ e um $DP = 22.6$. É possível verificar que o fator com valores mais elevados diz respeito ao F5, recursos sociais, tendo $M = 26.4$, $DP = 6.3$, mínimo de 11 e máximo de 43. Já o F6, estilo estruturado, apresenta a média mais baixa $M = 16$, e o F2, planeamento futuro, $DP = 2.9$. Estes dados indicam que os reclusos têm níveis mais elevados de resiliência comparativamente ao autoconceito.

Como forma de analisar o tipo de relação existente entre a escolaridade e o autoconceito e a resiliência foi aplicado o teste *One-Way ANOVA* com recurso ao método de Bonferroni com estatísticas descritivas para ambas as variáveis. Ao aplicar este teste houve

a necessidade de recodificar a variável da escolaridade, uma vez que o grupo do ensino superior possuía apenas 2 elementos. Assim, juntou-se o grupo do ensino secundário com o grupo do ensino superior. No entanto, os resultados não demonstraram diferenças entre o autoconceito e a resiliência em função da escolaridade (anexo 7).

No que concerne à idade, os resultados evidenciaram que não há diferenças significativas no autoconceito (anexo 5). No entanto, verificaram-se que existem diferenças na resiliência em função da idade no 2º Fator, que diz respeito ao planeamento futuro. Os itens que correspondem a este fator são o 2) o meus planos para o futuro são – difíceis de realizar/possíveis de realizar, o 8) sinto que o meu futuro parece – muito promissor/incerto, o 14) os meus objetivos – sei como atingi-los/não tenho a certeza de como atingi-los, e o 20) os meus objetivos para o futuro são – pouco claros/bem pensados. Este resultado é apresentado na seguinte tabela (a tabela completa encontra-se no anexo 5):

Tabela 10
ANOVA da ERA em função da idade

Variável dependente	Idade	N	Média	DP	F	gl	p		
							ANOVA	p	η^2
Planeamento futuro	31-40	23	16.09	2.81	3,80	3	,015	.042	.18
	>51	4	27.00	3.37					

Ao analisar a tabela 10, alusiva à ANOVA da ERA, verifica-se que há diferenças significativas ao nível do planeamento futuro nos reclusos entre 31 e 40 anos de idade e nos reclusos com idade superior a 51 anos, $F_{(3,52)} = 3.80$, $p < .05$, $\eta^2 = .18$, com uma dimensão moderada.

Como meio de determinar o tipo de relação existente entre o estado civil e o autoconceito e a resiliência foi utilizado o teste *t* para amostras independentes e os resultados não evidenciaram diferenças entre o autoconceito e a resiliência em função do estado civil (anexo 6).

Para as variáveis referentes aos antecedentes criminais e à prisão atual foi aplicado o teste *t* para amostras independentes para averiguar que tipo de relação existe entre estas variáveis e o autoconceito e a resiliência. Os resultados não revelaram diferenças entre o autoconceito e a resiliência em função dos antecedentes criminais (anexo 8). Relativamente à prisão atual, os resultados não mostraram diferenças relativas ao autoconceito. No entanto, verificaram-se diferenças da resiliência em função da prisão atual no 2º fator, relativo ao planeamento futuro. Os itens que correspondem a este fator são o 2) o meus planos para o futuro são – difíceis de realizar/possíveis de realizar, o 8) sinto que o meu futuro parece – muito promissor/incerto, o 14) os meus objetivos – sei como atingi-los/não tenho a certeza de como atingi-los, e o 20) os meus objetivos para o futuro são – pouco claros/bem pensados. Este resultado é apresentado na seguinte tabela (a tabela completa encontra-se no anexo 9):

Tabela 11

Teste de amostras independentes da ERA em função da prisão atual

Variável dependente		<i>N</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>gl</i>	<i>Sig.</i>	η^2
Planeamento futuro	Primária	38	18.05	2.29	54	.016	.103
	Reincidente	18	16.06	3.69			

Nota: T=2.49; 54 graus de liberdade; significância associada de $p=.016$.

Analisando a tabela 11 é possível conferir que existem diferenças no planeamento futuro em relação aos reclusos primários e reincidentes, com valores $t_{(54)} = 2.49$, $p < .01$, $\eta^2 = .10$.

Para variáveis como a pena, a permanência no estabelecimento, a situação laboral e de ensino no estabelecimento e o apoio familiar foi aplicado o teste *One-Way ANOVA* com recurso ao método de Bonferroni com estatísticas descritivas para averiguar a relação existente entre estas variáveis e o autoconceito e a resiliência. Os resultados não evidenciaram diferenças entre o autoconceito e a resiliência em função do apoio familiar (anexo 12).

Em relação à permanência no estabelecimento, houve a necessidade de recodificar a variável, uma vez que o grupo referente ao “+10 anos” possuía apenas 2 elementos. Assim,

agrupou-se o grupo “5-10 anos” e o grupo “+10 anos”, ficando o grupo 1 “-1 ano”, o grupo 2 “1-5 anos” e o grupo 3 “+5 anos”. Os resultados relativos ao autoconceito não demonstraram diferenças relativamente à permanência no estabelecimento mas, por outro lado, os resultados relativos à resiliência evidenciaram diferenças no 3º fator, que diz respeito às competências sociais. Os itens que correspondem a este fator são o 3) eu gosto de estar – com outras pessoas/sozinho, o 9) ser flexível em contextos sociais – não é importante para mim/é muito importante para mim, o 15) novas amizades são algo – que faço facilmente/que tenho dificuldade em fazer, o 21) conhecer novas pessoas é – difícil para mim/algo em que sou bom, o 26) quando estou com outras pessoas – rio-me facilmente/raramente me rio, e o 30) para mim, pensar em bom tópicos de conversa é – difícil/fácil. Este resultado é apresentado na seguinte tabelas (as tabelas completas encontram-se no anexo 10):

Tabela 12

ANOVA da ERA em função da permanência no estabelecimento

Variável dependente	Tempo Prisão	N	Média	DP	F	gl	Sig. ANOVA	p	η^2
Competências sociais	<1 ano	20	25.8	4.29	3.37	2	,042	.043	.11
	>5 anos	10	21.7	5.29					

Observando a tabela 12, verifica-se que existem diferenças entre os reclusos que se encontram no estabelecimento há menos de 1 ano e os reclusos que estão no estabelecimento há mais de 5 anos, $F_{(2, 53)} = 3.37, p < .05, \eta^2 = .11$.

Relativamente à relação entre a situação laboral e de ensino dos reclusos no estabelecimento e o autoconceito e a resiliência, foi utilizado o teste *One-Way ANOVA* com recurso ao método de Bonferroni com estatísticas descritivas para ambas as variáveis. Os resultados revelaram diferenças do autoconceito em função da situação laboral e de ensino no estabelecimento no 1º fator, o qual corresponde à aceitação/rejeição social. Os itens que correspondem a este fator são o 1) sei que sou uma pessoa simpática, o 4) no contacto com

os outros costumam ser um indivíduo falador, o 9) sou uma pessoa usualmente bem aceita pelos outros, o 16) a minha maneira de ser leva-me a sentir na vida com um razoável bem-estar, e o 17) considero-me uma pessoa agradável no contacto com os outros.

Estes resultados estão presentes na tabela 13 (a tabela completa encontra-se no anexo 11). Já a resiliência não apresentou diferenças em função da situação laboral e de ensino no estabelecimento (anexo 11).

Tabela 13

ANOVA do ICAC em função da situação laboral e de ensino no estabelecimento

Variável dependente	Situação no estabelecimento		Média	DP	F	Df	Sig. ANOVA	p	η^2
	N								
Aceitação social	Trabalho	19	16.9	4.2	5.4	3	.003	.003	.07
	Escola	11	12.1	1.9		52			

Nota: F= 5.40; 3.52 graus de liberdade; significância associada de p=.003.

Ao analisar a tabela 13, alusiva à ANOVA da ERA, é possível verificar diferenças significativas entre o trabalho e a escola a nível da aceitação/rejeição social, apresentando valores de $F_{(3.52)} = 5.40$, $p < .01$, $\eta^2 = .07$.

De seguida apresentam-se as correlações de Pearson:

Tabela 14

Correlações de Pearson

Fatores	ERA0	FE1	FE2	FE3	FE4	FE5	FE6
AC0	.15	.07	.25	.17	-.01	.05	.34*
FA1	.13	-.03	.26	.21	.02	.06	.25
FA2	.08	.07	.06	.11	-.06	.02	.31*
FA3	.10	.10	.22	.11	-.045	.01	.25
FA4	.12	-.02	.26	.10	.02	.06	.31*

Nota: N=56; *. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades); FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade; FE1 Perceção do self; FE2 Planeamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Analisando a tabela 14, alusiva às Correlações de Pearson, é possível apurar que os fatores do ICAC e da ERA não se relacionam de forma significativa. Assim, verifica-se que o autoconceito global só se correlaciona com o FE6 ($r = .34$, $p < .01$) e tem uma correlação negativa com o FE4, alusivo à coesão familiar ($r = -.01$); o FA1, referente à

aceitação/rejeição social, não se correlaciona com nenhum fator da ERA e tem correlação negativa com o FE1, correspondente à percepção do *self* ($r = -.03$); o FA2, referente à autoeficácia, tem apenas uma correlação significativa no nível .01 com o FE6, estilo estruturado ($r = .31$), e tem uma correlação negativa com o FE4, relativo à coesão familiar ($r = -.06$); o FA3, alusivo à maturidade psicológica, correlaciona-se negativamente com o FE4, que diz respeito à coesão familiar ($r = -.05$); o FA4, referente à impulsividade-atividade, correlaciona-se significativamente no nível .01 com o FE6, estilo estruturado ($r = .31$) e tem, também, uma correlação negativa com o FE1, percepção do *self* ($r = -.02$); a ERA global não se correlaciona com nenhum fator do ICAC.

Discussão

Por meio da análise e quantificação das unidades de sentido obtidas através das questões de resposta aberta, observa-se que a maioria dos reclusos tem uma representação negativa de si próprio após ter cometido um crime. Isso vai ao encontro da crise da pena privativa de liberdade retratada por Bitencourt (2004) que aponta algumas consequências negativas como: problema do autoconceito do recluso, elevados índices de reincidência e anulação da personalidade dos reclusos.

Em relação à escolaridade, os resultados obtidos nesta investigação não demonstraram diferenças significativas relativamente ao autoconceito e à resiliência, clarificando que a escolaridade não influencia o autoconceito nem a resiliência. No entanto, Araújo (2012) observou, no seu estudo, níveis significativos de resiliência em função da escolaridade, embora essa diferença só se tenha verificado a nível geral. Esta discordância pode dever-se ao facto de o estudo de Araújo (2012) ter como participantes jovens institucionalizados, enquanto os participantes da presente investigação são reclusos maioritariamente adultos. Ainda no que se refere à relação entre resiliência e autoconceito,

Lerner, Walsh, e Howard (1998) afirmaram que, como exemplo de recursos de resiliência, podem ser referidas uma autoestima ou um autoconceito elevados, estabelecendo uma possível relação entre ambos os constructos. Mais uma vez, os resultados da presente investigação corroboram o que é encontrado na literatura. Assim, relativamente à questão de investigação, que envolve a relação entre a escolaridade, o autoconceito e a resiliência, verifica-se que o presente estudo não revela uma associação significativa entre aquelas variáveis.

Os resultados obtidos nesta investigação evidenciaram que existem diferenças na resiliência em função da idade no 2º Fator, que diz respeito ao planeamento futuro. De acordo com a literatura (Pereira et al., 2013; Carvalho, Teodoro & Borges, 2014), o planeamento futuro diz respeito à visão otimista que o indivíduo tem do futuro, na certeza de que poderá ser bem-sucedido e na sua capacidade de planear e estabelecer objetivos. Os resultados indicam que os reclusos inseridos na faixa etária superior aos 51 anos têm uma visão otimista do seu futuro, da sua capacidade de planear e estabelecer objetivos e acreditam que poderão ser bem-sucedidos. O mesmo não se verifica nos reclusos entre os 31 e os 40 anos de idade, o que demonstra que estes indivíduos planeiam menos o seu futuro. A literatura (Gonçalves, 2008, citado por Araújo, 2012) indica que os reclusos mais jovens têm mais dificuldade em se adaptar à reclusão, o que leva a crer que são menos resilientes.

Os resultados deste estudo mostraram diferenças relativas à resiliência em função da prisão atual no 2º fator, relativo ao planeamento futuro. De acordo com a literatura (Pereira et al., 2013; Carvalho, Teodoro & Borges, 2014), o planeamento futuro diz respeito à visão otimista que o indivíduo tem do futuro, na certeza de que poderá ser bem-sucedido e na sua capacidade de planear e estabelecer objetivos. Estes resultados evidenciaram que existem diferenças no planeamento futuro em relação aos reclusos primários, o que demonstra que estes têm uma visão otimista do seu futuro e acreditam que podem vir a ser bem-sucedidos

e que têm capacidade de planear e estabelecer metas, o que não se verifica nos reclusos reincidentes. A literatura (Araújo, 2012) sugere que os reclusos primários adaptam-se melhor à reclusão, o que indica que são mais resilientes.

No que diz respeito à permanência no estabelecimento, os resultados relativos à resiliência evidenciaram diferenças no 3º fator, que diz respeito às competências sociais. Tendo em conta a literatura (Pereira et al., 2013; Carvalho, Teodoro & Borges, 2014), este fator diz respeito à flexibilidade do indivíduo em interagir socialmente, à capacidade de iniciar conversas e criar novas amizades e em sentir-se confortável em diversos ambientes sociais. Os resultados permitiram constatar que os indivíduos que se encontram no estabelecimento há menos de 1 ano têm uma diferença significativa em relação aos indivíduos que estão no estabelecimento há mais de 5 anos a nível das competências sociais, o que indica que os primeiros têm mais facilidade nas interações sociais, iniciam conversas e criam novas amizades com mais facilidade e sentem-se mais confortáveis em diversos ambientes.

Os resultados obtidos no estudo revelaram diferenças do autoconceito em função da situação laboral e de ensino no estabelecimento no 1º fator, o qual corresponde à aceitação/rejeição social. Já a resiliência não apresentou diferenças em função da situação laboral e de ensino no estabelecimento. De acordo com a literatura (Vaz Serra, 1986; Vaz Serra, Firmino & Matos, 1987), a aceitação/rejeição social corresponde à perceção que o indivíduo incrementa em relação à sua aceitação por terceiros e à demonstração de interações socialmente adequadas. Na tabela 13, apresentada nos resultados, é possível constatar que existem diferenças significativas a nível do trabalho e da escola. Este facto é explicado na literatura por Costa (2013), que afirma que a escola compete com o trabalho e que, maioritariamente, o trabalho se sobrepõe, uma vez que este é fonte de rendimentos. Desta maneira, pode-se determinar que os reclusos optam pelo trabalho em vez da escola por

acharem que assim serão melhor aceitos pelos restantes, demonstrando interações socialmente adequadas. No entanto, a literatura corrobora que a educação estimula a qualidade de vida e o bem-estar da população reclusa (Ramos, 2011) e a formação profissional contribui para o desenvolvimento social e pessoal destes indivíduos, o que se torna benéfico para a sua reinserção (Marques, 2013). Assim, era esperado que os reclusos que frequentam a escola e que têm uma ocupação laboral tivessem um autoconceito e resiliência mais elevados e que os reclusos que não frequentam nenhuma destas atividades apresentassem níveis mais reduzidos de autoconceito e resiliência.

Para variáveis como o estado civil, os antecedentes criminais e o apoio familiar não foram encontradas diferenças ao nível do autoconceito nem da resiliência. No entanto, era esperado que os reclusos casados apresentassem diferenças na resiliência em comparação com os reclusos solteiros, uma vez que os primeiros podem contar com o apoio emocional e/ou financeiro das suas companheiras e, de acordo com a literatura (Afonso, 2012), os reclusos casados adaptam-se melhor à reclusão, pelo que são tidos como mais resilientes. Também não foram verificadas diferenças em função da profissão. Também em relação aos antecedentes criminais, era expectável que os reclusos com antecedentes criminais revelassem baixos níveis de resiliência, uma vez que a literatura (Vieira, 2012; Born, 2003) referencia que os indivíduos que não são tidos como resilientes tendem a enveredar por comportamentos de indisciplina e que os comportamentos delinquentes são influenciados pela estabilidade da resiliência. Relativamente ao apoio família, com base na informação encontrada na literatura (Vaz Serra, Firmino & Matos, 1987), era esperado que os indivíduos que têm apoio da família demonstrassem diferenças a nível do autoconceito, uma vez que um estudo dos autores corroborou que quanto melhor é o ambiente familiar, melhor é o autoconceito do indivíduo. Diversos autores (Peixoto, 2004; Sisto et al., 2004, citados por

Araújo, 2012) revelam também que a qualidade das relações familiares se associa ao autoconceito.

Assim, é possível afirmar que os resultados obtidos no presente estudo não estão de acordo com a informação encontrada na literatura (Araújo, 2012; Lerner et al., 1998; Ramos, 2011; Marques, 2013; Afonso, 2012; Vieira, 2012; Born, 2003; Peixoto, 2004), o que poderá dever-se ao tipo de população estudada, visto que se trata de reclusos e estão num ambiente bastante particular como é o prisional e privados da liberdade.

Quanto à relação entre autoconceito e resiliência, analisada através das correlações de Pearson, os resultados contrariaram a nossa expectativa, já que apenas os fatores autoconceito global, a autoeficácia e a impulsividade-atividade do ICAC se relacionaram significativamente com o estilo estruturado da ERA. O estudo elaborado por Araújo (2012) contradiz estes resultados, pois a autora concluiu que a resiliência correlaciona-se de forma positiva e significativa com o autoconceito, sendo que a dimensão alusiva à maturidade psicológica se associou a todas as dimensões da resiliência. A mesma autora confirmou que quanto maior o autoconceito, mais elevados são os níveis de resiliência, facto que não se verifica no presente estudo. No entanto, o estudo de Araújo (2012) teve como participantes jovens institucionalizados, o que pode justificar a discrepância de resultados com o presente estudo, que foi elaborado junto de uma população reclusa. Também Silva (2009, citado por Araújo, 2012), efetuou uma investigação em que um dos seus objetivos era estudar o autoconceito de competência no desenvolvimento dos traços de resiliência e os resultados demonstraram associações positivas entre o desenvolvimento dos traços de resiliência e o autoconceito. Rodríguez (2008, citado por Araújo, 2012), elaborou um estudo que demonstrou que os participantes tinham níveis elevados de autoconceito e se sentiam satisfeitos com a sua vida apesar das adversidades, o que comprova a existência de traços de resiliência associados ao autoconceito. Apesar de a literatura evidenciar, realmente, que

existem associações positivas entre o autoconceito e a resiliência (Araújo, 2012; Silva, 2009, citado por Araújo, 2012; Rodríguez, 2008, citado por Araújo, 2012), o mesmo não se verificou no presente estudo, contando apenas com uma correlação significativa com um dos fatores da ERA. Este facto pode dever-se à situação em que os participantes se encontram e ao número reduzido da amostra.

Desta maneira, com base nos resultados da presente investigação, verifica-se que o autoconceito está significativamente relacionado com apenas 1 dos fatores da resiliência, o estilo estruturado. De acordo com os autores consultados na literatura, o estilo estruturado diz respeito à capacidade que o indivíduo tem em organizar o seu tempo, de estabelecer prazos e objetivos e de orientar as suas regras e rotinas diárias (Pereira et al., 2013; Carvalho, Teodoro & Borges, 2014), pelo que, tendo em conta que os participantes estão inseridos no contexto prisional, em que têm determinadas regras, rotinas e horários que devem cumprir, estes resultados parecem coerentes.

Os resultados deste estudo poderão permitir a definição, por parte do estabelecimento, de estratégias mais individualizadas, em que sejam trabalhados os aspetos referentes ao autoconceito e à resiliência. Este trabalho seria benéfico pois teria em vista a readaptação dos reclusos e, nesse sentido, seria possível colmatar a grande taxa de reincidência, facultando maior motivação para a vida após a reclusão.

Conclusão

Os resultados demonstraram que os reclusos optam pelo trabalho em vez da escola, o que pode ser explicado pelo facto de o trabalho ser fonte de rendimentos e, desta maneira, serão melhor aceites pelos restantes reclusos, demonstrando interações socialmente adequadas.

Desta maneira, e respondendo à questão de investigação do estudo, que pretende analisar a relação entre a escolaridade, o autoconceito e a resiliência em situação de reclusão, conclui-se que estas variáveis não se relacionam neste contexto em particular. No que concerne aos objetivos específicos, foi possível determinar que o nível de escolaridade não se relaciona com o autoconceito nem com a resiliência na população alvo deste estudo. Relativamente à relação entre o autoconceito e a resiliência, analisou-se que esta não é significativa, pelo que o autoconceito está significativamente relacionado com apenas 1 dos fatores da resiliência, o estilo estruturado.

Relativamente à representação que os reclusos têm de si após cometerem um crime, a maioria tem uma imagem desfavorável de si após ter cometido um crime. Em relação às variáveis que contribuem para um autoconceito favorável, identificaram-se como fatores importantes ter trabalho, não cometer o mesmo erro, ter apoio da família e ter responsabilidades. Como consequências resultantes da situação de reclusão, identificaram-se consequências a nível do autoconceito e da vida dos reclusos.

Assim, verifica-se que nem todos os resultados obtidos neste estudo estão de acordo com a informação e estudos anteriormente encontrados na literatura. Importa referir que esta situação pode dever-se ao facto de a população em questão ser muito específica e de não terem sido encontradas muitas investigações que estudassem o autoconceito, a escolaridade e a resiliência conjuntamente. Devido a esta situação, o confronto dos resultados obtidos com outras investigações tornou-se limitado.

Outras limitações encontradas ao longo do estudo foram a dificuldade em contactar com os reclusos, tanto para distribuir como para recolher o questionário, o que acabou por restringir ainda mais a amostra. A amostra reduzida e o facto de alguns reclusos não terem respondido a todas as questões de resposta aberta foram também fatores limitativos a nível da análise e apresentação dos resultados, pois o aumento da amostra implicaria a introdução

de novos dados, o que poderia conduzir ao surgimento de novas categorias, tornando o estudo mais rico.

No entanto, os objetivos propostos neste estudo foram satisfatoriamente atingidos, uma vez que os resultados obtidos foram pertinentes para uma melhor compreensão da escolaridade, autoconceito e resiliência em situação de reclusão. Para estudos futuros, é proposto um estudo sobre as mesmas variáveis junto de uma amostra mais alargada e estudar o autoconceito e a resiliência dos reclusos tendo em conta fatores como o meio de que são provenientes. Outra proposta é a realização de um estudo longitudinal com reclusos com um autoconceito pouco desenvolvido e que não frequentam as atividades facultadas pelo estabelecimento, mas que, ao longo do estudo, estejam dispostos a frequentar atividades como a escola, palestras ou outros cursos disponíveis, de modo a verificar se estes fatores influenciam o autoconceito em reclusão.

A reinserção social dos reclusos é que deve dar-se a estes, durante o período de reclusão os meios e as competências necessárias e adequadas para que não cometam novos crimes em liberdade. De entre essas competências encontra-se a educação e a formação profissional. São vários os estudos que demonstram que os reclusos que frequentam aulas ou cursos de formação profissional durante o período de encarceramento têm menor possibilidade de reincidirem. Neste sentido, em 1989, o Comité de Ministros do Conselho da Europa, adotou a Recomendação (89) 12, de 13 de Outubro, sobre o ensino na prisão. Nesta incita-se os governos dos Estados-membros a implementar políticas que proporcionem não só o acesso de todos os reclusos a um tipo de ensino semelhante ao ministrado no exterior, mas também que reconheçam que a educação na prisão deve ter como objetivo o desenvolvimento do indivíduo como um todo, tendo em atenção o seu contexto social, económico e cultural. Em muitos casos, a educação e a formação em meio prisional têm sido encaradas, quer pelas administrações prisionais, quer pelos próprios reclusos, apenas como

uma forma de ocupação durante o período de reclusão, havendo, por isso e apesar da razoável taxa de adesão, uma taxa de sucesso ainda reduzida. Isso torna importante sensibilizar as administrações e os reclusos para a necessidade da escolarização como uma forma de se projetar para um futuro melhor e diminuir a reincidência.

Referências Bibliográficas

- Afonso, L. (2012). *Adaptação à prisão: estudo das relações entre o coping, “marcadores” de bem-estar e ajustamento psicológico* (Tese de mestrado não publicada). Universidade do Minho, Portugal.
- Almeida, L. S. & Freire, T. (2010). *Metodologia de investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilibrios.
- Antunes, D. T. N. (2012). *Agressores sexuais de menores e reclusão: Estudo exploratório sobre personalidade, impulsividade e espontaneidade* (Tese de mestrado não publicada). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Portugal.
- Antunes, M. D. P. (2011). *Fatores de risco e de proteção associados à resiliência: Estudo comparativo entre adolescentes que vivem com a família e adolescentes acolhidos em lar de infância e juventude* (Tese de mestrado não publicada). Universidade Técnica de Lisboa, Portugal.
- Apolinário, M. N. (2009). As penas alternativas entre o direito penal mínimo e máximo. *Faculdade Atlântico Sul de Pelotas*. Retirado de: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/30838-33193-1-PB.pdf>
- Araújo, R. C. S. A. (2012). *Resiliência e auto-conceito em jovens institucionalizados: Qualidade da ligação a figuras significativas* (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal.
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

- Bergano, S. (2002). *Filosofias da educação de adultos* (Tese de Mestrado não publicada).
Universidade de Coimbra, Portugal.
- Bitencourt, C. (2004). *A falência da pena de prisão: Causas e alternativas*. Saraiva: São Paulo.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Born, M. (2003). *Psicologia da Delinquência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Brandão, E. M. (2011). *Percepção do suporte familiar e autoconceito em crianças e adolescentes acolhidos institucionalmente e em família* (Tese de pós-graduação não publicada). Universidade São Francisco, Brasil.
- Brandão, J. M., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento, I. F. (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: Discutindo as origens. *Paidéia*, 21(49), 263-271.
- Burgos, A. V. & Urquijo, P. A. (2012). Dimensiones del autoconcepto de estudiantes chilenos: Un estudio psicométrico. *Revista Educativa Hekademos*, 11(V), 47-58.
- Cabral, S. A. & Levandowski, D. C. (2013). Resiliência e psicanálise: Aspectos teóricos e possibilidades de investigação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16 (1), 42-55.
- Cardoso, I. (2006). *Andragogia em ambientes virtuais de aprendizagem* (Tese de Mestrado). Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil.
- Cardoso, M. L. S. (2010). *Vozes dentro de grades* (Relatório de estágio não publicado).
Universidade de Coimbra, Portugal.
- Carneiro, R. G. (2003). Autoconcepto académico y percepción familiar. *Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación*, 7(8), 359-374.

- Carvalho, B. E. F. F. (2012). *A visão de si dos reclusos anti-sociais: Esquemas mal-adaptativos precoces dos reclusos e a sensibilidade à mudança da paranoia* (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Portugal.
- Carvalho, V. D., Teodoro, M. L. M. & Borges, L. O. (2014). Escala de resiliência para adultos: Aplicação entre servidores públicos. *Avaliação Psicológica*, 13(2), 287-295.
- Cerqueira, T. C. S., Polonia, A. C., Pinto, C. B. G. C., Castro, F. C. G., Montenegro, M. E., & Zinato, V. A. M. (2004). O autoconceito e a motivação na constituição da subjetividade: Conceitos e relações. *Revista do Mestrado em Educação*, 10(20), 30-41.
- Chaitin, J., Sternberg, R., Arad, H., Barzili, L., Deray, N., & Shinhar, S. (2013). “I May Look 75, but I’m Really a Pioneer”: Concept of self and resilience among israeli elder adults living in a war zone. *Journal of Happiness Studies*, 14, 1601-1619.
- Cherubini, Z. A. (2005). *Estresse e autoconceito em pais e mães de crianças com a síndrome do x-frágil* (Tese de mestrado não publicada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Cigarro, A. F. M. (2011). *Vinculação, memórias de cuidados na infância, auto-conceito e depressão em adolescentes* (Tese de mestrado não publicada). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal.
- Coelho, C. C. F. (2008). *Atitudes de guardas prisionais relativamente a contactos sexuais entre reclusos e à sua prevenção* (Tese de mestrado não publicada). Universidade do Minho, Portugal.
- Cohen J. (1988). *Statistical Power analysis for the behavioral sciences*. New Jersey: Erlbaum.

- Constantine, N., Bernard, B., & Diaz, M. (1999). Measuring protective factors and resilience traits in youth: The healthy kids resilience assessment. *Paper presented at the Seventh Annual Meeting of the Society for Prevention Research*. Oakland: Center for research on adolescent health and development. Retirado de: <http://crahd.phi.org/papers/HKRA-99.pdf>
- Corrêa, I. F. (2013). *A resiliência em adolescentes vítimas de maus-tratos intrafamiliares na infância* (Tese de mestrado não publicada). Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Portugal.
- Costa, A. (2013). A especificidade e a diferenciação pedagógica em meio prisional. *VII encontro de professores em meio prisional*. Retirado de: <http://www.cfaematosinhos.eu/AliceCosta.pdf>
- Costa, P. C. G. (2002, Janeiro-Abril). Escala de autoconceito no trabalho: Construção e validação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(1), 075-081.
- Cyrułnik, B. (2001). *Resiliência, essa inaudita capacidade de construção humana*. Lisboa: Edições Horizontes Pedagógicos.
- D'Aroz, M. S., Beghini, T. P., Azevedo, J. J., Asinelli-Luz, A., & Cunha, J. (2009). Autoconceito em crianças de 4ª série do ensino público fundamental em Curitiba. *IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia*. PUCPR. Retirado de: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3373_1830.pdf
- Direção Geral dos Serviços Prisionais. (2010). *Relatório de atividades*. Vol II.
- Direção Regional de Estabelecimentos Prisionais. (2012). *Estatísticas prisionais trimestrais (1º) 2012*. Retirado de <http://dgsp.mj.pt>

- Donnellan, M. B., Trzesniewski, K. H., Robins, R. W., Moffitt, T. E., & Caspi, A. (2005). Low self-esteem is related to aggression, antisocial behavior, and delinquency. *Psychological Science, 16*, 328-335.
- Duguay, B. (2000). *L'ímage de soi et la consommation: la valeur compensatoire des produits* (Tese de doutoramento não publicada). Université du Québec à Montréal, França.
- Emídio, R., Santos, A. J., Maia, J., Monteiro, L., & Veríssimo, M. (2008). Auto-conceito e aceitação pelos pares no final do período pré-escolar. *Análise Psicológica, 3*(XXVI), 491-499.
- Esteves, M. L. M. (2011). *Leitura vs auto-conceito de alunos com dificuldades de aprendizagem específicas* (Tese de mestrado não publicada). Universidade do Minho, Portugal.
- Fajardo, I. N., Minayo, M. C. S. & Moreira, C. O. F. (2013). Resiliência e prática escolar: Uma revisão crítica. *Educação & Sociedade, Revista de Ciência da Educação, 34* (122), 213-224.
- Falcão, J. T. R., & Régnier, J. C. (2000). Sobre os métodos quantitativos na pesquisa em ciências humanas: Riscos e benefícios para o pesquisador. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 81*(198), 229-243.
- Faria, L. (2005). Desenvolvimento do auto-conceito físico nas crianças e nos adolescentes. *Análise Psicológica, 23*(4), 361-371.
- Fergusson, D. M. & Horwood, L. J. (2002). Male and female offending trajectories. *Development and Psychopathology, 14*, 159-177.
- Feldman, R. (2001). *Compreender a psicologia* (5.^a ed.) (L. M. Neto, S. B. Santos, M. F. Perloiro & M. M. Azevedo, Trad.). Lisboa: McGraw-Hill.
- Fernandes, S. C. G. (2012). *Educação de adultos: um campo diverso de práticas...* (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal.

- Ferreira, F. (2000). *Os determinantes da desigualdade de renda no Brasil: Luta de classes ou heterogeneidade educacional?* Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Filho, A. P. (2007). Características do aprendizado adulto. *Medicina, Ribeiro Preto*, 40(1), 7-16.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica* (Parreira, A. M. Trad.). Lisboa: Monitor.
- Gatti, B. A. (2004). Estudos quantitativos em educação. *Educação e Pesquisa*, 30(1), 11-30.
- Gomes, C., Duarte, M., & Almeida, J. (2003). *Crimes, penas e reinserção social: Um olhar sobre o caso português*. Actas dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia.
- Gonçalves R.A. (2008). *Delinquência, Crime e Adaptação à Prisão*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Gonçalves, C. L. S. (2013). *O Aluno e a Transição: Relação entre auto-conceito e atitudes face à escola* (Tese de mestrado não publicada). Universidade da Madeira, Portugal.
- González-Pienda, J. A., Pérez, J. C. N., Glez-Pumariega, S. & García, M. S. G. (1991). Autoconceito, autoestima y aprendizaje escolar. *Psicothema*, 9(2), 271-289.
- Guimarães, J. V. C. (2012). *Autoconceito, autoestima e comportamentos desviantes em adolescentes* (Tese de mestrado não publicada). Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Portugal.
- Henriques, P. (2009). *Imagem corporal, autoconceito e rendimento escolar nos pré-adolescentes* (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Aveiro, Portugal.
- Herrman, H., Stewart, D. E., Diaz-Granados, N., DPhil, E. L. B., Jackson, B. & Yuen, T. (2011). What is Resilience? *The Canadian Journal of Psychiatry*, 5(56), 258-265.
- House of Commons (2005). *Prison education: Seventh report of session 2004-05*. Inglaterra.

- Inês, R. P. R. (2009). *A aprendizagem experiencial e a sabedoria no adulto e no adulto idoso* (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa, Portugal.
- Instituto Nacional de Estatística (2012). *Censos 2011. Resultados definitivos: Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Invitti, C. (2012). *Autoconceito de trabalhadores assediados moralmente no trabalho* (Tese de pós-graduação não publicada). Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
- Karatas, Z. & Cakar, F. B. (2011). Self-esteem and hopelessness, and resiliency: An exploratory study of adolescents in Turkey. *Canadian Center of Science and Education*, 4(4), 84-91.
- Lee, T., Kwong, W., Cheung, C., Ungar, M. & Cheung, M. (2010). Children's resilience-related beliefs as a predictor of positive child development in the face of adversities: Implications for interventions to enhance children's quality of life. *Social Indicators Research*, 95(3), 437-453.
- Lerner, R., Walsh, M., & Howard, K. (1998). Developmental – contextual considerations: Person-context relations as the bases for risk and resiliency in child and adolescent development. In A. S. Hersen (Ed.), *Comprehensive Clinical Psychology* (pp. 1-315). New York: Pergamon.
- Luís, J. (2012). *Perspectivas da população reclusa portuguesa acerca do sucesso da sua futura ressocialização* (Tese de pós graduação não publicada). Universidade Fernando Pessoa, Portugal.
- Luthar, S. S., Cicchetti, D. & Becker, B. (2000). The construct of resilience: A critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, 71(3), 543-562.
- Machado, L., Kassick, C. & Gehlen, L. (2013). Resiliência como capacidade de adaptação no retorno ao mercado de trabalho em indivíduos do regime fechado. *Sobraré –*

Sociedade Brasileira de Resiliência. Retirado de:

http://www.sobrare.com.br/sobrare/Uploads/20131205_resilincia.pdf

- Marques, S. L. L. (2013). *Competências de exploração vocacional: Um estudo com reclusos* (Tese de mestrado não publicada). Instituto Superior de Línguas e Administração de Leiria, Portugal.
- Marsh, H. & Craven, R. (2006). Reciprocal effects of self-concept and performance from a multidimensional perspective: Beyond seductive pleasure and unidimensional perspectives. *Perspectives on Psychological Science, 1*, 133-163.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilibrios Edições.
- Martins, D. D. R. (2005). *Auto-conceito de crianças expostas à violência interparental* (Tese de licenciatura não publicada). Universidade Fernando Pessoa, Portugal.
- Mehrota, S. & Chaddha, U. (2013). A co relational study of protective factor, resilience and self esteem in pre medical dropouts. *Internationa Journal of Humanities and Social Science Invention, 2(9)*, 103-106.
- Mendes, A. R., Dohms, K. P., Lettnin, C., Zacharias, J., Mosquera, J. J. M. & Stobäus, C. D. (2012). Autoimagem, autoestima e autoconceito: Contribuições pessoais e profissionais na docência. *IX ANPED SUL Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*. Retirado de:
<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/724/374>
- Molinari, J., Silva, M., & Crepaldi, M. (2005). Saúde e desenvolvimento da criança: A família, os fatores de risco e as ações na atenção básica. *Psicologia Argumento, 23(43)*, 17 – 26.

- Murata, M. P. F. (2013). *Vulnerabilidade e resiliência: Fatores de risco e proteção em escolares com necessidades educativas especiais* (Tese de pós-graduação não publicada). Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
- Nogueira, M. A. G. (2012). *Competência social em contexto de carreira e autoconceito* (Tese de mestrado não publicada). Instituto Superior de Línguas e Administração de Leiria, Portugal.
- Noronha, M. G R. C. S., Cardoso, P. S., Moraes, T. N. P. & Centa, M. L. (2009). Resiliência: Nova perspectiva na promoção da saúde da família? *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 497-506.
- Novais, F. A. G., Ferreira, J. A., & Santos, E. R. (2010). Transição e ajustamento de reclusos ao estabelecimento prisional. *Psychologica*, 52 (II), 209-242.
- Nunes, M. A. C. (2010). *Auto-conceito e suporte social em adolescentes em acolhimento institucional* (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa, Portugal.
- Oriol-Bosh, A. (2012). Resiliencia. *Educación Médica*, 15(2), 77-78.
- Peixoto, F. (2004). Qualidade das relações familiares, auto-estima, autoconceito e rendimento académico. *Análise Psicológica*, 1(22), 235-244.
- Peltz, L., Moraes, M. G. & Carlotto, M. S. (2010). Resiliência em estudantes do ensino médio. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 87-94.
- Pereira, M., Cardoso, M., Alves, S., Narciso, I. & Canavarro, M. C. (2013). Estudos preliminares das características psicométricas da Escala de Resiliência para Adultos (ERA). *VIII simpósio nacional de investigação em psicologia*. Editor: Associação Portuguesa de Psicologia.

- Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N. & Oliveira, R. V. C. (2004). Risco e proteção: Em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 135-143.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais – A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Phillips, M., & Lindsay, M. (2011). Prison to society: A mixed methods analysis of coping with reentry. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 55(1), 136-154.
- Pinheiro, D. P. N. (2004). A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*, 9(1), 67-75.
- Polleto, M. & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: Promotores de resiliência, fatores de risco e proteção. *Estudos de Psicologia*, 25(3), 405-416.
- Porporino, F. J. & Robinson, D. (1992). *Can education adult offenders counteract recidivism? Correctional Service of Canada*. Retirado de: http://publications.gc.ca/collections/collection_2010/scc-csc/PS83-3-22-eng.pdf
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais* (4ª ed) (Marques, J. M., Mendes, M. A., Carvalho, M. Trad.). Lisboa: Gradiva.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilibrios Edições.
- Ramos, I. C. O. (2011). *Contributos da educação: (re)viver na prisão* (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa, Portugal.
- Reppold, C. T., Mayer, J. C., Almeida, L. S. & Hutz, C. S. (2012). Avaliação da resiliência: Controvérsia em torno do uso das escalas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(2), 248-255.

- Rezende, N. V. (2012). *Reencantar a educação: A educação básica e a ressocialização dos presos* (Tese de mestrado não publicada). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal.
- Rose, R. D., Buckley JR., J. C., Zbozinek, T. D., Motivala, S. J., Glenn, D E., Cartaine, J. A. & Craske, M. G. (2013). A randomized controlled trial of a self-guided, multimédia, stress management and resilience training program. *Behaviour Research and Therapy*, *51*, 106-112.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Orthopsychiatric Association*, *57*(3), 316-331.
- Rutter, M. (2006). Implications of resilience concepts for scientific understanding. *Annals of the New York Academy of Sciences*, *1094*, 1-12.
- Rutter, M. (2007). Resilience, competence and coping. *Child Abuse and Neglect*, *31*, 205-209.
- Santos, N. L., Lima, A. P. & Faria, L. (2007). Escala de abandono aprendido (EAA) revisitada: Estudo no contexto prisional do norte de Portugal. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, *4*, 172-184.
- Santos, P. M. G. R. (2009). *A interferência do rendimento escolar no auto-conceito de alunos dos 1º e 2º ciclos do ensino básico e ensino secundário* (Tese de mestrado não publicada). Universidade Fernando Pessoa, Portugal.
- Sapienza, G. & Pedromônico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, *10*(2), 209-216.
- Schilling, J. (2006). On the pragmatics of qualitative assessment: Designing the process for content analysis. *European Journal of Psychological Assessment*, *22*(1), 28-37.

- Serpa, A. L. O. (2012). *Autoeficácia, autoconceito e ansiedade em uma avaliação em larga escala e sua relação com o desempenho escolar* (Tese de pós-graduação não publicada). Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil.
- Shavelson, R. & Bolus, R. (1982). Self-concept: The interplay of theory and methods. *Journal of Educational Psychology*, 74(1), 407-441.
- Shavelson, R. J., Hubner, J. J. & Stanton, G. C. (1976). Self-concept: Validation of construct interpretations. *Review of Educational Research*, 46(3), 407-441.
- Silva, C. R., Gobbi, B. C. & Simão, A. A (2005). O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: Descrição e aplicação do método. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, 7(1), 70-81.
- Silva, H. (2009). *Resiliência nos jovens: Relações familiares e auto-conceito de desempenho* (Tese de mestrado não publicada). Universidade do Algarve, Portugal.
- Sim-Sim, M. & Lima, M. L. P. (2004). O auto-conceito sexual. *Psychologica*, 35, 211-232.
- Tamayo, A. (1981). EFA: Escala fatorial de autoconceito. *Psicologia do Aconselhamento*, 33(4), 87-102.
- Tamayo, A., Campos, A. P. M., Matos, D. R., Mendes, G. R., Santos, J. B. & Carvalho, N. T. (2001). A influência da atividade física regular sobre o autoconceito. *Estudos de Psicologia*, 6(2), 157-166.
- Tavares, J. (2001). A resiliência na sociedade emergente. In J. Tavares (Ed.), *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez Editora.
- Taylor, L. D., Davis-Kean, P. & Malanchuk, O. (2007). Self-esteem, academic self-concept, and aggression at school. *Aggressive behavior*, 33, 130-136.
- Tongerren, D. & Klebe (2010). Reconceptualizing prison adjustment: A multidimensional approach exploring female offenders' adjustment to prison life. *The Prison Journal*, 90, 46 – 68.

- Torres, A. C. & Gomes, M. C. (2005). Drogas e prisões: Relações próximas. *Toxicodependências*, 11(2), 23-40.
- Torres, A. C. & Gomes, M. D. (2002). *Drogas e Prisões em Portugal*. Lisboa, CIES/ISCTE.
- Tuckman, B. (2005). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vaz Serra, A. (1986). O «Inventário Clínico de Auto-Conceito». *Psiquiatria Clínica*, 7(2), 67-84.
- Vaz Serra, A., Firmino, H., & Matos, A. P. (1987). Auto-conceito e locus de controlo. *Psiquiatria Clínica*, 8.
- Veiga, F. H. (2006). Uma nova versão da escala de autoconceito Piers-Harris children's self-concept scale (PHCSCS-2). *Psicologia e educação*, V(1), 39-48.
- Vieira, C. I. R. S. A. (2012). *Risco psicossocial, fatores protetores e psicopatologia na população reclusa* (Tese de Mestrado não publicada). Universidade do Algarve, Portugal.
- Wacquant, L. (2000). *As prisões da Miséria*. Oeiras: Celta Editora.
- Webster, G. D., Kirkpatrick, L. A., Nezlek, J. B., Smith, C. V. & Paddock, E. L. (2007). Different slopes for different folks: Self-esteem instability and gender as moderators of the relationship between self-esteem and attitudinal aggression. *Self and Identity*, 6, 74- 96.
- Zimmerman, M. A. & Rarunkumar, R. (1994). Resiliency research: Implications for schools and policy. *Social Policy Repor*, VIII(4), 1-20.
- Zolkoski, S. M. & Bullock, L. M. (2012). Resilience in children and youth: A review. *Children and youth services review*, 34(12), 2295–2303.

Anexos

Anexo 1: Carta de pedido de autorização ao Diretor do estabelecimento prisional

Exmo. Sr. Diretor do Estabelecimento Prisional do XXXXX,

Dr. XXXXXXXX,

O autoconceito consiste na perceção que cada indivíduo tem sobre si próprio. A sua construção está inerente à auto – perceção, à avaliação refletiva, à comparação social e temporal, sendo influenciada por sentimentos, pensamentos, ações e parceiros sociais. Mesmo depois de formado, o autoconceito está suscetível a alterações. Uma vez que a vida em contexto prisional envolve rotinas que limitam a possibilidade de expressão e de desenvolvimento pessoal, torna-se imprescindível compreender o que acontece na situação específica de reclusão.

No âmbito do 2º ano do Mestrado em Psicologia da Educação da Universidade da Madeira, é imperativo a realização de uma dissertação de mestrado. A minha investigação, orientada pela Professora Doutora Regina Capelo pelo Professor Doutor Renato Carvalho, recaiu, precisamente, sobre o estudo do autoconceito e resiliência em situação de reclusão.

Esta investigação tem, portanto, como principal objetivo analisar o modo como os indivíduos se percecionam a si próprios, durante o cumprimento de uma pena de prisão, tendo em conta diversos fatores que possam estar inerentes a este processo. Para tal, o projeto de tese contempla uma amostra superior a 50 reclusos, com penas distintas, aos quais serão aplicados um conjunto de questionários: um que incidirá sobre os dados sociodemográficos, um questionário que avaliará o autoconceito, uma escala de resiliência e, finalmente, um questionário com questões de resposta aberta.

Venho, por este meio, solicitar a sua autorização para poder intervir, para fins de investigação, no Estabelecimento Prisional do XXXX, de modo a confinar a minha amostra e os dados recolhidos à realidade da instituição na Madeira.

Ressalvo que, os dados recolhidos são usados exclusivamente para fins de investigação e durante todo o processo serão mantidos o anonimato e a confidencialidade dos participantes e das informações recolhidas.

Funchal, Fevereiro de 2014

Célia Alexandra Baptista Andrade

Anexo 2: Carta de pedido de autorização para a utilização do ICAC

Exmo. Sr. Doutor Adriano Vaz Serra,

No âmbito do 2º ano do Mestrado em Psicologia da Educação da Universidade da Madeira, é imperativo a realização de uma dissertação de mestrado. A minha investigação, orientada pela Professora Doutora Regina Capelo pelo Professor Doutor Renato Carvalho, recaiu sobre o estudo do autoconceito e resiliência em situação de reclusão.

Esta investigação tem, portanto, como principal objetivo analisar o modo como os indivíduos se percebem a si próprios, durante o cumprimento de uma pena de prisão, tendo em conta diversos fatores que possam estar inerentes a este processo. Para tal, o projeto de tese contempla uma amostra superior a 50 reclusos, com penas distintas, aos quais serão aplicados um conjunto de questionários.

Venho, por este meio, solicitar a sua autorização para poder utilizar o Inventário Clínico de Autoconceito (encontrado no artigo “O «Inventário clínico de Auto-Conceito»” da revista *Psiquiatria Clínica*, 7 (2), nas páginas 67-84) à amostra integrada na população de reclusos do Estabelecimento Prisional do XXXXX.

Agradeço, desde já, a sua autorização e colaboração.

Funchal, Fevereiro de 2014

Célia Alexandra Baptista Andrade

Anexo 3: carta de pedido de autorização para aplicação da ERA

Exma. Sr. Doutor Marco Pereira,

No âmbito do 2º ano do Mestrado em Psicologia da Educação da Universidade da Madeira, é imperativo a realização de uma dissertação de mestrado. A minha investigação, orientada pela Professora Doutora Regina Capelo pelo Professor Doutor Renato Carvalho, recaiu sobre o estudo do autoconceito e resiliência em situação de reclusão.

Esta investigação tem, portanto, como principal objetivo analisar o modo como os indivíduos se percebem a si próprios, durante o cumprimento de uma pena de prisão, tendo em conta diversos fatores que possam estar inerentes a este processo. Para tal, o projeto de tese contempla uma amostra superior a 50 reclusos, com penas distintas, aos quais serão aplicados um conjunto de questionários.

Venho, por este meio, solicitar a sua autorização para poder utilizar a ERA – Escala de Resiliência para Adultos na população supracitada. Solicito, igualmente, a sua colaboração através do envio dos dados da constituição do questionário e a sua cotação.

Agradeço, desde já, a sua autorização e colaboração.

Funchal, Fevereiro de 2014
Célia Alexandra Baptista Andrade

Anexo 4: questionário aplicado aos reclusos

Caro:

No âmbito do 2º ano do Mestrado em Psicologia da Educação da Universidade da Madeira, é imperativo a realização de uma dissertação de mestrado. A investigação versa sobre o autoconceito e resiliência em situação de reclusão.

Este trabalho tem como principal objetivo analisar o modo como os indivíduos se percebem a si próprios, durante o cumprimento de uma pena de prisão, tendo em conta diversos fatores que possam estar inerentes a este processo. O instrumento de recolha de dados engloba um questionário de dados sociodemográficos, um questionário para avaliar o autoconceito, uma escala de resiliência e, finalmente, questões de resposta aberta.

Vimos solicitar a sua colaboração e participação neste estudo. A participação é livre, confidencial e a informação, tratada de forma anónima e coletiva, só será utilizada para fins académicos, mais especificamente para o trabalho supra referido. Mais se informa, que não existem quaisquer riscos em participar.

Desde já agradecemos a sua colaboração e mantemo-nos disponíveis para esclarecimentos adicionais.

Célia Andrade

CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____, aceito participar na investigação para a tese de mestrado da mestranda Célia Andrade, que estudará o autoconceito e a resiliência, realizada no âmbito do Mestrado em Psicologia da Educação da Universidade da Madeira.

Reconheço que me responderam de forma satisfatória a todas as questões e compreendo os objetivos da minha participação.

Pelo presente documento, eu consinto a minha participação.

Nome _____

Assinatura _____

Data: __/__/____

1ª parte: Questionário de dados sociodemográficos

1.1 Idade:

1.2 Naturalidade: _____

1.3 Estado civil: _____

1.4 Profissão: _____

1.5 Habilitações literárias: _____

1.5.1 Se abandonou o ensino, mencione o motivo: _____

1.6 Número de irmãos: _____

1.7 Antecedentes criminais: Não Sim

1.8 Prisão atual: Primário Reincidente

1.9 Crime: _____ Pena: _____

1.10 Permanência no estab.: - de 1 ano - de 5 anos + de 5 anos + de 10 anos

1.11 Reação à prisão: Angústia Medo Revolta Tristeza Boa reação

Reação normal Indiferente Outra, qual? _____

1.12 Em que circunstância ocorreu o crime: Álcool Droga Amigos Ambição

Dificuldades Económicas Outra, qual? _____

1.13 Trabalha no estab.? Não Sim

1.13.1 O que faz e onde _____ 1.13.2 Há quanto tempo: _____

1.14 Frequenta a escola no estab.? Não Sim

1.15 Tem apoio da sua família? Não Sim Emocional Financeiro

1.15.1 Considera esse apoio: Importante Médio Indiferente

1.15.2 Qual a sua figura de suporte? Pai Mãe Irmãos Cônjuge Filho(s)

Outro, qual? _____

1.16 Relacionamentos na prisão: Dá-se bem Não confia Tem amigos

Prefere estar só Outro, qual? _____

2ª parte: Questões de resposta aberta

2.1 Qual a imagem tem de si após ter cometido um crime?

2.2 Que fatores considera importantes para que tenha uma boa imagem de si?

2.3 Em que medida a reclusão afetou a sua vida e a forma como se vê a si próprio?

2.4 Como foi a sua adaptação e que estratégias usou para se adaptar à situação de reclusão?_____

3ª parte: Inventário Clínico de Auto-Conceito, de Adriano Vaz Serra (1985)

Nota global _____ F1 (1+4+9+16+17) _____ F2 (3+5+8+11+18+20) _____ F3 (2+6+7+13) _____ F4 (10+15+19) _____

Instruções: Todas as pessoas têm uma ideia de como são. A seguir estão expostos diversos atributos, capazes de descreverem como uma pessoa é. Leia cuidadosamente cada questão e responda de forma verdadeira, espontânea e rápida a cada uma delas. Ao dar a sua resposta considere, sobretudo, *a sua maneira de ser habitual* e não o seu estado de espírito de momento. Assinale com uma cruz (x) no quadrado respectivo aquela que pensa se lhe aplica de forma mais característica.

	Não Concordo	Concordo	Concordo moderadamente	Concordo muito	Concordo muitíssimo
1. Sei que sou uma pessoa simpática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Costumo ser franco a exprimir as minhas opiniões	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Tenho por hábito desistir das minhas tarefas quando encontro dificuldades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. No contacto com os outros costumo ser um indivíduo falador	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Costumo ser rápido na execução das tarefas que tenho para realizar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Considero-me tolerante para com as outras pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Sou capaz de assumir uma responsabilidade até ao fim, mesmo que isso me traga consequências desagradáveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. De modo geral tenho por hábito enfrentar e resolver os meus problemas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Sou uma pessoa usualmente bem aceite pelos outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Não Concordo	Concordo	Concordo moderadamente	Concordo muito	Concordo muitíssimo
10. Quando tenho uma ideia que me parece válida gosto de a pôr em prática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Tenho por hábito ser persistente na resolução das minhas dificuldades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Não sei porquê a maioria das pessoas embirra comigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Quando me interrogam sobre questões importantes conto sempre a verdade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Considero-me competente naquilo que faço	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Sou uma pessoa que gosta muito de fazer o que lhe apetece	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. A minha maneira de ser leva-me a sentir na vida com um razoável bem-estar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Considero-me uma pessoa agradável no contacto com os outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Quando tenho um problema que me aflige não o consigo resolver sem o auxílio dos outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Gosto sempre de me sair bem nas coisas que faço	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Encontro sempre energia para vencer as minhas dificuldades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Após preencher a escala veja se respondeu a todas as questões. Não deixe nenhuma por responder!

4ª parte: Escala de Resiliência para Adultos de Hjemdal & Friborg. Versão Portuguesa: Pereira, Narciso, & Canavarro, 2011

Instruções: Por favor, pensando na forma como geralmente é, ou como foi durante o último mês, o que pensa e sente em relação a si mesmo e em relação às pessoas que são importantes para si. Para cada uma das afirmações que se seguem, coloque um círculo no número que melhor o descreve.

1	Quando acontece alguma coisa imprevista	Frequentemente sinto-me desorientado(a)	1 2 3 4 5 6 7	Encontro sempre uma solução
2	Os meus planos para o futuro são	Difíceis de realizar	1 2 3 4 5 6 7	Possíveis de realizar
3	Eu gosto de estar	Com outras pessoas	1 2 3 4 5 6 7	Sozinho
4	A perspectiva da minha família sobre o que é importante na vida é	Muito diferente da minha	1 2 3 4 5 6 7	Muito semelhante à minha
5	Posso discutir assuntos pessoais com	Ninguém	1 2 3 4 5 6 7	Amigos/familiares
6	Estou no meu melhor quando	Tenho um objectivo claro por que lutar	1 2 3 4 5 6 7	Consigo levar um dia de cada vez
7	Os meus problemas pessoais	Sei como resolvê-los	1 2 3 4 5 6 7	Não têm solução
8	Sinto que o meu futuro parece	Muito promissor	1 2 3 4 5 6 7	Incerto
9	Ser flexível em contextos sociais	Não é importante para mim	1 2 3 4 5 6 7	É muito importante para mim
10	Eu sinto-me	Muito feliz com a minha família	1 2 3 4 5 6 7	Muito infeliz com a minha família
11	Aqueles que são bons a encorajar-me	São alguns amigos próximos/familiares	1 2 3 4 5 6 7	Estão em lado nenhum
12	Quando inicio novas coisas/projectos	Raramente planeio com antecedência, apenas ando para a frente com as coisas	1 2 3 4 5 6 7	Prefiro ter um plano minucioso
13	Os meus juízos e decisões	Duvido frequentemente deles	1 2 3 4 5 6 7	Confio completamente neles
14	Os meus objectivos	Sei como atingi-los	1 2 3 4 5 6 7	Não tenho a certeza de como atingi-los
15	Novas amizades são algo	Que faço facilmente	1 2 3 4 5 6 7	Que tenho dificuldade em fazer
16	A minha família caracteriza-se por	Desunião	1 2 3 4 5 6 7	Coesão saudável
17	A ligação entre os meus amigos é	Fraca	1 2 3 4 5 6 7	Forte
18	Sou bom (boa) a	Organizar o meu tempo	1 2 3 4 5 6 7	Desperdiçar o meu tempo
19	Acreditar em mim	Ajuda-me em períodos difíceis	1 2 3 4 5 6 7	Pouco me ajuda em períodos difíceis
20	Os meus objectivos para o futuro são	Pouco claros	1 2 3 4 5 6 7	Bem pensados
21	Conhecer novas pessoas é	Difícil para mim	1 2 3 4 5 6 7	Algo em que sou bom
22	Em períodos difíceis, a minha família	Mantém uma visão positiva do futuro	1 2 3 4 5 6 7	Vê o futuro como negro
23	Quando um familiar passa por uma crise/ emergência	Sou imediatamente informado	1 2 3 4 5 6 7	Leva bastante tempo até que me digam
24	Regras e rotinas habituais	Estão ausentes no meu dia-a-dia	1 2 3 4 5 6 7	Simplificam o meu dia-a-dia
25	Em períodos difíceis tenho tendência a	Ver tudo negro	1 2 3 4 5 6 7	Encontrar algo bom que me ajuda a crescer/prosperar
26	Quando estou com outras pessoas	Rio-me facilmente	1 2 3 4 5 6 7	Raramente me rio
27	Perante outras pessoas, a nossa família mostra	Pouco apoio entre os seus membros	1 2 3 4 5 6 7	Lealdade com os seus membros
28	Eu recebo apoio de	Amigos/familiares	1 2 3 4 5 6 7	Ninguém
29	Acontecimentos na minha vida que não consigo influenciar	Consigo lidar com eles	1 2 3 4 5 6 7	São uma constante fonte de preocupação
30	Para mim, pensar em bons tópicos de conversa é	Difícil	1 2 3 4 5 6 7	Fácil
31	Na minha família, gostamos de	Fazer coisas juntos	1 2 3 4 5 6 7	Fazer coisas sozinhos
32	Quando preciso	Não tenho ninguém que me possa ajudar	1 2 3 4 5 6 7	Existe sempre alguém que me pode ajudar
33	Os meus amigos/familiares próximos	Apreciam as minhas qualidades	1 2 3 4 5 6 7	Não gostam das minhas qualidades

Anexo 5: tabelas referentes às diferenças intergrupais em função da idade

Tabela 15

Descritivos do ICAC em função da idade

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
AC0	15-30	25	62,60	12,117	2,423	57,60	67,60	42	82
	31-40	23	60,96	12,137	2,531	55,71	66,21	44	83
	41-50	4	61,25	15,042	7,521	37,32	85,18	46	82
	+51	4	66,00	10,392	5,196	49,46	82,54	53	77
	Total	56	62,07	11,960	1,598	58,87	65,27	42	83
FA1	15-30	25	14,52	3,917	,783	12,90	16,14	9	22
	31-40	23	14,30	3,336	,696	12,86	15,75	10	22
	41-50	4	13,75	5,679	2,839	4,71	22,79	9	22
	+51	4	16,75	5,123	2,562	8,60	24,90	10	22
	Total	56	14,54	3,842	,513	13,51	15,56	9	22
FA2	15-30	25	18,60	3,500	,700	17,16	20,04	13	25
	31-40	23	18,22	4,067	,848	16,46	19,98	11	24
	41-50	4	18,50	5,000	2,500	10,54	26,46	13	25
	+51	4	17,75	2,630	1,315	13,57	21,93	14	20
	Total	56	18,38	3,710	,496	17,38	19,37	11	25
FA3	15-30	25	12,68	3,132	,626	11,39	13,97	8	19
	31-40	23	11,43	3,314	,691	10,00	12,87	8	19
	41-50	4	11,25	1,893	,946	8,24	14,26	10	14
	+51	4	13,00	1,633	,816	10,40	15,60	11	15
	Total	56	12,09	3,076	,411	11,27	12,91	8	19
FA4	15-30	25	9,04	2,821	,564	7,88	10,20	5	15
	31-40	23	8,61	2,709	,565	7,44	9,78	4	15
	41-50	4	9,50	1,915	,957	6,45	12,55	7	11
	+51	4	9,75	2,217	1,109	6,22	13,28	7	12
	Total	56	8,95	2,645	,353	8,24	9,65	4	15

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade;

Tabela 16
Descritivos da ERA em função da idade

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
ERA0	15-30	25	136,92	24,941	4,988	126,62	147,22	75	191
	31-40	23	127,91	21,119	4,404	118,78	137,05	53	167
	41-50	4	143,50	24,365	12,183	104,73	182,27	124	178
	+51	4	139,50	6,245	3,122	129,56	149,44	133	148
	Total	56	133,88	22,638	3,025	127,81	139,94	53	191
FE1	15-30	25	24,32	5,437	1,087	22,08	26,56	12	34
	31-40	23	24,00	4,275	,891	22,15	25,85	10	31
	41-50	4	27,75	4,787	2,394	20,13	35,37	24	34
	+51	4	24,50	3,512	1,756	18,91	30,09	21	28
	Total	56	24,45	4,797	,641	23,16	25,73	10	34
FE2	15-30	25	18,08	2,515	,503	17,04	19,12	14	25
	31-40	23	16,09	2,811	,586	14,87	17,30	7	21
	41-50	4	18,00	2,828	1,414	13,50	22,50	16	22
	+51	4	20,25	3,594	1,797	14,53	25,97	17	25
	Total	56	17,41	2,934	,392	16,62	18,20	7	25
FE3	15-30	25	24,68	4,819	,964	22,69	26,67	14	36
	31-40	23	23,96	4,051	,845	22,20	25,71	9	30
	41-50	4	27,25	3,202	1,601	22,16	32,34	24	30
	+51	4	27,00	3,367	1,683	21,64	32,36	23	31
	Total	56	24,73	4,355	,582	23,57	25,90	9	36
FE4	15-30	25	25,60	6,487	1,297	22,92	28,28	15	41
	31-40	23	23,61	5,263	1,097	21,33	25,88	9	37
	41-50	4	26,50	3,317	1,658	21,22	31,78	24	31
	+51	4	26,00	2,944	1,472	21,32	30,68	23	29
	Total	56	24,88	5,631	,753	23,37	26,38	9	41
FE5	15-30	25	27,68	7,353	1,471	24,65	30,71	15	43
	31-40	23	24,87	4,939	1,030	22,73	27,01	11	35
	41-50	4	27,75	8,578	4,289	14,10	41,40	20	40
	+51	4	25,50	2,517	1,258	21,50	29,50	23	29
	Total	56	26,38	6,294	,841	24,69	28,06	11	43
FE6	15-30	25	16,56	3,852	,770	14,97	18,15	5	24
	31-40	23	15,39	4,053	,845	13,64	17,14	7	24
	41-50	4	16,25	4,646	2,323	8,86	23,64	10	21
	+51	4	16,25	2,217	1,109	12,72	19,78	13	18
	Total	56	16,04	3,847	,514	15,01	17,07	5	24

Nota: N=56; FE1 Percepção do self; FE2 Planeamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Tabela 17
ANOVA do ICAC em função da idade

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
AC0	Entre Grupos	100,008	3	33,336	,223	,880
	Nos grupos	7767,707	52	149,379		
	Total	7867,714	55			
FA1	Entre Grupos	23,319	3	7,773	,513	,675
	Nos grupos	788,610	52	15,166		
	Total	811,929	55			
FA2	Entre Grupos	3,462	3	1,154	,080	,971
	Nos grupos	753,663	52	14,494		
	Total	757,125	55			
FA3	Entre Grupos	24,711	3	8,237	,864	,466
	Nos grupos	495,842	52	9,535		
	Total	520,554	55			
FA4	Entre Grupos	6,651	3	2,217	,305	,822
	Nos grupos	378,188	52	7,273		
	Total	384,839	55			

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 18
ANOVA da ERA em função da idade

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
ERA0	Entre Grupos	1546,459	3	515,486	1,006	,397
	Nos grupos	26639,666	52	512,301		
	Total	28186,125	55			
FE1	Entre Grupos	48,649	3	16,216	,693	,561
	Nos grupos	1217,190	52	23,408		
	Total	1265,839	55			
FE2	Entre Grupos	85,137	3	28,379	3,799	,015
	Nos grupos	388,416	52	7,470		
	Total	473,554	55			
FE3	Entre Grupos	59,836	3	19,945	1,055	,376
	Nos grupos	983,147	52	18,907		
	Total	1042,982	55			
FE4	Entre Grupos	65,647	3	21,882	,678	,570
	Nos grupos	1678,478	52	32,278		
	Total	1744,125	55			
FE5	Entre Grupos	105,326	3	35,109	,880	,457
	Nos grupos	2073,799	52	39,881		
	Total	2179,125	55			
FE6	Entre Grupos	16,790	3	5,597	,365	,778
	Nos grupos	797,138	52	15,330		
	Total	813,929	55			

Nota: N=56; FE1 Percepção do self; FE2 Planeamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Tabela 19

Testes Post Hoc de Bonferroni do ICAC

Variável dependente	(I) Idade	(J) Idade	Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%		
						Limite inferior	Limite superior	
AC0	15-30	31-40	1,643	3,531	1,000	-8,04	11,33	
		41-50	1,350	6,582	1,000	-16,70	19,40	
		+51	-3,400	6,582	1,000	-21,45	14,65	
	31-40	15-30	-1,643	3,531	1,000	-11,33	8,04	
		41-50	-,293	6,621	1,000	-18,45	17,87	
		+51	-5,043	6,621	1,000	-23,20	13,12	
	41-50	15-30	-1,350	6,582	1,000	-19,40	16,70	
		31-40	,293	6,621	1,000	-17,87	18,45	
		+51	-4,750	8,642	1,000	-28,46	18,96	
	+51	15-30	3,400	6,582	1,000	-14,65	21,45	
		31-40	5,043	6,621	1,000	-13,12	23,20	
		41-50	4,750	8,642	1,000	-18,96	28,46	
	FA1	15-30	31-40	,216	1,125	1,000	-2,87	3,30
			41-50	,770	2,097	1,000	-4,98	6,52
			+51	-2,230	2,097	1,000	-7,98	3,52
31-40		15-30	-,216	1,125	1,000	-3,30	2,87	
		41-50	,554	2,110	1,000	-5,23	6,34	
		+51	-2,446	2,110	1,000	-8,23	3,34	
41-50		15-30	-,770	2,097	1,000	-6,52	4,98	
		31-40	-,554	2,110	1,000	-6,34	5,23	
		+51	-3,000	2,754	1,000	-10,55	4,55	
+51		15-30	2,230	2,097	1,000	-3,52	7,98	
		31-40	2,446	2,110	1,000	-3,34	8,23	
		41-50	3,000	2,754	1,000	-4,55	10,55	
FA2		15-30	31-40	,383	1,100	1,000	-2,63	3,40
			41-50	,100	2,050	1,000	-5,52	5,72
			+51	,850	2,050	1,000	-4,77	6,47
	31-40	15-30	-,383	1,100	1,000	-3,40	2,63	
		41-50	-,283	2,062	1,000	-5,94	5,37	
		+51	,467	2,062	1,000	-5,19	6,12	
	41-50	15-30	-,100	2,050	1,000	-5,72	5,52	
		31-40	,283	2,062	1,000	-5,37	5,94	
		+51	,750	2,692	1,000	-6,63	8,13	
	+51	15-30	-,850	2,050	1,000	-6,47	4,77	
		31-40	-,467	2,062	1,000	-6,12	5,19	
		41-50	-,750	2,692	1,000	-8,13	6,63	
	FA3	15-30	31-40	1,245	,892	1,000	-1,20	3,69
			41-50	1,430	1,663	1,000	-3,13	5,99
			+51	-,320	1,663	1,000	-4,88	4,24
31-40		15-30	-1,245	,892	1,000	-3,69	1,20	
		41-50	,185	1,673	1,000	-4,40	4,77	
		+51	-1,565	1,673	1,000	-6,15	3,02	
41-50		15-30	-1,430	1,663	1,000	-5,99	3,13	
		31-40	-,185	1,673	1,000	-4,77	4,40	
		+51	-1,750	2,184	1,000	-7,74	4,24	
+51		15-30	,320	1,663	1,000	-4,24	4,88	
		31-40	1,565	1,673	1,000	-3,02	6,15	
		41-50	1,750	2,184	1,000	-4,24	7,74	
FA4		15-30	31-40	,431	,779	1,000	-1,71	2,57
			41-50	-,460	1,452	1,000	-4,44	3,52
			+51	-,710	1,452	1,000	-4,69	3,27
	31-40	15-30	-,431	,779	1,000	-2,57	1,71	
		41-50	-,891	1,461	1,000	-4,90	3,12	
		+51	-1,141	1,461	1,000	-5,15	2,87	
	41-50	15-30	,460	1,452	1,000	-3,52	4,44	
		31-40	,891	1,461	1,000	-3,12	4,90	
		+51	-,250	1,907	1,000	-5,48	4,98	
	+51	15-30	,710	1,452	1,000	-3,27	4,69	
		31-40	1,141	1,461	1,000	-2,87	5,15	
		41-50	,250	1,907	1,000	-4,98	5,48	

Nota: N=56; *. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades); FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 20

Testes *Post Hoc* de Bonferroni da ERA

Variável dependente	(I) Idade	(J) Idade	Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%		
						Limite inferior	Limite superior	
ERA0	15-30	31-40	9,007	6,540	1,000	-8,93	26,94	
		41-50	-6,580	12,189	1,000	-40,01	26,85	
		+51	-2,580	12,189	1,000	-36,01	30,85	
	31-40	15-30	-9,007	6,540	1,000	-26,94	8,93	
		41-50	-15,587	12,262	1,000	-49,22	18,05	
		+51	-11,587	12,262	1,000	-45,22	22,05	
	41-50	15-30	6,580	12,189	1,000	-26,85	40,01	
		31-40	15,587	12,262	1,000	-18,05	49,22	
		+51	4,000	16,005	1,000	-39,90	47,90	
	+51	15-30	2,580	12,189	1,000	-30,85	36,01	
		31-40	11,587	12,262	1,000	-22,05	45,22	
		41-50	-4,000	16,005	1,000	-47,90	39,90	
	FE1	15-30	31-40	,320	1,398	1,000	-3,51	4,15
			41-50	-3,430	2,605	1,000	-10,58	3,72
			+51	-,180	2,605	1,000	-7,33	6,97
31-40		15-30	-,320	1,398	1,000	-4,15	3,51	
		41-50	-3,750	2,621	,951	-10,94	3,44	
		+51	-,500	2,621	1,000	-7,69	6,69	
41-50		15-30	3,430	2,605	1,000	-3,72	10,58	
		31-40	3,750	2,621	,951	-3,44	10,94	
		+51	3,250	3,421	1,000	-6,13	12,63	
+51		15-30	,180	2,605	1,000	-6,97	7,33	
		31-40	,500	2,621	1,000	-6,69	7,69	
		41-50	-3,250	3,421	1,000	-12,63	6,13	
FE2		15-30	31-40	1,993	,790	,088	-,17	4,16
			41-50	,080	1,472	1,000	-3,96	4,12
			+51	-2,170	1,472	,878	-6,21	1,87
	31-40	15-30	-1,993	,790	,088	-4,16	-,17	
		41-50	-1,913	1,481	1,000	-5,97	2,15	
		+51	-4,163*	1,481	,042	-8,22	-,10	
	41-50	15-30	-,080	1,472	1,000	-4,12	3,96	
		31-40	1,913	1,481	1,000	-2,15	5,97	
		+51	-2,250	1,933	1,000	-7,55	3,05	
	+51	15-30	2,170	1,472	,878	-1,87	6,21	
		31-40	4,163*	1,481	,042	-,10	8,22	
		41-50	2,250	1,933	1,000	-3,05	7,55	
	FE3	15-30	31-40	,723	1,256	1,000	-2,72	4,17
			41-50	-2,570	2,342	1,000	-8,99	3,85
			+51	-2,320	2,342	1,000	-8,74	4,10
31-40		15-30	-,723	1,256	1,000	-4,17	2,72	
		41-50	-3,293	2,356	1,000	-9,75	3,17	
		+51	-3,043	2,356	1,000	-9,50	3,42	
41-50		15-30	2,570	2,342	1,000	-3,85	8,99	
		31-40	3,293	2,356	1,000	-3,17	9,75	
		+51	,250	3,075	1,000	-8,18	8,68	
+51		15-30	2,320	2,342	1,000	-4,10	8,74	
		31-40	3,043	2,356	1,000	-3,42	9,50	
		41-50	-,250	3,075	1,000	-8,68	8,18	
FE4		15-30	31-40	1,991	1,642	1,000	-2,51	6,49
			41-50	-,900	3,060	1,000	-9,29	7,49
			+51	-,400	3,060	1,000	-8,79	7,99
	31-40	15-30	-1,991	1,642	1,000	-6,49	2,51	
		41-50	-2,891	3,078	1,000	-11,33	5,55	
		+51	-2,391	3,078	1,000	-10,83	6,05	
	41-50	15-30	,900	3,060	1,000	-7,49	9,29	
		31-40	2,891	3,078	1,000	-5,55	11,33	
		+51	,500	4,017	1,000	-10,52	11,52	
	+51	15-30	,400	3,060	1,000	-7,99	8,79	
		31-40	2,391	3,078	1,000	-6,05	10,83	
		41-50	-,500	4,017	1,000	-11,52	10,52	
	FE5	15-30	31-40	2,810	1,825	,777	-2,19	7,82
			41-50	-,070	3,401	1,000	-9,40	9,26
			+51	2,180	3,401	1,000	-7,15	11,51
31-40		15-30	-2,810	1,825	,777	-7,82	2,19	
		41-50	-2,880	3,421	1,000	-12,26	6,50	
		+51	-,630	3,421	1,000	-10,01	8,75	
41-50		15-30	,070	3,401	1,000	-9,26	9,40	
		31-40	2,880	3,421	1,000	-6,50	12,26	
		+51	2,250	4,465	1,000	-10,00	14,50	
+51		15-30	-2,180	3,401	1,000	-11,51	7,15	
		31-40	-,630	3,421	1,000	-8,75	10,01	
		41-50	-2,250	4,465	1,000	-14,50	10,00	
FE6		15-30	31-40	1,169	1,131	1,000	-1,93	4,27
			41-50	,310	2,108	1,000	-5,47	6,09
			+51	,310	2,108	1,000	-5,47	6,09
	31-40	15-30	-1,169	1,131	1,000	-4,27	1,93	
		41-50	-,859	2,121	1,000	-6,68	4,96	
		+51	-,859	2,121	1,000	-6,68	4,96	
	41-50	15-30	-,310	2,108	1,000	-6,09	5,47	
		31-40	,859	2,121	1,000	-4,96	6,68	
		+51	,000	2,769	1,000	-7,59	7,59	
	+51	15-30	-,310	2,108	1,000	-6,09	5,47	
		31-40	,859	2,121	1,000	-4,96	6,68	
		41-50	,000	2,769	1,000	-7,59	7,59	

Nota: N=56; *. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades) FE1 Percepção do self; FE2 Planejamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Anexo 6: tabelas referentes às diferenças intergrupais em função do estado civil

Tabela 21

Estatísticas de grupo do ICAC

	Estado civil	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
AC0	Solteiro	47	62,81	11,363	1,657
	Casado	9	58,22	14,873	4,958
FA1	Solteiro	47	14,51	3,623	,528
	Casado	9	14,67	5,099	1,700
FA2	Solteiro	47	18,77	3,534	,515
	Casado	9	16,33	4,153	1,384
FA3	Solteiro	47	12,21	3,182	,464
	Casado	9	11,44	2,506	,835
FA4	Solteiro	47	9,19	2,551	,372
	Casado	9	7,67	2,915	,972

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 22

Estatísticas de grupo da ERA

	Estado civil	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
ERA0	Solteiro	47	133,34	24,097	3,515
	Casado	9	136,67	13,191	4,397
FE1	Solteiro	47	24,28	5,085	,742
	Casado	9	25,33	2,915	,972
FE2	Solteiro	47	17,23	2,928	,427
	Casado	9	18,33	2,958	,986
FE3	Solteiro	47	24,81	4,571	,667
	Casado	9	24,33	3,162	1,054
FE4	Solteiro	47	24,55	5,496	,802
	Casado	9	26,56	6,366	2,122
FE5	Solteiro	47	26,32	6,594	,962
	Casado	9	26,67	4,717	1,572
FE6	Solteiro	47	16,15	4,016	,586
	Casado	9	15,44	2,920	,973

Nota: N=56; FE1 Percepção do self; FE2 Planeamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Tabela 23

Teste de amostras independentes do ICAC

		Teste de Levene para igualdade de var.		teste-t para Igualdade de Médias						
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extrem idades)	Dif. média	Erro padrão de dif.	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inf.	Sup.
AC	Var. assumidas	1,786	,187	1,055	54	,296	4,586	4,347	-4,130	13,302
0	Var. não assumidas			,877	9,867	,401	4,586	5,227	-7,082	16,255
FA	Var. assumidas	2,701	,106	-,111	54	,912	-,156	1,411	-2,984	2,672
1	Var. não assumidas			-,088	9,606	,932	-,156	1,780	-4,144	3,832
FA	Var. assumidas	,275	,602	1,841	54	,071	2,433	1,322	-,217	5,082
2	Var. não assumidas			1,647	10,337	,130	2,433	1,477	-,844	5,710
FA	Var. assumidas	1,246	,269	,683	54	,497	,768	1,125	-1,487	3,023
3	Var. não assumidas			,804	13,482	,435	,768	,956	-1,288	2,825
FA	Var. assumidas	,563	,456	1,607	54	,114	1,525	,949	-,378	3,427
4	Var. não assumidas			1,465	10,478	,172	1,525	1,041	-,780	3,829

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 24

Teste de amostras independentes da ERA

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Dif. média	Erro padrão de dif.	95% Intervalo de Confiança da Dif.	
									Inf.	Sup.
ER	Var. assumidas	1,717	,196	-,401	54	,690	-3,326	8,300	-19,968	13,315
A0	Var. não assumidas			-,591	20,066	,561	-3,326	5,629	-15,066	8,414
FE	Var. assumidas	1,602	,211	-,602	54	,550	-1,057	1,756	-4,577	2,463
1	Var. não assumidas			-,864	18,918	,398	-1,057	1,223	-3,616	1,503
FE	Var. assumidas	,001	,970	-1,030	54	,308	-1,099	1,067	-3,239	1,040
2	Var. não assumidas			-1,023	11,215	,328	-1,099	1,075	-3,459	1,260
FE	Var. assumidas	1,485	,228	,297	54	,767	,475	1,598	-2,728	3,678
3	Var. não assumidas			,381	15,259	,708	,475	1,247	-2,179	3,130
FE	Var. assumidas	,133	,717	-,977	54	,333	-2,002	2,050	-6,112	2,107
4	Var. não assumidas			-,883	10,410	,397	-2,002	2,268	-7,030	3,025
FE	Var. assumidas	1,990	,164	-,150	54	,881	-,348	2,311	-4,981	4,286
5	Var. não assumidas			-,189	14,749	,853	-,348	1,843	-4,282	3,587
FE	Var. assumidas	,463	,499	,500	54	,619	,704	1,409	-2,121	3,530
6	Var. não assumidas			,620	14,513	,545	,704	1,136	-1,724	3,133

Nota: N=56; FE1 Percepção do self; FE2 Planejamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Anexo 7: tabelas referentes às diferenças intergrupais em função do nível de ensino

Tabela 25
Descritivos do ICAC

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
AC0	1,00	30	60,63	11,530	2,105	56,33	64,94	42	83
	2,00	19	63,05	12,076	2,770	57,23	68,87	43	83
	3,00	7	65,57	14,270	5,393	52,37	78,77	44	82
	Total	56	62,07	11,960	1,598	58,87	65,27	42	83
FA1	1,00	30	14,50	3,954	,722	13,02	15,98	9	22
	2,00	19	14,37	3,745	,859	12,56	16,17	9	21
	3,00	7	15,14	4,140	1,565	11,31	18,97	11	22
Total	56	14,54	3,842	,513	13,51	15,56	9	22	
FA2	1,00	30	17,77	3,821	,698	16,34	19,19	11	25
	2,00	19	18,84	3,371	,773	17,22	20,47	12	24
	3,00	7	19,71	4,112	1,554	15,91	23,52	12	25
Total	56	18,38	3,710	,496	17,38	19,37	11	25	
FA3	1,00	30	11,47	2,662	,486	10,47	12,46	8	16
	2,00	19	12,58	3,061	,702	11,10	14,05	8	17
	3,00	7	13,43	4,429	1,674	9,33	17,53	8	19
Total	56	12,09	3,076	,411	11,27	12,91	8	19	
FA4	1,00	30	8,67	2,644	,483	7,68	9,65	4	15
	2,00	19	9,47	2,796	,641	8,13	10,82	6	15
	3,00	7	8,71	2,360	,892	6,53	10,90	5	11
Total	56	8,95	2,645	,353	8,24	9,65	4	15	

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 26
Descritivos da ERA

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
ERA0	1,00	30	137,10	23,102	4,218	128,47	145,73	75	191
	2,00	19	130,74	25,675	5,890	118,36	143,11	53	178
	3,00	7	128,57	4,962	1,875	123,98	133,16	122	136
	Total	56	133,88	22,638	3,025	127,81	139,94	53	191
FE1	1,00	30	25,10	4,559	,832	23,40	26,80	12	34
	2,00	19	23,95	5,807	1,332	21,15	26,75	10	34
	3,00	7	23,00	2,000	,756	21,15	24,85	21	27
Total	56	24,45	4,797	,641	23,16	25,73	10	34	
FE2	1,00	30	17,60	3,114	,569	16,44	18,76	11	25
	2,00	19	17,37	3,166	,726	15,84	18,89	7	22
	3,00	7	16,71	1,113	,421	15,69	17,74	15	18
Total	56	17,41	2,934	,392	16,62	18,20	7	25	
FE3	1,00	30	25,43	4,232	,773	23,85	27,01	14	36
	2,00	19	23,79	4,939	1,133	21,41	26,17	9	30
	3,00	7	24,29	2,928	1,107	21,58	26,99	20	28
Total	56	24,73	4,355	,582	23,57	25,90	9	36	
FE4	1,00	30	25,87	6,532	1,193	23,43	28,31	15	41
	2,00	19	23,89	4,875	1,118	21,55	26,24	9	32
	3,00	7	23,29	1,496	,565	21,90	24,67	20	24
Total	56	24,88	5,631	,753	23,37	26,38	9	41	
FE5	1,00	30	26,80	6,646	1,213	24,32	29,28	15	43
	2,00	19	25,84	6,743	1,547	22,59	29,09	11	40
	3,00	7	26,00	3,367	1,272	22,89	29,11	21	32
Total	56	26,38	6,294	,841	24,69	28,06	11	43	
FE6	1,00	30	16,30	4,195	,766	14,73	17,87	5	24
	2,00	19	15,89	3,857	,885	14,04	17,75	7	21
	3,00	7	15,29	2,215	,837	13,24	17,33	13	18
Total	56	16,04	3,847	,514	15,01	17,07	5	24	

Nota: N=56; FE1 Percepção do self; FE2 Planejamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Tabela 27
ANOVA do ICAC

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
AC0	Entre Grupos	166,086	2	83,043	,571	,568
	Nos grupos	7701,628	53	145,314		
	Total	7867,714	55			
FA1	Entre Grupos	3,150	2	1,575	,103	,902
	Nos grupos	808,778	53	15,260		
	Total	811,929	55			
FA2	Entre Grupos	27,803	2	13,902	1,010	,371
	Nos grupos	729,322	53	13,761		
	Total	757,125	55			
FA3	Entre Grupos	28,741	2	14,371	1,549	,222
	Nos grupos	491,813	53	9,279		
	Total	520,554	55			
FA4	Entre Grupos	8,007	2	4,004	,563	,573
	Nos grupos	376,832	53	7,110		
	Total	384,839	55			

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 28
ANOVA da ERA

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
ERA0	Entre Grupos	696,027	2	348,013	,671	,516
	Nos grupos	27490,098	53	518,681		
	Total	28186,125	55			
FE1	Entre Grupos	32,192	2	16,096	,692	,505
	Nos grupos	1233,647	53	23,276		
	Total	1265,839	55			
FE2	Entre Grupos	4,504	2	2,252	,254	,776
	Nos grupos	469,050	53	8,850		
	Total	473,554	55			
FE3	Entre Grupos	33,029	2	16,515	,867	,426
	Nos grupos	1009,953	53	19,056		
	Total	1042,982	55			
FE4	Entre Grupos	65,440	2	32,720	1,033	,363
	Nos grupos	1678,685	53	31,673		
	Total	1744,125	55			
FE5	Entre Grupos	11,799	2	5,899	,144	,866
	Nos grupos	2167,326	53	40,893		
	Total	2179,125	55			
FE6	Entre Grupos	6,411	2	3,205	,210	,811
	Nos grupos	807,518	53	15,236		
	Total	813,929	55			

Nota: N=56; FE1 Percepção do self; FE2 Planejamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Tabela 29

Comparações múltiplas de Bonferroni do ICAC

Variável dependente	(I) EnsinoSS	(J) EnsinoSS	Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
AC0	1,00	2,00	-2,419	3,534	1,000	-11,16	6,32
		3,00	-4,938	5,060	1,000	-17,45	7,57
	2,00	1,00	2,419	3,534	1,000	-6,32	11,16
		3,00	-2,519	5,330	1,000	-15,70	10,66
	3,00	1,00	4,938	5,060	1,000	-7,57	17,45
		2,00	2,519	5,330	1,000	-10,66	15,70
FA1	1,00	2,00	,132	1,145	1,000	-2,70	2,96
		3,00	-,643	1,640	1,000	-4,70	3,41
	2,00	1,00	-,132	1,145	1,000	-2,96	2,70
		3,00	-,774	1,727	1,000	-5,04	3,50
	3,00	1,00	,643	1,640	1,000	-3,41	4,70
		2,00	,774	1,727	1,000	-3,50	5,04
FA2	1,00	2,00	-1,075	1,088	,982	-3,76	1,61
		3,00	-1,948	1,557	,649	-5,80	1,90
	2,00	1,00	1,075	1,088	,982	-1,61	3,76
		3,00	-,872	1,640	1,000	-4,93	3,18
	3,00	1,00	1,948	1,557	,649	-1,90	5,80
		2,00	,872	1,640	1,000	-3,18	4,93
FA3	1,00	2,00	-1,112	,893	,655	-3,32	1,10
		3,00	-1,962	1,279	,393	-5,12	1,20
	2,00	1,00	1,112	,893	,655	-1,10	3,32
		3,00	-,850	1,347	1,000	-4,18	2,48
	3,00	1,00	1,962	1,279	,393	-1,20	5,12
		2,00	,850	1,347	1,000	-2,48	4,18
FA4	1,00	2,00	-,807	,782	,920	-2,74	1,13
		3,00	-,048	1,119	1,000	-2,81	2,72
	2,00	1,00	,807	,782	,920	-1,13	2,74
		3,00	,759	1,179	1,000	-2,16	3,67
	3,00	1,00	,048	1,119	1,000	-2,72	2,81
		2,00	-,759	1,179	1,000	-3,67	2,16

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 30

Comparações múltiplas de Bonferroni da ERA

Variável dependente	(I) EnsinoSS	(J) EnsinoSS	Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
ERA0	1,00	2,00	6,363	6,677	1,000	-10,15	22,87
		3,00	8,529	9,560	1,000	-15,11	32,16
	2,00	1,00	-6,363	6,677	1,000	-22,87	10,15
		3,00	2,165	10,070	1,000	-22,73	27,06
	3,00	1,00	-8,529	9,560	1,000	-32,16	15,11
		2,00	-2,165	10,070	1,000	-27,06	22,73
FE1	1,00	2,00	1,153	1,415	1,000	-2,34	4,65
		3,00	2,100	2,025	,913	-2,91	7,11
	2,00	1,00	-1,153	1,415	1,000	-4,65	2,34
		3,00	,947	2,133	1,000	-4,33	6,22
	3,00	1,00	-2,100	2,025	,913	-7,11	2,91
		2,00	-,947	2,133	1,000	-6,22	4,33
FE2	1,00	2,00	,232	,872	1,000	-1,92	2,39
		3,00	,886	1,249	1,000	-2,20	3,97
	2,00	1,00	-,232	,872	1,000	-2,39	1,92
		3,00	,654	1,315	1,000	-2,60	3,91
	3,00	1,00	-,886	1,249	1,000	-3,97	2,20
		2,00	-,654	1,315	1,000	-3,91	2,60
FE3	1,00	2,00	1,644	1,280	,614	-1,52	4,81
		3,00	1,148	1,832	1,000	-3,38	5,68
	2,00	1,00	-1,644	1,280	,614	-4,81	1,52
		3,00	-,496	1,930	1,000	-5,27	4,28
	3,00	1,00	-1,148	1,832	1,000	-5,68	3,38
		2,00	-,496	1,930	1,000	-4,28	5,27
FE4	1,00	2,00	1,972	1,650	,712	-2,11	6,05
		3,00	2,581	2,362	,839	-3,26	8,42
	2,00	1,00	-1,972	1,650	,712	-6,05	2,11
		3,00	,609	2,488	1,000	-5,54	6,76
	3,00	1,00	-2,581	2,362	,839	-8,42	3,26
		2,00	-,609	2,488	1,000	-6,76	5,54
FE5	1,00	2,00	,958	1,875	1,000	-3,68	5,59
		3,00	,800	2,684	1,000	-5,84	7,44
	2,00	1,00	-,958	1,875	1,000	-5,59	3,68
		3,00	-,158	2,827	1,000	-7,15	6,83
	3,00	1,00	-,800	2,684	1,000	-7,44	5,84
		2,00	,158	2,827	1,000	-6,83	7,15
FE6	1,00	2,00	,405	1,144	1,000	-2,42	3,23
		3,00	1,014	1,638	1,000	-3,04	5,07
	2,00	1,00	-,405	1,144	1,000	-3,23	2,42
		3,00	,609	1,726	1,000	-3,66	4,88
	3,00	1,00	-1,014	1,638	1,000	-5,07	3,04
		2,00	-,609	1,726	1,000	-4,88	3,66

Nota: N=56; FE1 Percepção do self; FE2 Planejamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Anexo 8: tabelas referentes às diferenças intergrupais em função dos antecedentes

criminais

Tabela 31

Estatísticas de grupo do ICAC

	Antecedentes criminais	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
AC0	Sim	33	60,55	10,686	1,860
	Não	23	64,26	13,528	2,821
FA1	Sim	33	13,82	3,283	,572
	Não	23	15,57	4,399	,917
FA2	Sim	33	18,18	3,770	,656
	Não	23	18,65	3,688	,769
FA3	Sim	33	11,58	2,905	,506
	Não	23	12,83	3,228	,673
FA4	Sim	33	8,82	2,378	,414
	Não	23	9,13	3,035	,633

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 32

Estatísticas de grupo da ERA

	Antecedentes criminais	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
ERA0	Sim	33	134,45	24,311	4,232
	Não	23	133,04	20,502	4,275
FE1	Sim	33	24,64	4,561	,794
	Não	23	24,17	5,211	1,086
FE2	Sim	33	17,06	3,142	,547
	Não	23	17,91	2,592	,541
FE3	Sim	33	24,94	4,609	,802
	Não	23	24,43	4,043	,843
FE4	Sim	33	25,24	6,462	1,125
	Não	23	24,35	4,249	,886
FE5	Sim	33	26,00	6,897	1,201
	Não	23	26,91	5,418	1,130
FE6	Sim	33	16,58	3,985	,694
	Não	23	15,26	3,583	,747

Nota: N=56; FE1 Percepção do self; FE2 Planejamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Tabela 33

Teste de amostras independentes do ICAC

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
AC0	Variâncias iguais assumidas	4,276	,043	-1,147	54	,256	-3,715	3,239	-10,210	2,779
	Variâncias iguais não assumidas			-1,100	40,083	,278	-3,715	3,379	-10,544	3,113
FA1	Variâncias iguais assumidas	7,780	,007	-1,703	54	,094	-1,747	1,026	-3,804	,310
	Variâncias iguais não assumidas			-1,617	38,419	,114	-1,747	1,081	-3,934	,440
FA2	Variâncias iguais assumidas	,028	,867	-,463	54	,645	-,470	1,015	-2,505	1,565
	Variâncias iguais não assumidas			-,465	48,158	,644	-,470	1,011	-2,503	1,562
FA3	Variâncias iguais assumidas	,694	,408	-1,514	54	,136	-1,250	,826	-2,906	,406
	Variâncias iguais não assumidas			-1,485	44,167	,145	-1,250	,842	-2,947	,446
FA4	Variâncias iguais assumidas	2,766	,102	-,431	54	,668	-,312	,724	-1,764	1,139
	Variâncias iguais não assumidas			-,413	39,839	,682	-,312	,756	-1,841	1,216

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 34

Teste de amostras independentes da ERA

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
ERA0	Variâncias iguais assumidas	,498	,483	,227	54	,821	1,411	6,203	-11,025	13,847
	Variâncias iguais não assumidas			,235	51,949	,815	1,411	6,015	-10,660	13,482
FE1	Variâncias iguais assumidas	,169	,683	,352	54	,726	,462	1,314	-2,171	3,096
	Variâncias iguais não assumidas			,344	43,283	,733	,462	1,346	-2,251	3,176
FE2	Variâncias iguais assumidas	,150	,700	-1,071	54	,289	-,852	,796	-2,448	,743
	Variâncias iguais não assumidas			-1,109	52,370	,273	-,852	,769	-2,395	,690
FE3	Variâncias iguais assumidas	,229	,634	,423	54	,674	,505	1,192	-1,885	2,894
	Variâncias iguais não assumidas			,434	51,088	,666	,505	1,164	-1,832	2,841
FE4	Variâncias iguais assumidas	1,282	,263	,581	54	,563	,895	1,539	-2,191	3,980
	Variâncias iguais não assumidas			,625	53,866	,535	,895	1,432	-1,976	3,765
FE5	Variâncias iguais assumidas	1,917	,172	-,531	54	,598	-,913	1,721	-4,364	2,537
	Variâncias iguais não assumidas			-,554	53,147	,582	-,913	1,649	-4,219	2,393
FE6	Variâncias iguais assumidas	,102	,751	1,265	54	,211	1,315	1,039	-,769	3,398
	Variâncias iguais não assumidas			1,290	50,484	,203	1,315	1,019	-,732	3,362

Nota: N=56; FE1 Percepção da self; FE2 Planejamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Anexo 9: tabelas referentes às diferenças intergrupais em função da prisão atual

Tabela 35

Estatísticas de grupo do ICAC

	Prisão atual	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
AC0	Primário	38	62,68	11,975	1,943
	Reincidente	18	60,78	12,168	2,868
FA1	Primário	38	14,61	3,724	,604
	Reincidente	18	14,39	4,189	,987
FA2	Primário	38	18,42	3,717	,603
	Reincidente	18	18,28	3,801	,896
FA3	Primário	38	12,50	3,261	,529
	Reincidente	18	11,22	2,510	,592
FA4	Primário	38	8,79	2,693	,437
	Reincidente	18	9,28	2,585	,609

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 36

Estatísticas de grupo da ERA

	Prisão atual	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
ERA0	Primário	38	135,82	21,898	3,552
	Reincidente	18	129,78	24,252	5,716
FE1	Primário	38	25,00	4,965	,805
	Reincidente	18	23,28	4,322	1,019
FE2	Primário	38	18,05	2,289	,371
	Reincidente	18	16,06	3,686	,869
FE3	Primário	38	24,45	4,058	,658
	Reincidente	18	25,33	4,994	1,177
FE4	Primário	38	25,24	5,435	,882
	Reincidente	18	24,11	6,115	1,441
FE5	Primário	38	27,34	6,490	1,053
	Reincidente	18	24,33	5,477	1,291
FE6	Primário	38	15,74	3,577	,580
	Reincidente	18	16,67	4,406	1,038

Nota: N=56; FE1 Percepção do self; FE2 Planeamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Tabela 37

Teste de amostras independentes do ICAC

		Teste de Levene para igualdade de variâncias				teste-t para Igualdade de Médias				
		Z	Sig.	t	df	Sig.	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
								Inferior		Superior
AC0	Variâncias iguais assumidas	,216	,644	,554	54	,582	1,906	3,444	-4,998	8,811
	Variâncias iguais não assumidas			,550	32,987	,586	1,906	3,464	-5,141	8,954
FA1	Variâncias iguais assumidas	,785	,380	,195	54	,846	,216	1,109	-2,007	2,440
	Variâncias iguais não assumidas			,187	30,168	,853	,216	1,157	-2,147	2,580
FA2	Variâncias iguais assumidas	,055	,815	,134	54	,894	,143	1,071	-2,004	2,291
	Variâncias iguais não assumidas			,133	32,799	,895	,143	1,080	-2,054	2,341
FA3	Variâncias iguais assumidas	4,720	,034	1,467	54	,148	1,278	,871	-,469	3,024
	Variâncias iguais não assumidas			1,610	42,554	,115	1,278	,794	-,323	2,879
FA4	Variâncias iguais assumidas	,463	,499	-,642	54	,524	-,488	,761	-2,014	1,037
	Variâncias iguais não assumidas			-,651	34,749	,519	-,488	,750	-2,011	1,034

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 38

Teste de amostras independentes da ERA

		Teste de Levene para igualdade de variâncias				teste-t para Igualdade de Médias				
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremid ades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
								Inferior		Superior
ERA0	Variâncias iguais assumidas	,084	,773	,931	54	,356	6,038	6,485	-6,964	19,040
	Variâncias iguais não assumidas			,897	30,570	,377	6,038	6,730	-7,696	19,772
FE1	Variâncias iguais assumidas	1,281	,263	1,261	54	,213	1,722	1,365	-1,015	4,460
	Variâncias iguais não assumidas			1,326	38,058	,193	1,722	1,299	-,907	4,351
FE2	Variâncias iguais assumidas	1,492	,227	2,488	54	,016	1,997	,803	,388	3,606
	Variâncias iguais não assumidas			2,114	23,421	,045	1,997	,945	,045	3,950
FE3	Variâncias iguais assumidas	,359	,551	-,708	54	,482	-,886	1,252	-3,395	1,624
	Variâncias iguais não assumidas			-,657	28,038	,517	-,886	1,349	-3,649	1,877
FE4	Variâncias iguais assumidas	,009	,926	,695	54	,490	1,126	1,619	-2,120	4,371
	Variâncias iguais não assumidas			,666	30,160	,510	1,126	1,690	-2,324	4,576
FE5	Variâncias iguais assumidas	1,528	,222	1,699	54	,095	3,009	1,771	-,542	6,559
	Variâncias iguais não assumidas			1,806	39,172	,079	3,009	1,666	-,360	6,378
FE6	Variâncias iguais assumidas	,734	,395	-,843	54	,403	-,930	1,104	-3,142	1,283
	Variâncias iguais não assumidas			-,782	28,017	,441	-,930	1,190	-3,367	1,507

Nota: FE1 Percepção do self; FE2 Planejamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Anexo 10: tabelas referentes às diferenças intergrupais em função da permanência no estabelecimento

Tabela 39

Descritivos do ICAC

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
AC0	1,00	20	60,10	10,857	2,428	55,02	65,18	42	83
	2,00	26	63,35	12,627	2,476	58,25	68,45	43	82
	3,00	10	62,70	12,988	4,107	53,41	71,99	44	83
	Total	56	62,07	11,960	1,598	58,87	65,27	42	83
FA1	1,00	20	13,95	3,913	,875	12,12	15,78	9	22
	2,00	26	15,04	3,715	,728	13,54	16,54	9	22
	3,00	10	14,40	4,248	1,343	11,36	17,44	9	22
	Total	56	14,54	3,842	,513	13,51	15,56	9	22
FA2	1,00	20	17,70	3,164	,707	16,22	19,18	12	24
	2,00	26	18,81	4,050	,794	17,17	20,44	11	25
	3,00	10	18,60	3,978	1,258	15,75	21,45	12	23
	Total	56	18,38	3,710	,496	17,38	19,37	11	25
FA3	1,00	20	11,85	2,700	,604	10,59	13,11	8	17
	2,00	26	12,50	3,373	,662	11,14	13,86	8	19
	3,00	10	11,50	3,136	,992	9,26	13,74	8	17
	Total	56	12,09	3,076	,411	11,27	12,91	8	19
FA4	1,00	20	8,75	2,807	,628	7,44	10,06	5	15
	2,00	26	8,69	2,462	,483	7,70	9,69	4	13
	3,00	10	10,00	2,789	,882	8,00	12,00	6	15
	Total	56	8,95	2,645	,353	8,24	9,65	4	15

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 40
Descritivos da ERA

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
ERA0	1,00	20	136,35	26,747	5,981	123,83	148,87	75	191
	2,00	26	136,04	15,059	2,953	129,96	142,12	106	167
	3,00	10	123,30	28,987	9,166	102,56	144,04	53	171
	Total	56	133,88	22,638	3,025	127,81	139,94	53	191
FE1	1,00	20	24,80	5,854	1,309	22,06	27,54	12	34
	2,00	26	25,00	3,225	,632	23,70	26,30	20	32
	3,00	10	22,30	5,755	1,820	18,18	26,42	10	33
	Total	56	24,45	4,797	,641	23,16	25,73	10	34
FE2	1,00	20	17,45	3,364	,752	15,88	19,02	11	25
	2,00	26	17,92	2,348	,461	16,97	18,87	14	25
	3,00	10	16,00	3,232	1,022	13,69	18,31	7	18
	Total	56	17,41	2,934	,392	16,62	18,20	7	25
FE3	1,00	20	25,80	4,287	,959	23,79	27,81	14	36
	2,00	26	25,08	3,599	,706	23,62	26,53	18	32
	3,00	10	21,70	5,293	1,674	17,91	25,49	9	30
	Total	56	24,73	4,355	,582	23,57	25,90	9	36
FE4	1,00	20	24,50	6,337	1,417	21,53	27,47	15	39
	2,00	26	25,62	4,700	,922	23,72	27,51	18	41
	3,00	10	23,70	6,651	2,103	18,94	28,46	9	36
	Total	56	24,88	5,631	,753	23,37	26,38	9	41
FE5	1,00	20	27,00	7,476	1,672	23,50	30,50	15	43
	2,00	26	26,81	5,028	,986	24,78	28,84	19	38
	3,00	10	24,00	6,799	2,150	19,14	28,86	11	38
	Total	56	26,38	6,294	,841	24,69	28,06	11	43
FE6	1,00	20	16,80	4,200	,939	14,83	18,77	5	22
	2,00	26	15,62	3,008	,590	14,40	16,83	10	24
	3,00	10	15,60	5,103	1,614	11,95	19,25	7	24
	Total	56	16,04	3,847	,514	15,01	17,07	5	24

Nota: N=56; FE1 Percepção do self; FE2 Planeamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Tabela 41
ANOVA do ICAC

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
AC0	Entre Grupos	123,930	2	61,965	,424	,657
	Nos grupos	7743,785	53	146,109		
	Total	7867,714	55			
FA1	Entre Grupos	13,617	2	6,809	,452	,639
	Nos grupos	798,312	53	15,062		
	Total	811,929	55			
FA2	Entre Grupos	14,487	2	7,243	,517	,599
	Nos grupos	742,638	53	14,012		
	Total	757,125	55			
FA3	Entre Grupos	9,004	2	4,502	,466	,630
	Nos grupos	511,550	53	9,652		
	Total	520,554	55			
FA4	Entre Grupos	13,551	2	6,775	,967	,387
	Nos grupos	371,288	53	7,005		
	Total	384,839	55			

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 42
ANOVA da ERA

		Soma dos		Quadrado Médio	Z	Sig.
		Quadrados	df			
ERA0	Entre Grupos	1362,513	2	681,257	1,346	,269
	Nos grupos	26823,612	53	506,106		
	Total	28186,125	55			
FE1	Entre Grupos	56,539	2	28,270	1,239	,298
	Nos grupos	1209,300	53	22,817		
	Total	1265,839	55			
FE2	Entre Grupos	26,757	2	13,379	1,587	,214
	Nos grupos	446,796	53	8,430		
	Total	473,554	55			
FE3	Entre Grupos	117,836	2	58,918	3,375	,042
	Nos grupos	925,146	53	17,456		
	Total	1042,982	55			
FE4	Entre Grupos	30,871	2	15,436	,478	,623
	Nos grupos	1713,254	53	32,326		
	Total	1744,125	55			
FE5	Entre Grupos	69,087	2	34,543	,868	,426
	Nos grupos	2110,038	53	39,812		
	Total	2179,125	55			
FE6	Entre Grupos	18,175	2	9,087	,605	,550
	Nos grupos	795,754	53	15,014		
	Total	813,929	55			

Nota: N=56; FE1 Percepção do self; FE2 Planeamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Tabela 43
Comparações múltiplas de Bonferroni do ICAC

Variável dependente	(I) tempo Prisão	(J) tempo Prisão	Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
AC0	1,00	2,00	-3,246	3,595	1,000	-12,13	5,64
		3,00	-2,600	4,681	1,000	-14,17	8,97
	2,00	1,00	3,246	3,595	1,000	-5,64	12,13
		3,00	,646	4,498	1,000	-10,47	11,77
	3,00	1,00	2,600	4,681	1,000	-8,97	14,17
		2,00	-,646	4,498	1,000	-11,77	10,47
FA1	1,00	2,00	-1,088	1,154	1,000	-3,94	1,77
		3,00	-,450	1,503	1,000	-4,17	3,27
	2,00	1,00	1,088	1,154	1,000	-1,77	3,94
		3,00	,638	1,444	1,000	-2,93	4,21
	3,00	1,00	,450	1,503	1,000	-3,27	4,17
		2,00	-,638	1,444	1,000	-4,21	2,93
FA2	1,00	2,00	-1,108	1,113	,973	-3,86	1,64
		3,00	-,900	1,450	1,000	-4,48	2,68
	2,00	1,00	1,108	1,113	,973	-1,64	3,86
		3,00	,208	1,393	1,000	-3,24	3,65
	3,00	1,00	,900	1,450	1,000	-2,68	4,48
		2,00	-,208	1,393	1,000	-3,65	3,24
FA3	1,00	2,00	-,650	,924	1,000	-2,93	1,63
		3,00	,350	1,203	1,000	-2,62	3,32
	2,00	1,00	,650	,924	1,000	-1,63	2,93
		3,00	1,000	1,156	1,000	-1,86	3,86
	3,00	1,00	-,350	1,203	1,000	-3,32	2,62
		2,00	-1,000	1,156	1,000	-3,86	1,86
FA4	1,00	2,00	,058	,787	1,000	-1,89	2,00
		3,00	-1,250	1,025	,684	-3,78	1,28
	2,00	1,00	-,058	,787	1,000	-2,00	1,89
		3,00	-1,308	,985	,570	-3,74	1,13
	3,00	1,00	1,250	1,025	,684	-1,28	3,78
		2,00	1,308	,985	,570	-1,13	3,74

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 44

Comparações múltiplas de Bonferroni da ERA

Variável dependente	(I) tempo Prisão	(J) tempo Prisão	Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
ERA0	1,00	2,00	,312	6,691	1,000	-16,23	16,85
		3,00	13,050	8,713	,420	-8,49	34,59
		3,00	-3,12	6,691	1,000	-16,85	16,23
	2,00	3,00	12,738	8,371	,402	-7,96	33,43
		1,00	-13,050	8,713	,420	-34,59	8,49
		2,00	-12,738	8,371	,402	-33,43	7,96
FE1	1,00	2,00	-,200	1,421	1,000	-3,71	3,31
		3,00	2,500	1,850	,547	-2,07	7,07
		3,00	-,200	1,421	1,000	-3,31	3,71
	2,00	3,00	2,700	1,777	,404	-1,69	7,09
		1,00	-2,500	1,850	,547	-7,07	2,07
		2,00	-2,700	1,777	,404	-7,09	1,69
FE2	1,00	2,00	-,473	,864	1,000	-2,61	1,66
		3,00	1,450	1,125	,609	-1,33	4,23
		3,00	-,473	,864	1,000	-1,66	2,61
	2,00	3,00	1,923	1,080	,242	-,75	4,59
		1,00	-1,450	1,125	,609	-4,23	1,33
		2,00	-1,923	1,080	,242	-4,59	,75
FE3	1,00	2,00	,723	1,243	1,000	-2,35	3,80
		3,00	4,100*	1,618	,043	,10	8,10
		3,00	-,723	1,243	1,000	-3,80	2,35
	2,00	3,00	3,377	1,555	,103	-,47	7,22
		1,00	-4,100*	1,618	,043	-8,10	-,10
		2,00	-3,377	1,555	,103	-7,22	,47
FE4	1,00	2,00	-1,115	1,691	1,000	-5,30	3,07
		3,00	,800	2,202	1,000	-4,64	6,24
		3,00	1,115	1,691	1,000	-3,07	5,30
	2,00	3,00	1,915	2,116	1,000	-3,32	7,15
		1,00	-,800	2,202	1,000	-6,24	4,64
		2,00	-1,915	2,116	1,000	-7,15	3,32
FE5	1,00	2,00	,192	1,877	1,000	-4,45	4,83
		3,00	3,000	2,444	,675	-3,04	9,04
		3,00	-,192	1,877	1,000	-4,83	4,45
	2,00	3,00	2,808	2,348	,711	-3,00	8,61
		1,00	-3,000	2,444	,675	-9,04	3,04
		2,00	-2,808	2,348	,711	-8,61	3,00
FE6	1,00	2,00	1,185	1,152	,926	-1,66	4,03
		3,00	1,200	1,501	1,000	-2,51	4,91
		3,00	-1,185	1,152	,926	-4,03	1,66
	2,00	3,00	,015	1,442	1,000	-3,55	3,58
		1,00	-1,200	1,501	1,000	-4,91	2,51
		2,00	-,015	1,442	1,000	-3,58	3,55

Nota: N=56; *. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades); FE1 Percepção do self; FE2 Planejamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Anexo 11: tabelas referentes às diferenças intergrupais em função da situação no estabelecimento

Tabela 45

Descritivos do ICAC

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
AC0	Trabalha	19	66,42	13,910	3,191	59,72	73,13	43	83
	Escola	11	59,09	7,956	2,399	53,75	64,44	46	73
	Ambos	10	58,90	13,812	4,368	49,02	68,78	42	83
	Nada	16	60,94	9,855	2,464	55,69	66,19	46	77
	Total	56	62,07	11,960	1,598	58,87	65,27	42	83
FA1	Trabalha	19	16,95	4,209	,966	14,92	18,98	9	22
	Escola	11	12,09	1,973	,595	10,77	13,42	9	14
	Ambos	10	13,40	3,438	1,087	10,94	15,86	9	20
	Nada	16	14,06	3,214	,803	12,35	15,78	9	19
	Total	56	14,54	3,842	,513	13,51	15,56	9	22
FA2	Trabalha	19	19,00	4,110	,943	17,02	20,98	11	25
	Escola	11	17,73	3,133	,945	15,62	19,83	13	23
	Ambos	10	17,50	4,453	1,408	14,31	20,69	12	24
	Nada	16	18,63	3,222	,806	16,91	20,34	12	24
	Total	56	18,38	3,710	,496	17,38	19,37	11	25
FA3	Trabalha	19	12,47	3,373	,774	10,85	14,10	8	19
	Escola	11	12,09	3,208	,967	9,94	14,25	8	19
	Ambos	10	11,90	3,510	1,110	9,39	14,41	8	17
	Nada	16	11,75	2,543	,636	10,39	13,11	8	16
	Total	56	12,09	3,076	,411	11,27	12,91	8	19
FA4	Trabalha	19	9,53	2,875	,659	8,14	10,91	5	15
	Escola	11	8,64	1,963	,592	7,32	9,96	6	12
	Ambos	10	7,80	2,616	,827	5,93	9,67	4	12
	Nada	16	9,19	2,762	,691	7,72	10,66	6	15
	Total	56	8,95	2,645	,353	8,24	9,65	4	15

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 46
Descritivos da ERA

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
ERA0	Trabalha	19	136,37	12,285	2,818	130,45	142,29	122	164
	Escola	11	132,82	19,914	6,004	119,44	146,20	115	178
	Ambos	10	131,10	25,908	8,193	112,57	149,63	75	171
	Nada	16	133,38	31,887	7,972	116,38	150,37	53	191
	Total	56	133,88	22,638	3,025	127,81	139,94	53	191
FE1	Trabalha	19	24,26	2,864	,657	22,88	25,64	20	30
	Escola	11	25,45	4,591	1,384	22,37	28,54	22	34
	Ambos	10	24,90	6,208	1,963	20,46	29,34	12	33
	Nada	16	23,69	5,986	1,496	20,50	26,88	10	32
	Total	56	24,45	4,797	,641	23,16	25,73	10	34
FE2	Trabalha	19	17,95	2,571	,590	16,71	19,19	14	25
	Escola	11	17,73	2,328	,702	16,16	19,29	16	22
	Ambos	10	16,70	2,497	,790	14,91	18,49	11	19
	Nada	16	17,00	3,916	,979	14,91	19,09	7	25
	Total	56	17,41	2,934	,392	16,62	18,20	7	25
FE3	Trabalha	19	24,89	3,784	,868	23,07	26,72	19	32
	Escola	11	25,00	3,688	1,112	22,52	27,48	18	30
	Ambos	10	23,70	4,244	1,342	20,66	26,74	14	29
	Nada	16	25,00	5,621	1,405	22,00	28,00	9	36
	Total	56	24,73	4,355	,582	23,57	25,90	9	36
FE4	Trabalha	19	25,79	5,006	1,149	23,38	28,20	18	41
	Escola	11	24,18	3,656	1,102	21,73	26,64	18	31
	Ambos	10	23,70	5,638	1,783	19,67	27,73	15	36
	Nada	16	25,00	7,474	1,869	21,02	28,98	9	39
	Total	56	24,88	5,631	,753	23,37	26,38	9	41
FE5	Trabalha	19	27,42	3,863	,886	25,56	29,28	22	38
	Escola	11	24,55	6,933	2,091	19,89	29,20	19	40
	Ambos	10	26,10	6,297	1,991	21,60	30,60	15	38
	Nada	16	26,56	8,222	2,055	22,18	30,94	11	43
	Total	56	26,38	6,294	,841	24,69	28,06	11	43
FE6	Trabalha	19	16,05	2,527	,580	14,83	17,27	11	21
	Escola	11	15,91	3,419	1,031	13,61	18,21	10	21
	Ambos	10	16,00	5,207	1,647	12,28	19,72	5	24
	Nada	16	16,13	4,745	1,186	13,60	18,65	7	24
	Total	56	16,04	3,847	,514	15,01	17,07	5	24

Nota: N=56; FE1 Percepção do self; FE2 Planeamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Tabela 47
ANOVA do ICAC

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
AC0	Entre Grupos	578,336	3	192,779	1,375	,261
	Nos grupos	7289,378	52	140,180		
	Total	7867,714	55			
FA1	Entre Grupos	192,735	3	64,245	5,395	,003
	Nos grupos	619,194	52	11,908		
	Total	811,929	55			
FA2	Entre Grupos	20,693	3	6,898	,487	,693
	Nos grupos	736,432	52	14,162		
	Total	757,125	55			
FA3	Entre Grupos	5,008	3	1,669	,168	,917
	Nos grupos	515,546	52	9,914		
	Total	520,554	55			
FA4	Entre Grupos	21,519	3	7,173	1,027	,388
	Nos grupos	363,320	52	6,987		
	Total	384,839	55			

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 48
ANOVA da ERA

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
ERA0	Entre Grupos	211,418	3	70,473	,131	,941
	Nos grupos	27974,707	52	537,975		
	Total	28186,125	55			
FE1	Entre Grupos	23,090	3	7,697	,322	,809
	Nos grupos	1242,749	52	23,899		
	Total	1265,839	55			
FE2	Entre Grupos	14,324	3	4,775	,541	,657
	Nos grupos	459,229	52	8,831		
	Total	473,554	55			
FE3	Entre Grupos	13,093	3	4,364	,220	,882
	Nos grupos	1029,889	52	19,806		
	Total	1042,982	55			
FE4	Entre Grupos	35,231	3	11,744	,357	,784
	Nos grupos	1708,894	52	32,863		
	Total	1744,125	55			
FE5	Entre Grupos	58,929	3	19,643	,482	,696
	Nos grupos	2120,196	52	40,773		
	Total	2179,125	55			
FE6	Entre Grupos	,322	3	,107	,007	,999
	Nos grupos	813,606	52	15,646		
	Total	813,929	55			

Nota: N=56; FE1 Percepção do self; FE2 Planeamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Tabela 49

Comparações múltiplas de *Bonferroni* do ICAC

Variável dependente	(I) Situação no EPF a nível de trabalho e escola	(J) Situação no EPF a nível de trabalho e escola	Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
AC0	Trabalha	Escola	7,330	4,486	,650	-4,97	19,63
		Ambos	7,521	4,626	,660	-5,17	20,21
		Nada	5,484	4,017	1,000	-5,54	16,50
	Escola	Trabalha	-7,330	4,486	,650	-19,63	4,97
		Ambos	,191	5,173	1,000	-14,00	14,38
		Nada	-1,847	4,637	1,000	-14,57	10,87
	Ambos	Trabalha	-7,521	4,626	,660	-20,21	5,17
		Escola	-,191	5,173	1,000	-14,38	14,00
		Nada	-2,038	4,773	1,000	-15,13	11,05
	Nada	Trabalha	-5,484	4,017	1,000	-16,50	5,54
		Escola	1,847	4,637	1,000	-10,87	14,57
		Ambos	2,038	4,773	1,000	-11,05	15,13
FA1	Trabalha	Escola	4,856*	1,307	,003	1,27	8,44
		Ambos	3,547	1,348	,067	-,15	7,25
		Nada	2,885	1,171	,103	-,33	6,10
	Escola	Trabalha	-4,856*	1,307	,003	-8,44	-1,27
		Ambos	-1,309	1,508	1,000	-5,44	2,83
		Nada	-1,972	1,352	,904	-5,68	1,74
	Ambos	Trabalha	-3,547	1,348	,067	-7,25	,15
		Escola	1,309	1,508	1,000	-2,83	5,44
		Nada	-,662	1,391	1,000	-4,48	3,15
	Nada	Trabalha	-2,885	1,171	,103	-6,10	,33
		Escola	1,972	1,352	,904	-1,74	5,68
		Ambos	,662	1,391	1,000	-3,15	4,48
FA2	Trabalha	Escola	1,273	1,426	1,000	-2,64	5,18
		Ambos	1,500	1,470	1,000	-2,53	5,53
		Nada	,375	1,277	1,000	-3,13	3,88
	Escola	Trabalha	-1,273	1,426	1,000	-5,18	2,64
		Ambos	,227	1,644	1,000	-4,28	4,74
		Nada	-,898	1,474	1,000	-4,94	3,15
	Ambos	Trabalha	-1,500	1,470	1,000	-5,53	2,53
		Escola	-,227	1,644	1,000	-4,74	4,28
		Nada	-1,125	1,517	1,000	-5,29	3,04
	Nada	Trabalha	-,375	1,277	1,000	-3,88	3,13
		Escola	,898	1,474	1,000	-3,15	4,94
		Ambos	1,125	1,517	1,000	-3,04	5,29
FA3	Trabalha	Escola	,383	1,193	1,000	-2,89	3,65
		Ambos	,574	1,230	1,000	-2,80	3,95
		Nada	,724	1,068	1,000	-2,21	3,65
	Escola	Trabalha	-,383	1,193	1,000	-3,65	2,89
		Ambos	,191	1,376	1,000	-3,58	3,96
		Nada	,341	1,233	1,000	-3,04	3,72
	Ambos	Trabalha	-,574	1,230	1,000	-3,95	2,80
		Escola	-,191	1,376	1,000	-3,96	3,58
		Nada	-,150	1,269	1,000	-3,33	3,63
	Nada	Trabalha	-,724	1,068	1,000	-3,65	2,21
		Escola	-,341	1,233	1,000	-3,72	3,04
		Ambos	-,150	1,269	1,000	-3,63	3,33
FA4	Trabalha	Escola	,890	1,001	1,000	-1,86	3,64
		Ambos	1,726	1,033	,604	-1,11	4,56
		Nada	,339	,897	1,000	-2,12	2,80
	Escola	Trabalha	-,890	1,001	1,000	-3,64	1,86
		Ambos	,836	1,155	1,000	-2,33	4,00
		Nada	-,551	1,035	1,000	-3,39	2,29
	Ambos	Trabalha	-1,726	1,033	,604	-4,56	1,11
		Escola	-,836	1,155	1,000	-4,00	2,33
		Nada	-1,388	1,066	1,000	-4,31	1,54
	Nada	Trabalha	-,339	,897	1,000	-2,80	2,12
		Escola	,551	1,035	1,000	-2,29	3,39
		Ambos	1,388	1,066	1,000	-1,54	4,31

Nota: N=56; *. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades); FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 50

Comparações múltiplas de Bonferroni da ERA

Variável dependente	(I) Situação no EPF a nível de trabalho e escola	(J) Situação no EPF a nível de trabalho e escola	Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
ERA0	Trabalha	Escola	3,550	8,788	1,000	-20,55	27,65
		Ambos	5,268	9,062	1,000	-19,59	30,12
		Nada	2,993	7,870	1,000	-18,59	24,58
	Escola	Trabalha	-3,550	8,788	1,000	-27,65	20,55
		Ambos	1,718	10,134	1,000	-26,08	29,52
		Nada	-5,557	9,085	1,000	-25,48	24,36
	Ambos	Trabalha	-5,268	9,062	1,000	-30,12	19,59
		Escola	-1,718	10,134	1,000	-29,52	26,08
		Nada	-2,275	9,350	1,000	-27,92	23,37
	Nada	Trabalha	-2,993	7,870	1,000	-24,58	18,59
		Escola	,557	9,085	1,000	-24,36	25,48
		Ambos	2,275	9,350	1,000	-23,37	27,92
FE1	Trabalha	Escola	-1,191	1,852	1,000	-6,27	3,89
		Ambos	-,637	1,910	1,000	-5,88	4,60
		Nada	,576	1,659	1,000	-3,97	5,13
	Escola	Trabalha	1,191	1,852	1,000	-3,89	6,27
		Ambos	,555	2,136	1,000	-5,30	6,41
		Nada	1,767	1,915	1,000	-3,49	7,02
	Ambos	Trabalha	,637	1,910	1,000	-4,60	5,88
		Escola	-,555	2,136	1,000	-6,41	5,30
		Nada	1,212	1,971	1,000	-4,19	6,62
	Nada	Trabalha	-,576	1,659	1,000	-5,13	3,97
		Escola	-1,767	1,915	1,000	-7,02	3,49
		Ambos	-1,212	1,971	1,000	-6,62	4,19
FE2	Trabalha	Escola	,220	1,126	1,000	-2,87	3,31
		Ambos	1,247	1,161	1,000	-1,94	4,43
		Nada	,947	1,008	1,000	-1,82	3,71
	Escola	Trabalha	-,220	1,126	1,000	-3,31	2,87
		Ambos	1,027	1,298	1,000	-2,53	4,59
		Nada	,727	1,164	1,000	-2,47	3,92
	Ambos	Trabalha	-1,247	1,161	1,000	-4,43	1,94
		Escola	-1,027	1,298	1,000	-4,59	2,53
		Nada	-,300	1,198	1,000	-3,59	2,99
	Nada	Trabalha	-,947	1,008	1,000	-3,71	1,82
		Escola	-,727	1,164	1,000	-3,92	2,47
		Ambos	,300	1,198	1,000	-2,99	3,59
FE3	Trabalha	Escola	-,105	1,686	1,000	-4,73	4,52
		Ambos	1,195	1,739	1,000	-3,57	5,96
		Nada	-,105	1,510	1,000	-4,25	4,04
	Escola	Trabalha	,105	1,686	1,000	-4,52	4,73
		Ambos	1,300	1,944	1,000	-4,03	6,63
		Nada	,000	1,743	1,000	-4,78	4,78
	Ambos	Trabalha	-1,195	1,739	1,000	-5,96	3,57
		Escola	-1,300	1,944	1,000	-6,63	4,03
		Nada	-1,300	1,794	1,000	-6,22	3,62
	Nada	Trabalha	,105	1,510	1,000	-4,04	4,25
		Escola	,000	1,743	1,000	-4,78	4,78
		Ambos	1,300	1,794	1,000	-3,62	6,22
FE4	Trabalha	Escola	1,608	2,172	1,000	-4,35	7,57
		Ambos	2,089	2,240	1,000	-4,05	8,23
		Nada	,789	1,945	1,000	-4,55	6,12
	Escola	Trabalha	-1,608	2,172	1,000	-7,57	4,35
		Ambos	-,482	2,505	1,000	-6,39	7,35
		Nada	-,818	2,245	1,000	-6,98	5,34
	Ambos	Trabalha	-2,089	2,240	1,000	-8,23	4,05
		Escola	-,482	2,505	1,000	-7,35	6,39
		Nada	-1,300	2,311	1,000	-7,64	5,04
	Nada	Trabalha	-,789	1,945	1,000	-6,12	4,55
		Escola	,818	2,245	1,000	-5,34	6,98
		Ambos	1,300	2,311	1,000	-5,04	7,64
FE5	Trabalha	Escola	2,876	2,419	1,000	-3,76	9,51
		Ambos	1,321	2,495	1,000	-5,52	8,16
		Nada	,859	2,167	1,000	-5,08	6,80
	Escola	Trabalha	-2,876	2,419	1,000	-9,51	3,76
		Ambos	-1,555	2,790	1,000	-9,21	6,10
		Nada	-2,017	2,501	1,000	-8,88	4,84
	Ambos	Trabalha	-1,321	2,495	1,000	-8,16	5,52
		Escola	1,555	2,790	1,000	-6,10	9,21
		Nada	-,462	2,574	1,000	-7,52	6,60
	Nada	Trabalha	-,859	2,167	1,000	-6,80	5,08
		Escola	2,017	2,501	1,000	-4,84	8,88
		Ambos	,462	2,574	1,000	-6,60	7,52
FE6	Trabalha	Escola	,144	1,499	1,000	-3,97	4,25
		Ambos	,053	1,545	1,000	-4,19	4,29
		Nada	-,072	1,342	1,000	-3,75	3,61
	Escola	Trabalha	-,144	1,499	1,000	-4,25	3,97
		Ambos	-,091	1,728	1,000	-4,83	4,65
		Nada	-,216	1,549	1,000	-4,47	4,03
	Ambos	Trabalha	-,053	1,545	1,000	-4,29	4,19
		Escola	,091	1,728	1,000	-4,65	4,83
		Nada	-,125	1,595	1,000	-4,50	4,25
	Nada	Trabalha	,072	1,342	1,000	-3,61	3,75
		Escola	,216	1,549	1,000	-4,03	4,47
		Ambos	,125	1,595	1,000	-4,25	4,50

Nota: N=56; FE1 Perceção do self; FE2 Planeamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Anexo 12: tabelas referentes às diferenças intergrupais em função do apoio familiar:

Tabela 51

Descritivos do ICAC

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
AC0	Não	5	61,40	13,502	6,038	44,64	78,16	47	83
	Emocional	17	60,00	14,705	3,567	52,44	67,56	42	82
	Financeiro	3	66,67	9,292	5,364	43,59	89,75	56	73
	Ambos	31	62,87	10,563	1,897	59,00	66,75	44	83
	Total	56	62,07	11,960	1,598	58,87	65,27	42	83
FA1	Não	5	13,60	4,930	2,205	7,48	19,72	9	22
	Emocional	17	14,12	4,781	1,160	11,66	16,58	9	22
	Financeiro	3	16,33	2,082	1,202	11,16	21,50	14	18
	Ambos	31	14,74	3,276	,588	13,54	15,94	10	22
	Total	56	14,54	3,842	,513	13,51	15,56	9	22
FA2	Não	5	17,80	4,550	2,035	12,15	23,45	11	23
	Emocional	17	17,88	4,299	1,043	15,67	20,09	12	25
	Financeiro	3	18,67	4,041	2,333	8,63	28,71	14	21
	Ambos	31	18,71	3,349	,601	17,48	19,94	12	25
	Total	56	18,38	3,710	,496	17,38	19,37	11	25
FA3	Não	5	12,00	2,236	1,000	9,22	14,78	9	15
	Emocional	17	12,06	3,249	,788	10,39	13,73	8	17
	Financeiro	3	14,00	5,568	3,215	,17	27,83	8	19
	Ambos	31	11,94	2,932	,527	10,86	13,01	8	19
	Total	56	12,09	3,076	,411	11,27	12,91	8	19
FA4	Não	5	9,60	3,912	1,749	4,74	14,46	6	15
	Emocional	17	8,35	2,827	,686	6,90	9,81	4	13
	Financeiro	3	9,67	,577	,333	8,23	11,10	9	10
	Ambos	31	9,10	2,481	,446	8,19	10,01	5	15
	Total	56	8,95	2,645	,353	8,24	9,65	4	15

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 52
Descritivos da ERA

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
ERA0	Não	5	145,40	17,939	8,022	123,13	167,67	122	164
	Emocional	17	130,88	21,130	5,125	120,02	141,75	75	164
	Financeiro	3	129,00	8,888	5,132	106,92	151,08	122	139
	Ambos	31	134,13	24,972	4,485	124,97	143,29	53	191
	Total	56	133,88	22,638	3,025	127,81	139,94	53	191
FE1	Não	5	28,00	4,416	1,975	22,52	33,48	22	34
	Emocional	17	23,94	4,603	1,116	21,57	26,31	12	32
	Financeiro	3	23,00	1,000	,577	20,52	25,48	22	24
	Ambos	31	24,29	5,074	,911	22,43	26,15	10	34
	Total	56	24,45	4,797	,641	23,16	25,73	10	34
FE2	Não	5	18,80	2,588	1,158	15,59	22,01	16	22
	Emocional	17	17,41	2,238	,543	16,26	18,56	14	22
	Financeiro	3	16,33	1,528	,882	12,54	20,13	15	18
	Ambos	31	17,29	3,408	,612	16,04	18,54	7	25
	Total	56	17,41	2,934	,392	16,62	18,20	7	25
FE3	Não	5	25,60	1,673	,748	23,52	27,68	24	28
	Emocional	17	25,12	4,675	1,134	22,71	27,52	14	32
	Financeiro	3	24,33	4,509	2,603	13,13	35,53	20	29
	Ambos	31	24,42	4,588	,824	22,74	26,10	9	36
	Total	56	24,73	4,355	,582	23,57	25,90	9	36
FE4	Não	5	26,80	3,962	1,772	21,88	31,72	21	32
	Emocional	17	24,76	5,815	1,410	21,77	27,75	15	41
	Financeiro	3	24,67	1,155	,667	21,80	27,54	24	26
	Ambos	31	24,65	6,102	1,096	22,41	26,88	9	39
	Total	56	24,88	5,631	,753	23,37	26,38	9	41
FE5	Não	5	28,40	6,986	3,124	19,73	37,07	22	36
	Emocional	17	25,24	6,016	1,459	22,14	28,33	15	38
	Financeiro	3	24,33	4,933	2,848	12,08	36,59	21	30
	Ambos	31	26,87	6,566	1,179	24,46	29,28	11	43
	Total	56	26,38	6,294	,841	24,69	28,06	11	43
FE6	Não	5	17,80	3,633	1,625	13,29	22,31	13	21
	Emocional	17	14,41	3,842	,932	12,44	16,39	5	19
	Financeiro	3	16,33	,577	,333	14,90	17,77	16	17
	Ambos	31	16,61	3,887	,698	15,19	18,04	7	24
	Total	56	16,04	3,847	,514	15,01	17,07	5	24

Nota: N=56; FE1 Percepção do self; FE2 Planeamento futuro; FE3 Competências sociais FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Tabela 53
ANOVA do ICAC

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
AC0	Entre Grupos	158,364	3	52,788	,356	,785
	Nos grupos	7709,351	52	148,257		
	Total	7867,714	55			
FA1	Entre Grupos	18,362	3	6,121	,401	,753
	Nos grupos	793,567	52	15,261		
	Total	811,929	55			
FA2	Entre Grupos	9,507	3	3,169	,220	,882
	Nos grupos	747,618	52	14,377		
	Total	757,125	55			
FA3	Entre Grupos	11,741	3	3,914	,400	,754
	Nos grupos	508,812	52	9,785		
	Total	520,554	55			
FA4	Entre Grupos	10,381	3	3,460	,481	,697
	Nos grupos	374,459	52	7,201		
	Total	384,839	55			

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 54
ANOVA da ERA

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
ERA0	Entre Grupos	889,676	3	296,559	,565	,641
	Nos grupos	27296,449	52	524,932		
	Total	28186,125	55			
FE1	Entre Grupos	74,511	3	24,837	1,084	,364
	Nos grupos	1191,328	52	22,910		
	Total	1265,839	55			
FE2	Entre Grupos	13,582	3	4,527	,512	,676
	Nos grupos	459,971	52	8,846		
	Total	473,554	55			
FE3	Entre Grupos	9,802	3	3,267	,164	,920
	Nos grupos	1033,180	52	19,869		
	Total	1042,982	55			
FE4	Entre Grupos	20,503	3	6,834	,206	,892
	Nos grupos	1723,622	52	33,147		
	Total	1744,125	55			
FE5	Entre Grupos	62,716	3	20,905	,514	,675
	Nos grupos	2116,409	52	40,700		
	Total	2179,125	55			
FE6	Entre Grupos	70,989	3	23,663	1,656	,188
	Nos grupos	742,939	52	14,287		
	Total	813,929	55			

Nota: N=56; FE1 Percepção do self; FE2 Planejamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Tabela 55

Comparações múltiplas de Bonferroni do ICAC

Variável dependente	(I) Tipo de apoio familiar	(J) Tipo de apoio familiar	Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
AC0	Não	Emocional	1,400	6,195	1,000	-15,59	18,39
		Financeiro	-5,267	8,892	1,000	-29,66	19,12
		Ambos	-1,471	5,868	1,000	-17,57	14,62
	Emocional	Não	-1,400	6,195	1,000	-18,39	15,59
		Financeiro	-6,667	7,625	1,000	-27,58	14,25
		Ambos	-2,871	3,675	1,000	-12,95	7,21
	Financeiro	Não	5,267	8,892	1,000	-19,12	29,66
		Emocional	6,667	7,625	1,000	-14,25	27,58
		Ambos	3,796	7,362	1,000	-16,40	23,99
	Ambos	Não	1,471	5,868	1,000	-14,62	17,57
		Emocional	2,871	3,675	1,000	-7,21	12,95
		Financeiro	-3,796	7,362	1,000	-23,99	16,40
FA1	Não	Emocional	-,518	1,987	1,000	-5,97	4,93
		Financeiro	-2,733	2,853	1,000	-10,56	5,09
		Ambos	-1,142	1,883	1,000	-6,31	4,02
	Emocional	Não	,518	1,987	1,000	-4,93	5,97
		Financeiro	-2,216	2,446	1,000	-8,93	4,49
		Ambos	-,624	1,179	1,000	-3,86	2,61
	Financeiro	Não	2,733	2,853	1,000	-5,09	10,56
		Emocional	2,216	2,446	1,000	-4,49	8,93
		Ambos	1,591	2,362	1,000	-4,89	8,07
	Ambos	Não	1,142	1,883	1,000	-4,02	6,31
		Emocional	,624	1,179	1,000	-2,61	3,86
		Financeiro	-1,591	2,362	1,000	-8,07	4,89
FA2	Não	Emocional	-,082	1,929	1,000	-5,37	5,21
		Financeiro	-,867	2,769	1,000	-8,46	6,73
		Ambos	-,910	1,827	1,000	-5,92	4,10
	Emocional	Não	,082	1,929	1,000	-5,21	5,37
		Financeiro	-,784	2,374	1,000	-7,30	5,73
		Ambos	-,827	1,144	1,000	-3,97	2,31
	Financeiro	Não	,867	2,769	1,000	-6,73	8,46
		Emocional	,784	2,374	1,000	-5,73	7,30
		Ambos	-,043	2,293	1,000	-6,33	6,25
	Ambos	Não	,910	1,827	1,000	-4,10	5,92
		Emocional	,827	1,144	1,000	-2,31	3,97
		Financeiro	,043	2,293	1,000	-6,25	6,33
FA3	Não	Emocional	-,059	1,591	1,000	-4,42	4,31
		Financeiro	-2,000	2,284	1,000	-8,27	4,27
		Ambos	,065	1,508	1,000	-4,07	4,20
	Emocional	Não	,059	1,591	1,000	-4,31	4,42
		Financeiro	-1,941	1,959	1,000	-7,31	3,43
		Ambos	,123	,944	1,000	-2,47	2,71
	Financeiro	Não	2,000	2,284	1,000	-4,27	8,27
		Emocional	1,941	1,959	1,000	-3,43	7,31
		Ambos	2,065	1,891	1,000	-3,12	7,25
	Ambos	Não	-,065	1,508	1,000	-4,20	4,07
		Emocional	-,123	,944	1,000	-2,71	2,47
		Financeiro	-2,065	1,891	1,000	-7,25	3,12
FA4	Não	Emocional	1,247	1,365	1,000	-2,50	4,99
		Financeiro	-,067	1,960	1,000	-5,44	5,31
		Ambos	,503	1,293	1,000	-3,04	4,05
	Emocional	Não	-1,247	1,365	1,000	-4,99	2,50
		Financeiro	-1,314	1,680	1,000	-5,92	3,30
		Ambos	-,744	,810	1,000	-2,97	1,48
	Financeiro	Não	,067	1,960	1,000	-5,31	5,44
		Emocional	1,314	1,680	1,000	-3,30	5,92
		Ambos	,570	1,623	1,000	-3,88	5,02
	Ambos	Não	-,503	1,293	1,000	-4,05	3,04
		Emocional	,744	,810	1,000	-1,48	2,97
		Financeiro	-,570	1,623	1,000	-5,02	3,88

Nota: N=56; FA1 Aceitação/rejeição social; FA2 Autoeficácia; FA3 Maturidade psicológica; FA4 Impulsividade-atividade.

Tabela 56

Comparações múltiplas de Bonferroni da ERA

Variável dependente	(I) Tipo de apoio familiar	(J) Tipo de apoio familiar	Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
ERA0	Não	Emocional	14,518	11,656	,000	-17,45	46,49
		Financeiro	16,400	16,732	,000	-29,50	62,30
		Ambos	11,271	11,042	,000	-19,02	41,56
	Emocional	Não	-14,518	11,656	,000	-46,49	17,45
		Financeiro	1,882	14,348	,000	-37,47	41,24
		Ambos	-3,247	6,915	,000	-22,21	15,72
	Financeiro	Não	-16,400	16,732	,000	-62,30	29,50
		Emocional	-1,882	14,348	,000	-41,24	37,47
		Ambos	-5,129	13,853	,000	-43,13	32,87
	Ambos	Não	-11,271	11,042	,000	-41,56	19,02
		Emocional	3,247	6,915	,000	-15,72	22,21
		Financeiro	5,129	13,853	,000	-32,87	43,13
FE1	Não	Emocional	4,059	2,435	,609	-2,62	10,74
		Financeiro	5,000	3,496	,952	-4,59	14,59
		Ambos	3,710	2,307	,683	-2,62	10,04
	Emocional	Não	-4,059	2,435	,609	-10,74	2,62
		Financeiro	,941	2,997	,000	-7,28	9,16
		Ambos	-,349	1,445	,000	-4,31	3,61
	Financeiro	Não	-5,000	3,496	,952	-14,59	4,59
		Emocional	-,941	2,997	,000	-9,16	7,28
		Ambos	-1,290	2,894	,000	-9,23	6,65
	Ambos	Não	-3,710	2,307	,683	-10,04	2,62
		Emocional	,349	1,445	,000	-3,61	4,31
		Financeiro	1,290	2,894	,000	-6,65	9,23
FE2	Não	Emocional	1,388	1,513	,000	-2,76	5,54
		Financeiro	2,467	2,172	,000	-3,49	8,42
		Ambos	1,510	1,433	,000	-2,42	5,44
	Emocional	Não	-1,388	1,513	,000	-5,54	2,76
		Financeiro	1,078	1,862	,000	-4,03	6,19
		Ambos	,121	,898	,000	-2,34	2,58
	Financeiro	Não	-2,467	2,172	,000	-8,42	3,49
		Emocional	-1,078	1,862	,000	-6,19	4,03
		Ambos	-,957	1,798	,000	-5,89	3,98
	Ambos	Não	-1,510	1,433	,000	-5,44	2,42
		Emocional	-,121	,898	,000	-2,58	2,34
		Financeiro	,957	1,798	,000	-3,98	5,89
FE3	Não	Emocional	,482	2,268	,000	-5,74	6,70
		Financeiro	1,267	3,255	,000	-7,66	10,20
		Ambos	1,181	2,148	,000	-4,71	7,07
	Emocional	Não	-,482	2,268	,000	-6,70	5,74
		Financeiro	,784	2,791	,000	-6,87	8,44
		Ambos	,698	1,345	,000	-2,99	4,39
	Financeiro	Não	-1,267	3,255	,000	-10,20	7,66
		Emocional	-,784	2,791	,000	-8,44	6,87
		Ambos	-,086	2,695	,000	-7,48	7,31
	Ambos	Não	-1,181	2,148	,000	-7,07	4,71
		Emocional	-,698	1,345	,000	-4,39	2,99
		Financeiro	,086	2,695	,000	-7,31	7,48
FE4	Não	Emocional	2,035	2,929	,000	-6,00	10,07
		Financeiro	2,133	4,205	,000	-9,40	13,67
		Ambos	2,155	2,775	,000	-5,46	9,77
	Emocional	Não	-2,035	2,929	,000	-10,07	6,00
		Financeiro	,098	3,605	,000	-9,79	9,99
		Ambos	,120	1,738	,000	-4,65	4,89
	Financeiro	Não	-2,133	4,205	,000	-13,67	9,40
		Emocional	-,098	3,605	,000	-9,99	9,79
		Ambos	,022	3,481	,000	-9,53	9,57
	Ambos	Não	-2,155	2,775	,000	-9,77	5,46
		Emocional	-,120	1,738	,000	-4,89	4,65
		Financeiro	-,022	3,481	,000	-9,57	9,53
FE5	Não	Emocional	3,165	3,246	,000	-5,74	12,07
		Financeiro	4,067	4,659	,000	-8,71	16,85
		Ambos	1,529	3,075	,000	-6,90	9,96
	Emocional	Não	-3,165	3,246	,000	-12,07	5,74
		Financeiro	,902	3,995	,000	-10,06	11,86
		Ambos	-1,636	1,925	,000	-6,92	3,65
	Financeiro	Não	-4,067	4,659	,000	-16,85	8,71
		Emocional	-,902	3,995	,000	-11,86	10,06
		Ambos	-2,538	3,857	,000	-13,12	8,04
	Ambos	Não	-1,529	3,075	,000	-9,96	6,90
		Emocional	1,636	1,925	,000	-3,65	6,92
		Financeiro	2,538	3,857	,000	-8,04	13,12
FE6	Não	Emocional	3,388	1,923	,504	-1,89	8,66
		Financeiro	1,467	2,760	,000	-6,11	9,04
		Ambos	1,187	1,822	,000	-3,81	6,18
	Emocional	Não	-3,388	1,923	,504	-8,66	1,89
		Financeiro	-1,922	2,367	,000	-8,41	4,57
		Ambos	-2,201	1,141	,355	-5,33	,93
	Financeiro	Não	-1,467	2,760	,000	-9,04	6,11
		Emocional	1,922	2,367	,000	-4,57	8,41
		Ambos	-,280	2,285	,000	-6,55	5,99
	Ambos	Não	-1,187	1,822	,000	-6,18	3,81
		Emocional	2,201	1,141	,355	-,93	5,33
		Financeiro	,280	2,285	,000	-5,99	6,55

Nota: N=56; FE1 Percepção do self; FE2 Planeamento futuro; FE3 Competências sociais; FE4 Coesão familiar; FE5 Recursos sociais; FE6 Estilo estruturado.

Anexo 13: tabela da grelha de codificação

Tabela 57

Grelha de codificação

Categoria	Subcategoria	Unidades de sentido
Autoconceito	Caraterísticas pessoais - Afirmações que remetem para as caraterísticas que os reclusos apontam sobre si.	<p>“fiquei arrependido e com mal imagem”</p> <p>“arrependimento porque é melhor sem crimes”</p> <p>“acho-me uma pessoa honesta sincera sempre pronto para ajudar o próximo, mas super arrependida por me ter deixado cair na mesma tentação no mundo do crime”</p> <p>“pelo meu ver cometi um crime, mas não me vejo como um criminoso, mas sim como um ser humano que não cumpriu com certas regras da sociedade”</p> <p>“eu me vejo como antes de ter cometido o crime”</p> <p>“tive vergonha e arrependido do crime que fiz porque perdi muitas coisas na minha vida”</p> <p>“a imagem que eu tenho de mim é que eu estou muito desiludido com as minhas más escolhas que eu fiz para a minha vida, que levou-me prisão. O arrependimento é o maior sentimento, neste momento”</p> <p>“tenho uma imagem normal”</p> <p>“simpático, arrependido”</p> <p>“sinto-me mal comigo próprio”</p> <p>“uma pessoa controlada pela droga e envergonhado com o que fiz à sociedade”</p> <p>“fiquei triste”</p> <p>“a imagem que tenho de mim é de uma pessoa que cometeu vários crimes e que não vai deixar que isso defina o resto da sua vida”</p> <p>“vergonha”</p> <p>“tristeza e vergonha”</p> <p>“arrependido e triste”</p> <p>“na altura sentia-me bem com as drogas mas agora sinto-me triste com o mal feito com a sociedade e a mim próprio”</p> <p>“de uma pessoa que usou a inteligência para o mal e que não soube pensar antes de acontecer”</p> <p>“sou o melhor marido e pai do mundo”</p> <p>“depois de ter cometido um crime não é uma imagem muito boa, pois comecei a refletir que não tinha necessidade de fazer essas coisas”</p> <p>“estou muito arrependido e se pudesse voltar atrás voltava”</p> <p>“não muito boa por enquanto”</p> <p>“a imagem que tenho de mim é que sou e fui um covarde em ter desobedecido a autoridade”</p> <p>“apesar de achar que nunca seria capaz de fazê-lo, acabei fazendo-o. Passei a conhecer melhor algumas limitações que tinha. Não me sinto descredibilizado perante os que me conhecem”</p> <p>“a imagem que tenho de mim é duma pessoa arrependida do que eu fiz”</p> <p>“má imagem”</p>

“arrependimento porque estou a sofrer (...) sou uma pessoa honesta, trabalhadora e não faço confusões com ninguém”

“tenho uma boa imagem da minha pessoa (...) sei que cometi um erro e não estou satisfeito em relação a isso mas estou a pagar por esse erro e quando sair quero um novo rumo para a minha vida e para a minha imagem”

“a mesma”

“vergonha de mim próprio”

“a imagem que tenho é de um rapaz novo que é um drogado e um ladrão que está a seguir o mesmo caminho do pai”

“no início senti-me uma pessoa má e triste por isso, mas agora vejo-me uma pessoa ainda melhor, capaz de ajudar o próximo quando mais precisa e sinto-me mais frágil a nível de sentimentos”

“desilusão com o meu comportamento, frágil, insegurança (...) eu tenho uma boa imagem de mim. Sou apenas uma pessoa que cometeu um grave erro um dia!”

“sinto-me envergonhado pelo crime que cometi, reconheço que a mulher não é nenhum objeto. Hoje estou bastante arrependido”

“muito mal comigo próprio já que usei a grande credibilidade que tinha e prejudiquei pessoas que confiaram em mim cegamente”

“a imagem é sempre a mesma mas vou melhorá-la”

“vergonha”

“igual à que tinha antes de não ter cometido nenhum crime”

“normal”

“arrependido”

“não devia fazer por mim nem pelos outros”

“uma pessoa frágil e triste”

“desiludido comigo próprio”

“de um grande estúpido e otário por fazer isto tendo tudo o que tenho, é o que a bebida e droga faz”

“a imagem que eu tenho de mim é revolta, porque como é que eu fui capaz de fazer o que fiz e estou muito arrependido”

“assustado, triste e um pouco revoltado comigo próprio, mas com muita força para ultrapassar a reclusão e lutar pelos meus sonhos”

“a imagem é de alguém que infelizmente teve de reincidir para ver que o crime não compensa. Iniciar de novo uma imagem de mudança”

“a imagem que sempre tive, uma imagem positiva e não me considero um criminoso!”

“agora tenho a oportunidade de querer tornar-me um homem com boas capacidades”

“creio que não mudei muito porque fui condenado por algo que não fiz, o meu erro foi confiar na pessoa errada”

Fatores do autoconceito -	“não fazer o mesmo erro”
Afirmações que especificam os	“responsabilidades, trabalho e bom caráter”
fatores que os	“ter a liberdade, trabalho, família e levar uma vida digna de viver”
	“trabalhar e sustentar a minha família”

reclusos acham que contribuem para uma imagem positiva de si próprio.	<p>“respeitar o próximo e aproveitar o que o E.P. nos oferece para nos tornarmos melhores cidadãos”</p> <p>“a minha imagem continua a ser a mesma, porque sou uma boa pessoa que sempre trabalhei para viver sem depender de terceiros, me acho boa pessoa, gosto e ajudar os outros”</p> <p>“ser honesto e trabalhador”</p> <p>“para mim o mais importante é se integrar na sociedade, arranjar um trabalho, tirar a minha carta é o mais importante da minha vida”</p> <p>“sou muito honesto com os reclusos e com os meus deveres, sou muito calmo e paciente, gosto de ajudar aqueles que eu vejo mesmo que passam necessidades, gosto de dar opiniões positivas para levantar a moral do pessoal e também gosto de ter higiene em tudo”</p> <p>“admitir o erro e depois mudar tudo o que esteve implícito nos acontecimentos e reforçar caminhos e memórias para o futuro”</p> <p>“bom comportamento, trabalho e respeito”</p> <p>“ser honesto e sério, bem apresentável, não andar na droga e ter boas estratégias e perspectivas para o futuro”</p> <p>“que tenham confiança em mim”</p> <p>”ser uma pessoa responsável e ciente do que quero para o futuro e uma das coisas que quero é não voltar para a prisão”</p> <p>“ser trabalhador, responsável e acima de tudo estar sempre disponível para a família”</p> <p>“conseguir superar os meus problemas”</p> <p>“ter estudos e um trabalho honesto”</p> <p>“em primeiro deixar as drogas e certos companheiros e amigos que nos levam para um mundo de dor e destruição. Em segundo arranjar ou constituir família, arranjar um trabalho. É só na rua, em sociedade, que poderei mudar a minha imagem...”</p> <p>“ser honesto, ser sociável com as pessoas e ter uma boa cultura”</p> <p>“confiar em mim próprio, ser honesto, trabalhador, cumpridor dos meus deveres e não ser perseguido por terceiros, caso contrário sou violento”</p> <p>“ter o apoio da minha família e amigos e saber que mesmo depois de ter cometido um erro grave não estou só”</p> <p>“considero-me uma boa pessoa e tenho uma boa imagem fora das drogas”</p> <p>“ser honesto e dar a conhecer-me às pessoas antes de falarem pelas costas”</p> <p>“aprender muito, refletir os erros cometidos e sair com bom ensino de vida”</p> <p>“recuperar e reforçar o espírito crítico em relação a comportamentos desviantes, manter-me fiel a esse objetivo, tendo um comportamento exemplar estarei de consciência tranquila”</p> <p>“(...) mudar de amigos e não voltar a beber”</p> <p>“tenho que mudar de companhias e alguns amigos”</p> <p>“saber o que quero, ir por bons caminhos, não confiar em todas as pessoas e dar mais valor a mim mesmo porque tenho muitas capacidades”</p> <p>“ter sempre uma boa educação e conhecer os direitos e deveres”</p>
---	--

	<p>“é importante ter um trabalho”</p> <p>“não consumir mais drogas pesadas, estudar para conseguir arranjar trabalho, conhecer amigos novos, fazer uma vida honesta e dar respeito aos outros para ser respeitado”</p> <p>“ser nós próprios”</p> <p>“autoestima, confiança, respeito por mim e pelos outros, reconhecimento das nossas capacidades”</p> <p>“saber comunicar com as pessoas, saber estar, saber colocar no lugar do outro e respeitar o outro”</p> <p>“ter respeito por mim e pelos outros”</p> <p>“honestidade, pulso firme, o resto conquista-se aos poucos, como o respeito”</p> <p>“estar integrado na sociedade”</p> <p>“um bom futuro”</p> <p>“ser igual a mim próprio”</p> <p>“fazer a minha vida normal e dar-me bem com todos”</p> <p>“voltar à liberdade, trabalhar, recomeçar uma nova vida e esperar que o futuro seja melhor”</p> <p>“fazer uma vida nova e conciliar-me com algumas pessoas da família”</p> <p>“deixar as drogas”</p> <p>“pensar que estou arrependido”</p> <p>“ser honesto, assíduo e responsável”</p> <p>“família”</p> <p>“autoconfiança, autocontrolo, ser honesto e, o mais importante é ser realista”</p> <p>“principalmente acreditar em mim mesmo, lutar pelos meus objetivos e não voltar a cometer os erros do passado”</p> <p>“mudar a maneira de ser na vida e definir projetos de futuro. O respeito pelos outros e o sentido de responsabilidade”</p> <p>“saber respeitar as pessoas para ser respeitado, ouvir e responder quando for preciso, saber estar com as outras pessoas”</p> <p>“caráter, responsabilidade, respeito, humildade e arrependimento”</p> <p>“isso depende de cada pessoa, mas eu pessoalmente tento respeitar as pessoas e demonstrar a minha educação”</p>
<p>Autoconceito em situação de reclusão - Afirmções que descrevam a forma como o recluso se vê após a reclusão.</p>	<p>“às vezes ando muito triste stressado”</p> <p>“sou um individuo muito calmo, sossegado, falo com toda a gente, brinco com todos, por isso não é por estar preso que isso muda”</p> <p>“para mim próprio mudei muito, sinto-me mais forte para continuar a minha vida para a frente e sem cometer mais crimes ou erros”</p> <p>“eu vejo-me a mim próprio mais forte física e psicologicamente, totalmente reabilitado e mais sociável com as pessoas”</p> <p>“eu próprio sou direto no que tenho a dizer, mas sou amigo do amigo”</p> <p>“agora sou uma pessoa mais responsável e com melhores pensamentos em relação ao futuro”</p>

		<p>“a forma como me vejo é normal, sou um tipo engraçado, simpático relaciono-me bem com as outras pessoas”</p> <p>“por enquanto não tenho muita noção de mim próprio pois a cadeia tira-me do sério”</p> <p>“continuo a ser a mesma pessoa que era antes do crime, com objetivos definidos e pronto para voltar ao meio livre vivendo de forma responsável”</p> <p>“sinto-me mais inseguro e com falta de confiança em mim próprio”</p> <p>“a forma como me vejo agora é que estou no fundo do poço e não sei como sair, mas estou a tentar mudar de vida e a deixar de consumir”</p> <p>“nunca pensei vir parar a uma cadeia porque sei como sou e sei a minha personalidade como é e tenho uma família 10 estrelas, por isso vejo-me como antes, mas talvez um pouco mais calculista e mais humilde”</p> <p>“sinto-me fracassado, mas confiante no futuro, embora a pena seja longa! Um dia retomarei a minha vida”</p> <p>“(…) perdi a minha maneira de ser”</p> <p>“destruíu a forma como me vejo”</p> <p>“revoltado comigo próprio”</p> <p>“a vida continua, tenho uma boa imagem de mim e vou dar a volta por cima”</p> <p>“tornou-me mais forte”</p> <p>“neste momento vejo-me com força para ultrapassar a reclusão e batalhar pelos meus sonhos no futuro”</p> <p>“mudei e o passado ficou lá atrás”</p> <p>“quero ser uma pessoa melhor”</p> <p>“sinto que fiquei sentado a ver a minha vida passar”</p>
Resiliência	Situação de reclusão - Afirmações que evidenciem de que forma a reclusão afetou a vida do indivíduo.	<p>“(…) agora sinto-me preparado para integrar me na sociedade com responsabilidade”</p> <p>“andar longe da família”</p> <p>“perdi a minha esposa, os meus filhos estão a passar muitas necessidades, isso me está afetado bastante, às vezes ando muito triste stressado. O crime não compensa”</p> <p>“a reclusão só me afetou financeiramente porque tinha o meu emprego já há muitos anos que trabalho com o mesmo patrão”</p> <p>“vejo a reclusão como um tratamento”</p> <p>“afetou-me em várias maneiras, em trabalho, pessoal e familiar”</p> <p>“a reclusão afetou a minha vida em partes positivas e negativas, a parte positiva foi dar valor à liberdade e às pequenas coisas da vida. A parte negativa foi o atraso da minha vida profissional para o futuro e estar sem a minha família todos estes anos”</p> <p>“tenho uma relação próxima com o meu filho e ficar impossibilitado disso provoca danos colaterais, pois existe sofrimento”</p> <p>“acho a pena injusta, demasiado tempo”</p> <p>“prejudicou a minha vida no geral mas principalmente com a minha família”</p> <p>“afetou-me muito, mas consegui adaptar-me bem”</p> <p>“afetou-me psicologicamente, mas vejo-me capaz de superar a vida”</p>

“acho que a reclusão está me tornando mais homem e a me ajudar a ver a vida de uma perspectiva diferente”

“a reclusão afetou a minha vida principalmente na minha área profissional, mas vejo-me capaz de voltar a conquistar o que tinha”

“afetou a minha vida em tudo, mas vejo-me capaz de superar e subir na vida”

“para muito melhor”

“com a reclusão ganhei de novo um sentido para a vida e foi com a mesma que ganhei a liberdade mental, porque a liberdade física um dia chegará, mas o ser livre de espírito e poder pensar com a própria cabeça essa é a liberdade mais difícil de alcançar a de livre pensamento. Com a reclusão revejo um novo recomeço para mim”

“perdi a família que estava a construir, tinha a minha namorada e o meu filho e fiquei sem eles, e o meu trabalho, já estava efetivo e perdi-o”

“não afetou. Livrou-me do stress e cansaço que tinha”

“a reclusão afetou a minha vida por completo porque nunca esperava passar por uma situação dessas que nos obriga a repensar na vida”

“afetou completamente a minha vida”

“afetou desde o início até agora”

“a mim afetou um pouco. Porquê? É um lugar onde não queria estar, mas estou”

“afetou de forma profunda, as relações interpessoais, familiares e sociais ficaram muito limitadas”

“afetou a minha vida em diversas coisas como por exemplo trabalhos, os meus filhos e não estou junto da minha família”

“a reclusão afetou-me porque estou preso desde 2009 e nunca tive precárias nem outros benefícios”

“afetou muito mas também foi um abrir de olhos para mim porque a família sofre mais do que eu”

“por um lado foi mau, mas ao mesmo tempo foi bom porque abri-me os olhos a certas coisas da vida e aprendi a dar valor à vida que era uma coisa que não dava. Claro que me afetou porque vir preso não é uma coisa que nos devemos orgulhar, mas vai passar”

“afetou bastante”

“a reclusão foi a bomba final que faltava”

“afetou toda a minha vida pessoal, familiar, profissional e académica. Todos os meus sonhos ficaram pelo caminho”

“perdi tudo o que tinha de bom, a família, os amigos, a liberdade, as coisas boas, a minha maneira de ser, a vida pessoal e profissional. Sinto que falhei, mas que vou a tempo de recuperar tudo o que perdi”

“afetou a nível profissional, destruiu a minha vida, a forma como me vejo. Estou preso injustamente e inocente”

“afetou muitíssimo, já que o meu maior projeto é a família, que amo mais que a própria vida”

“afetou em tudo”

“afetou por não estar perto dos meus filhos, da minha mulher, família e amigos”

“afetou muito, pois perdi o trabalho. Mas tenho que ter sempre uma esperança”

	<p>“privou-me da liberdade e retirou-me parte da adolescência”</p> <p>“alterou muito a minha vida pessoal e familiar mas com o esforço e apoio da minha família vou recuperar e integrar-me novamente na sociedade”</p> <p>“afetou um pouco a minha vida, deixei de ter estabilidade financeira para começar a ter esse apoio dos meus familiares e perdi a minha namorada”</p> <p>“afetou mais a minha família e filhos do que a mim próprio, eu não tenho medo de nada”</p> <p>“afetou a relação amorosa que tinha”</p> <p>“a reclusão está a afetar muito a minha vida, os meus planos e sonhos, o sonho de ser pai e conseguir uma estabilidade financeira que dê para viver o dia-a-dia e que seja legal”</p> <p>“afeta em vários fatores familiares e profissional”</p> <p>“afetou a minha vida familiar e causou sofrimento às pessoas mais próximas. A nível pessoal aprendi a não confiar nas pessoas e está servindo para definir algumas coisas na minha vida”</p>
<p>Adaptação à reclusão - Afirmações que se referem às estratégias usadas pelos reclusos na sua adaptação à situação de reclusão.</p>	<p>“como todos os outros reclusos”</p> <p>“respeitando as regras do estabelecimento e andar fora dos problemas”</p> <p>“aprender a viver e emendar erros que cometi no passado”</p> <p>“ter mais calma”</p> <p>“respeitar o próximo, estudar e participar em tudo o que seja possível para melhorar os meus conhecimentos”</p> <p>“foi um pouco difícil no principio porque ninguém está preparado mentalmente para esta situação, mas depois passou, tento não pensar no tempo, o corpo está preso mas a minha mente está livre e isso acho muito importante, força mental”</p> <p>“a minha adaptação foi normal e a minha estratégia foi a mais normal possível”</p> <p>“a minha adaptação foi aos poucos, tive de aprender a lidar com a reclusão e tive de respeitar para ser respeitado e levar a vida de reclusão como se fosse um dia na rua ou em liberdade”</p> <p>“a minha adaptação no inicio foi um pouco difícil, porque nunca tinha ficado privado da minha liberdade e ter que seguir certas normas do dia-a-dia que um recluso tem que ter. As estratégias que eu usei foram limpar-me das drogas, deixar todos os meus vícios, evitar confusões e andar sempre ocupado com ocupações e trabalho”</p> <p>“antes de mais assumir a culpa, depois ajustar atitudes e comportamentos à situação vigente, claro que não é fácil e dito assim até parece que é só estalar os dedos, não, tudo leva o seu tempo, mas temos que aceitar com subordinação as não abdicar da nossa personalidade”</p> <p>“inicio complicado e depois habituei-me, trabalhando e consultando o psicólogo”</p> <p>“primeira situação foi esquecer as drogas e trabalhar para poder empregar em liberdade e melhorar a vida e fazer uma família”</p> <p>“a estratégia que usei foi não me meter onde não era chamado, ver e não dizer e ser bem educado”</p> <p>“a minha adaptação foi normal”</p>

“a estratégia é simples, viver o dia-a-dia no meu canto juntamente com a minha calma e deixar andar. Para todo o princípio existe um fim”

“a minha adaptação foi complicada e o ser uma pessoa sociável fez com que tudo se tornasse mais fácil”

“a princípio com algum receio mas como me dou bem com todos vou-me adaptando conforme o possível”

“estratégias não usei aqui, simplesmente sou a mesma pessoa que era lá fora”

“vi que o clima cá dentro era e é pesado e a melhor forma de adaptar-me foi respeitar sempre o próximo, arranjar ocupações como escola, ginásio, artesanato e desporto. Isto cá dentro é um mini cosmos e passa-se de tudo um pouco”

“a minha adaptação foi boa, as estratégias que usei foram ser eu mesmo, amigo, honesto e uma pessoa alegre e divertida”

“foi uma boa adaptação. As estratégias foram saber viver com todos e ter o apoio da família”

“a minha adaptação foi um pouco difícil e a estratégia para me adaptar foi me desligar das coisas que aconteciam lá fora e viver um dia de cada vez”

“arranjando forças onde não tinha e mentalizar-me que tinha que fazer o meu tempo”

“quem disse que estou adaptado? Simplesmente penso na minha companheira e outras coisas reais que irei fazer quando sair desta selva”

“não usei estratégias porque sou bem visto pelo respeito, para ser respeitado”

“visto ser uma pessoa muito ativa em liberdade, com trabalho, com equipa de futsal, tentei manter-me o mais ocupado possível. O trabalho na biblioteca ajudou, a equipa de futsal de E.P. também. E para manter contacto com amigos escrevo imenso, tendo enviado já cerca de 1,300 cartas em 2 anos e 6 meses”

“a minha adaptação não foi muito boa porque ninguém gosta de estar preso mas desde que entrei dediquei-me ao trabalho e isso foi uma boa forma de me adaptar à reclusão”

“a minha adaptação foi normal porque não dou muita confiança”

“pensar na família e trabalhar para me ocupar na vida”

“a minha adaptação não foi má dado que tenho apoio familiar e também não muito tempo depois de ser preso arranjei trabalho no artesanato e isso ajudou-me muito na situação der reclusão que me encontro”

“normal, tentar ocupar-me ao máximo, aproveitar as poucas coisas que o estabelecimento tem de “bom” para mim. Vou sempre lutar por mim”

“foi um pouco difícil, a estratégia que adaptei foi dar-me bem com toda a gente”

“a minha adaptação e estratégias que usei é deixar o barco andar um dia de cada vez e não pensar na tristeza de vida que tenho porque já me tentei matar duas vezes por causa disso, e vou para a escola e ara o ginásio para deixar de pensar nos problemas que tenho para sair daqui e mostrar que sou uma pessoa muito forte e mostrar o meu valor à minha família”

“no início foi revolta. Sem estratégias, viver um dia de cada vez e fazer por merecer”

“não tive nenhuma estratégia, tentei dar o meu melhor para que me aceitassem, o resto a minha boa pessoa que tenho dentro de mim e o que sou encarregaram-se de escolher as pessoas certas para lidar”

“foi difícil, não pela reclusão mas pelo crime. Nunca me havia passado pela cabeça que iria ter um comportamento tão cruel. O tempo e o acompanhamento médico, apoio familiar e dos amigos do exterior foram formas de adaptação a este regime”

“a adaptação foi péssima, fiquei revoltado e não aceitei. Com o tempo fui obrigado a aceitar a realidade. Não é fácil, mas temos que aceitar”

“estou a ser medicado e acompanhado pelo médico. Tento deixar o tempo passar”

“ser eu próprio, já que adoro regras foi relativamente “fácil” a adaptação”

“manter-me firme”

“confiar”

“dar-me bem com os outros reclusos e também saber ocupar o meu tempo o melhor possível”

“a adaptação foi normal”

“no princípio foi difícil mas tive ajuda de algumas pessoas. De momento viver um dia de cada vez”

“manter a calma e integrar-me com os outros reclusos”

“aceitar e cumprir a minha pena, com educação e humildade para que possa voltar à minha vida normal com a família e amigos”

“a minha adaptação foi razoável, ser eu próprio e não dar confiança a ninguém”

“nenhuma, sou eu mesmo”

“não me meter no que não me diz respeito e ficar no meu canto. Assim adaptamo-nos”

“não foi nada fácil em todos os aspetos mas passada a fase inicial comecei a procurar ocupar o meu tempo com coisas úteis e que vão me ajudar quando sair daqui como estão a me ajudar agora na reclusão a passar o tempo”

“nos primeiros dias é sempre o mais complicado porque é um mundo desconhecido (...) a adaptação foi boa, a estratégia foi me dar com toda a gente o melhor possível. Mesmo sabendo que entrar neste lugar é fácil, o mais difícil é sair dele”

“foi difícil mas com o tempo fui me adaptando aos poucos”

“tento respeitar toda a gente e procuro apoio na minha família e amigos”

Sentimentos –
Afirmações que
revelam que
sentimentos os
reclusos
mencionam

“fiquei arrependido e com mal imagem”

“arrependimento porque é melhor sem crimes”

“acho-me uma pessoa honesta sincera sempre pronto para ajudar o próximo, mas super arrependida por me ter deixado cair na mesma tentação no mundo do crime”

“tive vergonha e arrependido do crime que fiz porque perdi muitas coisas na minha vida”

“a imagem que eu tenho de mim é que eu estou muito desiludido com as minhas más escolhas que eu fiz para a minha vida, que levou-me prisão. O arrependimento é o maior sentimento, neste momento”

“simpático, arrependido”

“uma pessoa controlada pela droga e envergonhado com o que fiz à sociedade”

“fiquei triste”

“vergonha”

“tristeza e vergonha”

“arrependido e triste”

“na altura sentia-me bem com as drogas mas agora sinto-me triste com o mal feito com a sociedade e a mim próprio”

“estou muito arrependido e se pudesse voltar atrás voltava”

“a imagem que tenho de mim é duma pessoa arrependida do que eu fiz”

“arrependimento porque estou a sofrer (...) sou uma pessoa honesta, trabalhadora e não faço confusões com ninguém”

“vergonha de mim próprio”

“no início senti-me uma pessoa má e triste por isso, mas agora vejo-me uma pessoa ainda melhor, capaz de ajudar o próximo quando mais precisa e sinto-me mais frágil a nível de sentimentos”

“desilusão com o meu comportamento, frágil, insegurança (...) eu tenho uma boa imagem de mim. Sou apenas uma pessoa que cometeu um grave erro um dia!”

“sinto-me envergonhado pelo crime que cometi, reconheço que a mulher não é nenhum objeto. Hoje estou bastante arrependido”

“vergonha”

“arrependido”

“uma pessoa frágil e triste”

“desiludido comigo próprio”

“a imagem que eu tenho de mim é revolta, porque como é que eu fui capaz de fazer o que fiz e estou muito arrependido”

“assustado, triste e um pouco revoltado comigo próprio, mas com muita força para ultrapassar a reclusão e lutar pelos meus sonhos”

Anexo 14: tabela dos testes de normalidade

Tabela 58

Testes de Normalidade

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Estatística	df	Sig.	Estatística	df	Sig.
Autoconceito global	.143	56	.006	.945	56	.013
F1 Aceitação/Rejeição Social	.180	56	.000	.931	56	.003
F2 Autoeficácia	.113	56	.072	.961	56	.071
F3 Maturidade Psicológica	.174	56	.000	.930	56	.003
F4 Impulsividade Atividade	.144	56	.005	.961	56	.068
ERA0 global	.163	56	.001	.923	56	.002
F1 Percepção Self	.126	56	.026	.946	56	.014
F2 Planeamento Futuro	.172	56	.000	.922	56	.001
F3 Competências Sociais	.131	56	.018	.942	56	.010
F4 Coesão Familiar	.169	56	.000	.944	56	.011
F5 Recursos Sociais	.194	56	.000	.942	56	.010
F6 Estilo Estruturado	.139	56	.009	.973	56	.234

Nota: a. Correlação de Significância de Lilliefors